FUNDADOR — JOAQUIM MANSO QUINTA-FEIRA, 8 DE DEZEMBRO DE 1960 ANO 40.º — NÚMERO 13 646

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFS.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155 REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SÁ
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

NÓS E A O. N. U. — (3)

pelo prof. dr. PAULO CUNHA

Os jornais de ontem á tarde traziam notícias de Nova York no sentido de que o grupo afro-asiático, concertado com outros aliados, se prepara para **boicotar** a eleição de Portugal para o Conselho de Segurança. Não é para mim total novidade: o estudo da composição numérica dos grupos eleitores, na Assembleia da O. N. U., e o conhecimento da paixão que ali vai derramada contra nós (oh! não contra nós por sermos nós, mas contra o mais forte bastião do Ocidente na estrutura ocidental da África), não deixam grandes esperanças acerca do resultado da votação. E desde que, como já acenei, até temos vantagem em evitar uma situação que se antolha cheia de espinhos, creio que pouco a pouco se ratifica a conveniência de abandonarmos a candidatura que com tanto donaire — e motivo de reconhecimento nosso — o grupo europeu subscreveu.

Mas tudo isso é problema de Governo, e a ele compete tomar as decisões que tiver por mais adequadas. Aos cidadãos cabe, neste momento conturbado que vivemos, expor o seu parecer, e assim contribuir para o esclarecimento do problema. Mas ao Governo, e não aos cidadãos, incumbe decidir. O que o Governo decidir — é o melhor.

De qualquer maneira, as notícias de Nova York precipitaram em mim a conveniência de desde já escrever o terceiro artigo prometido, adiantando as minhas pobres considera-

(Continua na 15.ª página)

A Imprensa do Quénia

continua a enaltecer o significado da visita do dr. Theotónio Pereira

NAIROBI, 8. — Prosseguindo no «Kenya Weekly News» a série de artigos sugeridos pela visita do ministro português Pedro Theotónio Pereira á África Oriental Britanica, o jornalista e historiador inglês Edward Rodwell, depois de elogiar a figura daquele membro do Governo lusitano, «um homem agradável», «perfeitamente á vontade», escreve:

«O que sobretudo o dr. Theotónio Pereira verificou foi que num território estrangeiro, a 10 000 milhas de costa do seu país, pelo mar, nesta colónia e protectorado de uma metrópole famosa, houve gente que mostrou compreender a História. Numa velha cidade da beira-mar, nesta costa da África, e numa vila próxima, houve gente a recordar acontecimentos em que houve amizade e ódio, com todos os cambiantes das relações humanas. O tempo, porém, esbateu o embate, mas não destruiu nem destruirá a História».

Edward Rodwell elogia depois o vice-cônsul de Portugal em Mombaça, o goês Félix Dias, a quem numa boa parte se devem o êxito e o brilho das comemorações a que o dr. Pedro Theotónio Pereira veio assistir, comemorações que «não só ajudaram a recordar a todo o povo a grande contribuição de Portugal para pôr em contacto raças e religiões diferentes, como auxiliaram, pelas lições do passado, a unir mais fortemente as comunidades portuguesas de todo o Mundo e salientaram que Portugal é uma nação estável, pacífica, calma e progressiva». — (A. N. I.).

Visado pela Comissão de Censura

Um momento histórico — o encontro entre Eisenhower e Kennedy. Dus administrações, dois partidos, a vitória e a derrota, mas só uma nação. Lição admirável e encontro que permitirá uma rápida transmissão de poderes

O povo chinês é o melhor amigo do povo soviético afirmou em Moscovo o presidente da China

MOSCOVO, 8. — «Posso garantir-vos ser o povo chinês o amigo mais certo e seguro do povo soviético e que permanecerá para sempre a seu lado» — declarou ontem numa recepção oferecida no Kremlin, em sua honra, o presidente da Republica chinesa, Liu Chao Chi.

Na sua alocução, o presidente da China afirmou que tanto ele como os membros da sua delegação, tinham ficado «completamente submersos, por uma vaga de sentimentos amistosos da parte do povo soviético».

O dirigente comunista chinês regressou hoje ao seu país.

Estiveram a despedir-se no aeroporto o presidente Leónidas Brezhnev e altos funcionários soviéticos.

Foram prestadas honras militares e uma banda executou os hinos nacionais dos dois países.

Em breve improviso, Brezhnev afirmou ao dirigente chinês que a sua visita tinha constituído «uma contribuição de tomo para a causa do fortalecimento e desenvolvimento de eterna e inviolável amizade entre os povos dos dois países.

«Esta amizade e a cooperação dela resultante — declarou — devem ser aclamadas por todos aqueles que defendem a causa da paz e independência dos povos, da democracia e do socialismo». — (A. N. I. e F. P.).

Os "BB" de Portugal e França defrontaram-se no Estádio Nacional *e empataram a duas bolas*

O Estádio Nacional não se apresentava emoldurado para este encontro entre os «bês» de Portugal e da França, com o publico numeroso, como é habitual em partidas internacionais. Justifica-se, porém, o facto devido ao frio, vento e chuva que se faziam sentir. Enfim, uma tarde inóspita para a prática do futebol.

A equipa portuguesa envergava camisa «grenat» e calções e meias azuis; o «team» francês apresentou-se com camisola azul, calção branco e meias encarnadas.

Os dois «onzes» entraram no rectangulo, lado a lado, precedidos do trio de arbitragem. Depois, perfilaram-se em frente da tribuna de honra, executando-se, então, os primeiros acordes dos hinos nacionais respectivos.

As equipas alinharam para o jogo do seguinte modo:

PORTUGAL—Rita; Lino e Hilário; Neto, Morato e Vicente; Carlos Duarte, Yauca, Jorge Humberto, Rocha e Uria.

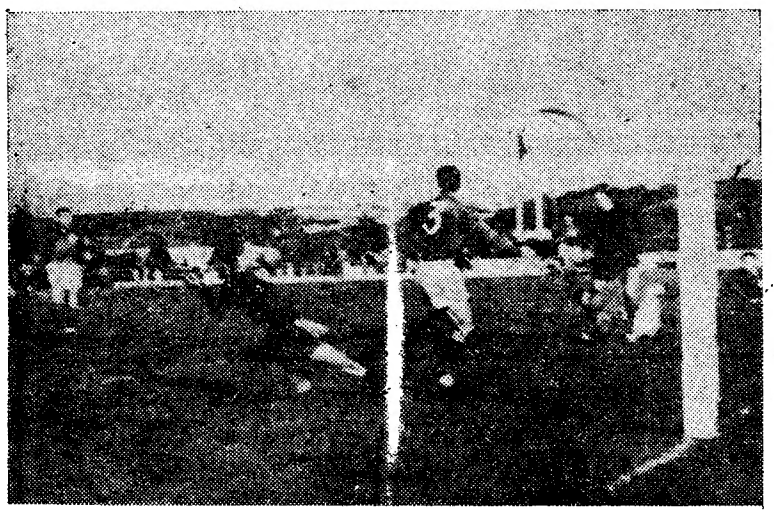
FRANÇA — Lamia; Peyroche e Fulgenzy; Ziemzack, Ludo e Moreau; Hess, Bruey, Roy, Theo e Faivre.

A equipa de arbitragem é formada pelos espanhóis Vicente Cabal-

(Continua na 16.ª página)

Diario de Lisbôa
PUBLICA HOJE
24
páginas
nas quais se inclui
«Vida Literária»

2.ª TIRAGEM



Um lance de muito perigo para as redes dos Franceses

Um grande leilão de objectos diversos e valiosos a favor da nossa campanha de Natal

Graças á grande campanha do «Diário de Lisboa» para um Natal em cada bairro, que suscitou um excepcional movimento de solidariedade abrangendo o País, toda a cidade estará em festa, ampliando-se o ambiente fulgurante, de envolventes sugestões, aos bairros populares, onde a população necessitada, as famílias pobres e seus filhos terão, este ano, o verdadeiro Natal, alegre, feliz, com mais abundancia e conforto no aconchego dos lares modestos.

A grande festa terá, também, aquele carácter de exteriorização do jubilo colectivo, do fraterno e amável convívio, inspirador do gesto amável, da generosa e franca comunicabilidade com o semelhante, do auxílio ao irmão desprotegido e ignorado, que assim não se sente ao desamparo nas horas solenes e exultantes da festa da família. Para isso a campanha em prol de um Natal em cada bairro se efectivará em festivas jornadas por toda a capital, culminando em apoteoses cintilantes e coloridas nos vinte locais onde rebrilharão — acendendo as esperanças e os sonhos dos humildes, dos pobres e das crianças cheias de contentamento — as «Árvores do Natal», com a luminosa florescência da bondade e o mágico universo de consoladoras realidades e deslumbrantes fantasias.

Com a valiosa colaboração material do Município, incluindo as máximas facilidades e as ornamentações para o efeito da cintilante espectacularidade, e outros não menos estimáveis elementos, o engenho e a inspiração de magnificos artistas e técnicos de decoração, aceleram-se os preparativos para o arranjo dos vinte locais onde, na sua cenografia colorida e rutilante, sugestiva e com a tradicional e radiosa simbologia, se celebram as festas do Natal para toda a população, efectivando-se os objectivos humanitários da grande campanha do «Diário de Lisboa», nas largas proporções que a generosidade dos

(Continua na 14.ª página)

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

Foram promovidos a general e a brigadeiros *quatro oficiais* do Exército e da Força Aérea

De cima para baixo e da esquerda para a direita: general Mira Delgado e brigadeiros Machado Barros, Castro Franco e Sá Viana Rebelo

Em Conselho de Ministros foram aprovadas a promoção a brigadeiro do Exército do sr. coronel tirocinado Sá Viana Rebelo e as promoções a general e brigadeiros da Força Aérea respectivamente dos srs. brigadeiro Mira Delgado e coronéis Machado de Barros e Costa Franco.

Aquele primeiro oficial general, que pertenceu primeiramente á arma de Engenharia, tem uma brilhante folha de serviços. Possui os cursos de Estado-Maior de Espanha e de Portugal e fez parte da Missão Militar Portuguesa de Observação que em 1939 se deslocou ao país vizinho. Foi professor da antiga Escola do Exército e do Instituto de Altos Estudos Militares. Desempenhou também as funções de chefe do Estado-Maior da L. P. Deputado da Nação, exerceu de 1950 a 1956 o cargo de subsecretário de Estado do Exército, de onde transitou para o de governador-geral de Angola, funções que só deixou no ano passado para freõuentar o Curso para a Promoção a Oficial Superior das Armas no Instituto de Altos Estudos Militares.

O sr. general Bernardo Tiago Mira Delgado, da Força Aérea, oriundo da arma de Engenharia, terminou em 1937 o curso de Aeronáutica para oficiais na Escola Militar de Aeronáutica. Possui também o diploma de engenheiro aeronáutico passado pela Escola de Engenharia de Honlaw, na Inglaterra. Desempenhou cargos docentes, de comando e de direcção, nas Oficinas Gerais de Material Aeronáutico, na Direcção do Serviço de Material, no Subsecretariado de Estado da Aeronáutica e no Estado-Maior da Força Aérea. Exerce actualmente o cargo de 1.º subchefe do Estado-Maior da Força Aérea.

Quanto ao sr. brigadeiro Manuel Pinto Machado de Barros, veio da arma de Artilharia para a Aeronáuca, onde fez o curso de piloto-aviador. Concluiu importantes cursos de especialização técnica na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos. Desempenhou, entre outros cargos docentes e de comando, os de professor catedrático da Escola do Exército e de comandante da Base Aé rea n.º 2.

O sr. brigadeiro José António de Almeida Costa Franco, também da Força Aérea, oriundo da arma de Infantaria, terminou, na Escola Militar de Aeronáutica, em Sintra, o curso de Aeronáutica Militar. Frequentou na Escola Militar de Perleberg, na Alemanha, e nos Estados Unidos cursos de especialização. Foi 2.º comandante da Base Aérea n.º 2 e 1.º comandante da Base Aérea n.º 4, nos Açores. Dirige o Serviço de Recrutamento e Instrução da Força Aérea.

Termina depois de amanhã o prazo para entrega *dos trabalhos do concurso* "O Natal visto pelas crianças"

De todos os pontos do País, alunos dos liceus, escolas técnicas, colégios particulares e escolas primárias estão a enviar á administração do «Diário de Lisboa» (Rua da Rosa, 57, 2.º, Lisboa-2) trabalhos destinados a «O Natal visto pelas crianças», concurso que o «Diário de Lisboa promove pela terceira vez. Iniciativa que revela o interesse do nosso jornal pelos problemas da arte infantil, campanha de divulgação dos princípios fundamentais desta matéria ainda tal mal entendida, cujo alcance e significado foram reconhecidos pelo Ministério da Educação Nacional, professores e encarregados de educação, «O Natal visto pelas crianças» é orientado por especialistas da educação pela arte. Interessa lembrar os parágrafos essenciais do regulamento do concurso:

● **«O Natal visto pelas crianças» dirige-se a todas as crianças até aos 14 anos.**

● **As crianças têm a liberdade de escolher os seus próprios assuntos dentro do tema dado.**

● **À imaginação da criança deverá ser dada completa liberdade.**

● Materiais — **Não haverá qualquer restrição sobre os materiais utilizados.**

● **A escolha das produções infantis não é feita sobre a técnica dos desenhos e pinturas mas sim sobre as que reunam melhores características — expressivas e firmes — e evidenciem melhor a psicologia e a sensibilidade infantis.**

● **A selecção será feita por especialistas da educação pela arte, tendo em atenção os escalões de idades.**

Termina depois de amanhã o prazo para entrega dos trabalhos que serão apreciados em diversas reuniões do juri, a primeira das quais se realiza na Casa da Imprensa, segunda-feira, ás 18 horas.

Em Alcobaça, o «Diário de Lisboa» encontra-se á venda na agência José Narciso da Costa, Suc.

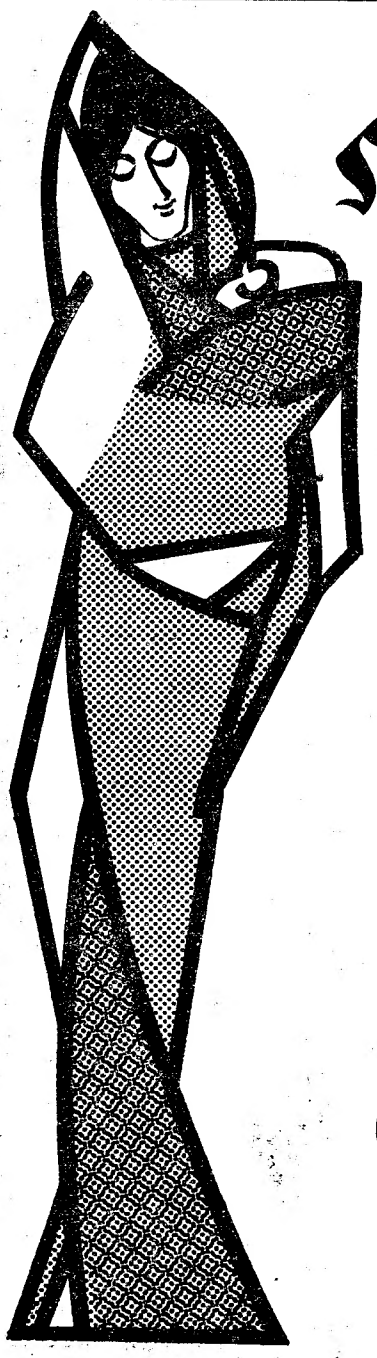
Subsídio a estudantes *concedido* pela Sena Sugar

Prosseguindo uma obra de assistência social ao seu pessoal que trabalha na Zambézia, a Sena Sugar Estates, Ltd., instituiu um subsídio de que poderão aproveitar os filhos dos seus empregados, até aos vinte anos, frequentando escolas ou cursos que não possam ser seguidos no local da residência.

O subsídio concedido é anual e constitui valioso auxílio para os empregados daquela Companhia açucareira que tenham filhos a educar. Será concedido aos estudantes que frequentem escolas na Europa, em Moçambique, na Federação das Rodésias e Niassalandia, na União da Africa do Sul e na India e poderá ser pago a partir da escola primária, desde que não haja escola deste tipo próximo da residência. Como na Zambézia e na vizinhança das localidades onde a Sena Sugar tem as suas plantações e instalações fabris não existem liceus nem escolas técnicas comerciais ou industriais, pode dizer-se que a medida agora adoptada pelo conselho de administração da Companhia abrangerá todos os filhos de empregados matriculados em cursos secundários. Para receber o subsídio basta fazer a prova de que o pretendente esteve matriculado no ano anterior.

OS VINHOS DE MESA
OURO DA TERRA
EM GARRAFAS DE 1 LITRO
SÃO BONS, NÃO SÃO MAIS CAROS E DÃO PRÉMIOS
ARMAZENISTAS EXPORTADORES:
SOC. DOS VINHOS DO SUL, LDA.
RUA LUÍS PINTO MOITINHO, 5-B
LISBOA TELEF. 843391 2

LACO
DISTINÇÃO E ELEGÂNCIA
•
GRAVATAS
CACHECOLS
LENÇOS DE ABAFO
•
LACO
HAMBURGO ● ALEMANHA



Saluzena
E
O
DIA DA MÃE

OFERTA DE FARINHA SALUZENA ÀS MÃES PORTUGUESAS, INTERNADAS NAS MATERNIDADES, HOSPITAIS E CASAS DE SAÚDE DE LISBOA, PORTO E COIMBRA.

promove

EXPOSIÇÃO DE LUVAS DA CASA ARMANDO DE SÁ, DO PORTO, NO HOTEL AVENIDA PALACE, DOS ÚLTIMOS MODELOS PARA O INVERNO, MALAS, SACOS, CASACOS, SOMBRINHAS, ETC. DAS 10 ÀS 22 HORAS

De passagem por Santarém, almoce ou jante no RESTAURANTE DA CAMIONAGEM RIBATEJANA.

De ontem para hoje

ESPÍRITO UNIVERSITÁRIO

Os professores da Universidade de Lisboa foram ontem á noite á Alcácova. Muitas vezes, com suas lobas, terão subido a encosta que leva ao castelo os mestres que o rei D. Dinis trouxe para ensinar nos seus Estudos Gerais. Os mestres deste século XX lá subiram ontem mais uma vez. Não era sarau de gala nos Paços Reais, mas um jantar de homenagem ao reitor Marcello Caetano que tanto brilho tem dado ás suas funções. Deixaram os ares lavados e vastos do Campo Grande para se impregnarem da história nessa coroa de pedra morena, e conviverem numa util troca de impressões. A obra do prof. Marcello Caetano foi enaltecida como merece, pelo prof. Galvão Teles e pelo aluno de Letras, Carlos Manuel Borges de Castro. No final, o sr. reitor da Universidade disse: «A Universidade é uma obra em que colaboramos, mas que não nos pertence na medida em que traduz a continuidade dos esforços e a soma das contribuições das gerações que nela se sucedem. Herdámos, os que hoje a representamós, um património: a nossa missão é a de transmiti-lo engrandecido e prestigiado aos que vierem depois de nós». E depois: «Se a reunião de hoje corresponde, pois, ao reforço em cada um de nós do espírito universitário, e se traduzir em maior culto da instituição a que todos, professores, assistentes, estudantes, neste momento pertencemos — pois bem, senhores, dou-vos graças por este grande dia!»

O FIM DA SUA NOITE

Foi encontrada morta, junto a uma casa isolada e desabitada, uma mulher de cerca de 40 anos, conhecida por Luísa Olímpia e que na região de Porto de Mós era conhecida mas sem se saber de onde vinha nem quem era sua família. Mergulhara há muito na escuridão da demência. Morreu agora a pobre, ao abandono como vivera. O corpo apareceu no lugar de Cameira de Cima (Juncal).

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da Republica recebeu ontem, em audiência, no Palácio Nacional de Belém, os srs. embaixador dr. Marcello Mathias, ministro dos Negócios Estrangeiros e capitão-de-mar-e-guerra Carlos Gomes de Amorim Loureiro.

O CHARUTO

O nosso camarada Santos Jorge é por igual apreciador de um bom pitéu e de um bom charuto. Quem se tenha ocupado da evolução da arte de bem comer tem havido muito, como esse Francisco Laje capaz de cozinhar um bom jantar e de dizer, tintim-por-tintim, como o comeriam D. Egas Moniz do Ribadouro ou o sr. D. João VI. Quanto á arte de fumar, que tem tantos ou mais apreciadores do que a arte de comer, não tem tido muitos estudiosos. Pois Artur Santos Jorge atirou-se á história e ontem, no jantar dos rotários de Lisboa-Norte, botou um suculento e erudito trecho de investigação histórica. Foi ao século XV e viu como fumavam os companheiros do Infante D. Henrique. E desde então até agora foi encadear as notas históricas e humorísticas na palestra «O Charuto através dos tempos». Sim, senhores! O charuto encontrou nos seus apreciadores um que não só o sacrifica, mas lhe conta a vida e enaltece as virtudes.

HOMENAGEM SINDICAL

Ontem os dirigentes dos grémios integrados na União de Grémios de Lojistas de Lisboa prestaram homenagem ao sr. Virgílio da Fonseca, antigo presidente da direcção e do conselho geral, cargo que exerceu durante 20 anos. A obra desse comerciante foi enaltecida por vários oradores: os srs. Aníbal David, actual presidente da direcção do organismo, Artur Chagas, Álvaro Costa, dr. Cortez Pinto, Henrique Leite, Hugo Raposo, Mendes de Oliveira, Augusto de Sousa, dr. França Vigon e Pancada da Fonseca. Virgílio da Fonseca agradeceu emocionado tal homenagem.

COM DOIS TIROS DE CAÇADEIRA

No lugar de Lamedo (Rossas), concelho de Vieira do Minho, David Luís, de 24 anos, solteiro, envolveu-se em desordem com outros indivíduos. Foi atingido e morto por dois tiros de arma caçadeira disparados por João Gonçalves, de 25 anos, que se entregou ás autoridades.

VIDA POLÍTICA

Com o sr. Presidente do Conselho trabalharam ontem os srs. ministro do Exército e subsecretário de Estado do Comércio.

O CAVALO E A CRIANÇA

Foi em Vila Pouca de Aguiar, agora muito encolhida com os nevões, entre os ventos cruzados das serras da Padrela e do Alvão. O sr. Manuel da Costa Rodrigues, viera de Paredes do Alvão, montado no seu cavalo. Atravessava o Largo Sousa Teixeira, as ferraduras faiscando lume na calçada. De sua casa saia a pequenina Idalina Maria da Costa Guedes, de 6 anos, filha do taberneiro sr. Domingos Guedes. O cavalo apanhou-a á frente e com as ferraduras esmagou o cranio da criança que seguiu em estado muito grave para o hospital de Vila Real.

Tragédia no Murtal

No Murtal está a ser construida uma escola. Andavam de rixa dois serventes de pedreiro que ali trabalhavam e residiam: Luís Machado dos Santos, de 36 anos, casado, natural de Elvas, e António Adriano Junior, de 55, natural de Muge. Este ultimo já esteve internado em tempos por doença mental. Ontem pegaram-se novamente á tarde; á noite discutiram outra vez e o António pegou de uma pá e com ela matou o seu companheiro de trabalho e desgraça. Foi preso.

PERFUMARIA
CEZAL

FUNDADA EM 1910

Grande sortido em perfumarias nacionais e estrangeiras. Produtos de beleza de reputação mundial; sabonetes Franceses e Ingleses. Camy, Pinaud, Palmolive, etc. A célebre pasta dentifrica Colgate a 19$80 cada. Cremes de barba Ingram, Colgate, Palmolive, Gibbs, Gillette, de fabrico de origem, etc. RUA DO COMÉRCIO, 12 e 14 TELEFONE 26498 LISBOA

Em Águeda, o «Diário de Lisboa» encontra-se á venda na agência Raul Conde.

Presentes do Natal

Para família e amizades, a oferta mais apreciada—e mais util, económica e saborosa — é a do Café d'A Mariazinha. (e Chá, Chocolate, Leite-creme, pudins, etc.).

Vale a pena ir um pouco mais longe para o obter, pois

Nada existe de melhor

Envia-se pelo correio
Rua Barros Queiroz, 28
Lisboa - 2

Av. Rio de Janeiro, 25 - B
— Frente à Igreja —
Lisboa — 5

Diario da OUTRA BANDA

Um subsídio de 20 contos para o Hospital de Alhos Vedros concedido pelo ministro da Saude

MOITA DO RIBATEJO, 8 — (Pelo telefone) — Cerca das 10 horas chegou a esta vila o sr. ministro da Saude que, a convite da Santa Casa da Misericórdia, visitou o novo hospital de Alhos Vedros. Aguardado pelas autoridades e por muito povo, o sr. dr. Martins de Carvalho dirigiu-se aos Paços do Concelho, em cujo salão nobre se efectuou uma sessão solene de boas-vindas. Com a assistência do governador civil de Setubal, o presidente da Camara Municipal da Moita saudou o ministro e agradeceu a visita. O sr. dr. Martins de Carvalho felicitou a Misericórdia pela continuação do Hospital de Alhos Vedros, para o qual se dirigiu depois com as autoridades presentes.

Construido junto do asilo e dotado de enfermarias para ambos os sexos e maternidade, o novo hospital foi percorrido com interesse pelo referido membro do Governo. Agradeceu a visita o provedor da Misericórdia, sr. Sebastião Encarnação Mira, que expôs vários problemas a solucionar. O sr. dr. Martins de Carvalho, felicitando-o pela obra realizada, prometeu, desde já, um subsídio de vinte contos para melhor instalação dos vários consultórios do novo hospital.

O sr. ministro da Saude regressou em seguida a Lisboa.

Casas de habitação para 4 famílias pobres de Setúbal

SETUBAL, 8 (Pelo telefone) — Com a presença do chefe do distrito, major Magalhães Mexia, de outras autoridades e muito povo foram hoje benzidas pelos respectivos párocos quatro casas de habitação doadas a outras tantas famílias, pobres e numerosas, em cada uma das quatro paróquias da cidade. As casas, construídas a norte do Bairro Presidente Carmona, devem-se á iniciativa da Comissão do Património dos Pobres, a que preside o vigário da vara, padre Fernando Martins. Foram construídas com contribuição oficial e particular, e fazem parte de um plano de 16 edifícios dos quais já se encontram concluídos 10. O mobiliário foi oferecido pela comissão paroquial de S. Vicente de Paula.

O cortejo de oferendas a favor do hospital do Barreiro

O mau tempo prejudicou a saída do cortejo de oferendas que hoje se efectuou na vila do Barreiro, a favor do Hospital Sul-regional. Só foi possível fazer-se a concentração, depois das 14 horas, na Avenida Marginal.

Estavam presentes o sr. governador civil do distrito, dr. José Rodrigues Bastos, e outras entidades civis, militares e eclesiásticas, vendo-se ainda muitas representações de agremiações económicas, culturais e desportivas e corporações de bombeiros. O carro alegórico da Misericórdia saiu á frente e nele se destacava a figura de uma jovem vestida simbólicamente de Rainha D. Leonor.

Seis viaturas se lhe seguiam, também ornamentadas com muito gosto e riqueza. Eram os carros alusivos ao comércio e á industria, que percorreram, numa atmosfera de comunicativa alegria popular, as principais ruas da vila.

As entidades oficiais referidas assistiram ao cortejo de uma tribuna armada junto ao Parque Dr. Oliveira Salazar.

Espera-se que a receita seja elevada, devido á grande acção desenvolvida pela Misericórdia e por toda a comissão organizadora.

ACIDENTE MORTAL quando cortava carne

SETUBAL, 8 (Pelo telefone) — Quando procedia ao corte de uma peça de carne num talho do Bairro Santos Nicolau, Francisco José de Sousa Cavaco, de 13 anos, atingiu o abdomen com o cutelo. Conduzido ao hospital de S. Bernardo, chegou ali morto.

Cinemas

ALMADA — Incrível Almadense — A's 21.15: «Flor de Maio» (17 anos) — Academia — A's 21.15: «Conversa de travesseiro» (17 anos).

COSTA DA CAPARICA — Cine Copacabana — (Não há espectáculo).

BARREIRO—Teatro-Cine — A's 21.15: «Com jeito vai, sargento» (12 anos).

AMORA — Cine-Teatro — A's 20.30: «Jovens solteiras» (12 anos).

MONTIJO — Cine-Teatro — A's 15 e ás 21.15: «Encontro com a vida» (17 anos).

PINHAL NOVO — Soc. Filarmónica — A's 14 e ás 17 (6 anos) e ás 21 (12 anos): «O despertar» e complementos.

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — Gameiro — L. António S. Jorge — Telef. 034100.

ALMADA — Castro Rodrigues — R. Capitão Leitão, 121 — Telef. 070076.

BARREIRO — Higiénica — R. Miguel Bombarda, 176—Tel. 023217.

COVA DA PIEDADE — Cerqueira — P. 5 de Outubro, 18 — Telef. 070254.

MOITA — União Moitense — P. da Republica.

MONTIJO — Higiene — R. José Joaquim Marques.

SESIMBRA — Leão — R. da Republica, 51 — Telef. 029025.

SETUBAL — Rosado Pinto — P. do Bocage, 98-99 — Telef. 22484 — e Nova — R. Gomes Freire — Telef. 22052.

(Nas localidades onde há uma só farmácia, esta encontra-se de serviço permanente).

com RURALGAZ Portugal inteiro cozinha melhor por pouco dinheiro

SÃO JORGE

TEL. { B-54154 / P-54153

HOJE ESTREIA

UM FESTIVAL DE ALEGRIA!

JOHN MILLS
CECIL PARKER

ÁS 21.15

(MAIORES DE 12 ANOS)

NUMA DELICIOSA COMÉDIA MUSICAL ESFUSIANTE DE ALEGRIA E ENCANTO JUVENIL, TENDO POR AMBIENTE UM GRANDE COLÉGIO!

UM ESPECTÁCULO INIGUALÁVEL DE GRAÇA E ENCANTAMENTO!

CORAÇÕES

(IT'S GREAT TO BE YOUNG)

EM

COM

JEREMY SPENSER
DOROTHY BROMILEY

e a colaboração de
OS RAPAZES DE "ANGEL HILL"
HUMPHREY LYTTLETON & sua orq. "THE CORONETS" e a
ORQUESTRA ESCOLAR SINFÓNICA DE LONDRES

MUSICA SINFONICA E MUSICA DE «JAZZ» PARA TODOS OS GOSTOS E PALADARES !

COROS! CANÇÕES E BAILADOS!

FESTA

em Technicolor

No programa:
A PEDIDO
a obra-prima
HUMOR ABSTRACTO

Argumento de **TED WILLIS**
Produção de **VICTOR SKUTEZKY**
Realização de **CYRIL FRANKEL**

Camilo de Oliveira

A B C

Emp. Teatral A B C
Às 20.45 e 23 horas
JOSÉ MIGUEL
apresenta
a popular revista

ESPERO-TE À SAÍDA!

QUE REGRESSOU

DE UMA TRIUNFAL «TOURNÉE»

e que continua a ser desempenhada por **SALÚQUIA RENTINI, CAMILO DE OLIVEIRA,** CLARISSE BELO LUÍS HORTA, HELENA VIEIRA, ORLANDO FERNANDES, MARIA CANDAL, MARIA DO ESPÍRITO SANTO.

Poltronas desde ..... 15$00
Balcão desde ..... 10$00

(ADULTOS)

VARIEDADES

HOJE, ás 21 e 45 h. (17 anos)

O GRANDE ÊXITO DE GARGALHADA

CUCURUCUCU

com RIBEIRINHO - H. SANTANA - IRENE ISIDRO - ASSIS PACHECO

Cartaz dos Cinemas

ESTREIAS DE HOJE — Coração em festa — A estrada da montanha — SÃO JORGE — POLITEAMA

SÃO LUIZ
Telefone 27172

15.15 - 18.15 e 21.30
(Adultos 17 anos)
3.ª SEMANA
Um super-«suspense» de **Hitchcock**

PSICO

com **Anthony Perkins** e **Vera Miles**
Em todo o Mundo não é permitida a entrada na sala depois do início de **Psico**

ÉDEN
Telefone 20768

A's 15.30 - 18.30 e 21.45
(Adultos 17 anos)
ULTIMOS ESPECTÁCULOS

GAROTA APIMENTADA

com **Jane Fonda** e **Anthony Perkins**
Uma história que deixa os espectadores de boca aberta com o calor da pimenta...

AVENIDA DE ALVALADE
Telefone 763080

A's 15.15 - 18.15 e 21.45
3.ª SEMANA
(Adultos 17 anos)

PSICO

Em todo o Mundo não é permitida a entrada na sala depois do início de **Psico**

ODEON
Telefone 24283

15.15 - 18.15 e 21.30
(M. 12 anos)
3.ª SEMANA
Em rigoroso exclusivo de época

MEUS AMORES NO RIO

com **Susana Freyre** e **Jardel Filho**
Uma história de raro encanto. Deslumbrantes aspectos do Rio de Janeiro. Canções admiráveis!
Ultraescope — Agfacolor

LIZ
Telefone 48560

A's 21 (M. 17 anos)

QUANTO MAIS QUENTE MELHOR

A LEVIANA

CINEMA IDEAL
Telefone 24194

Hoje, ás 21 h.
(M. 12 anos)

A CONQUISTA DO OREGON
O PROFESSOR AZARENTO

TIVOLI
Telefone 50595

A's 3 e 6.15 da tarde e 9.30 da noite
(M. 17 anos)
4.ª SEMANA
Uma vida de amores tempestuosos... Em Cinemascope

O SONHO DE AMOR

com **Dirk Bogarde, Genevieve, Page**

POLITEAMA
Telefone 26305

A's 21.30
(M. 12 anos)
NOTÁVEL ESTREIA!

A epopeia de um punhado de heróis

A ESTRADA DA MONTANHA

com **James Stewart** e **Lisa Li**
A HISTÓRIA DE UMA MISSÃO DE DESTRUIÇÃO

Hoje, ás 18.15: «**O REI E EU**», com Deborah Kerr e Yul Brinner. — (M. 12 anos).

CONDES
Telefone 22523

15.15 - 18.15 e 21.30 (M. 17 anos)
2.ª SEMANA
Eddie Constantine

ELE, ELA... E OS ESPIÕES

c/ **Française Brion** e **Française Prevost**
O poderoso Lemmy Caution, do F. B. I. (sempre acompanhado das mais lindas mulheres).

ROMA
Telefone 727778

A's 15.30 - 18.30 e 21.45
(M. 12 anos)
Jean Gabin

na sua mais extraordinária criação,

ARQUIMEDES, O VAGABUNDO

RESTELO
Telefone 610375

A's 21.15
(M. 12 anos)
UM AMERICANO EM PARIS
com Gene Kelly, Leslie Caron

TERRASSE
Telefone 20917

21.00 (M. 17 anos)
OS INVENCÍVEIS
com Alan Ladd

HÁ LODO NO CAIS

IMPÉRIO
Telefone 55134/5

A's 18.15 e 21.30
(Adultos)
Van Heflin, Charles Laughton e **Mylene Demongeot**
no vibrante filme

SOB DEZ BANDEIRAS

Um admirável estudo das reacções humanas perante a catástrofe da guerra.

SÃO JORGE
BALCÃO 54154
PLATEIA 54153

A's 21.30
ESTREIA
(M. 12 anos)
Em Technicolor

CORAÇÕES EM FESTA

John Mills — Cecil Parker
A's 15.15 - 18.15 — Ultimas — (M/17 anos)—«**O CIRCO DOS HORRORES**».

MONUMENTAL
Telefone 55131

A's 15 e 21 horas
(M. 12 anos)
7.ª SEMANA
Uma história dos tempos de Cristo

BEN-HUR

com **Charlton Heston — Jack Hawkins**
ATENÇÃO — Pede-se a todos os srs. espectadores para comparecerem pontualmente á hora do espectáculo

AVIS
Telefone 47163

A's 15.30, 18.30 e 21.45
(M. 12 anos)
Em Eastmancolor
Paquita Rico
surpreendentemente bela, sedutora e talentosa em

A TIRANA

ROYAL
Telefone 865037

A's 15 e 21 horas
(M. 12 anos)
O extraordinário filme

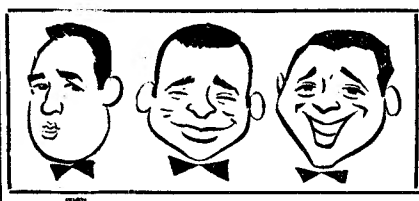
NOITE E A MADRUGADA

com **Zully Moreno** e **António Vilar**
No prog. — **IMPERADORES DO CRIME.**

CASINO ESTORIL

21.30 (M. 17 anos)

POR FAVOR NÃO COMAM OS MALMEQUERES
com Doris Day



CAPITÓLIO

Emp.ª «Figueira de Gouveia»
Às 20.30 e 23 horas
Ad. M/17 anos

HUMBERTO MADEIRA, RAUL SOLNADO e CARLOS COELHO

APRESENTAM EM 3.º MÊS DE TRIUNFAIS REPRESENTAÇÕES A ENGRAÇADÍSSIMA REVISTA POPULAR

A VIDA E' BELA!

UM MEMORÁVEL ÊXITO DE GARGALHADA!
com BERTA LORAN, HELENA TAVARES, MARIA CRISTINA, EMÍLIO CORREIA e a colaboração de
MIMI GASPAR

GERAL A 10$00 em confortáveis lugares

AVENIDA

Madalena

HOJE A NOITE
2 SESSÕES ás 20.45 e 23 h.
SÓ ATÉ DOMINGO
a farsa das farsas, com
ANTÓNIO SILVA

FLAUSINO
HOMEM DE LETRAS

no elenco: MADALENA DULCE — ADELINA e SEMEDO

Oferta de 1 lindo calendário 1961 a todos os compradores de bilhetes

(Para M/12 anos)
AMANHÃ, ás 21.45 h.

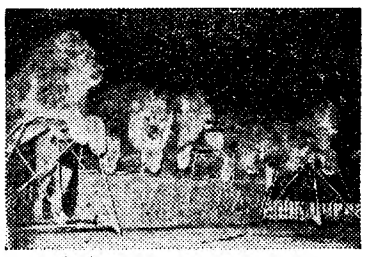
SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

Coliseu

Hoje e todas as noites, Grande Companhia Internacional de Circo com as mais variadas e celebres atracções. Espantoso! Únicos! Colossal!

O sucesso alcançado ontem, no Coliseu, com a estreia da Grande Companhia de Circo foi mais uma consagração da empresa que, ano após ano, continua a manter fielmente as suas tradições. Hoje e todas as noites, o publico pode ver Potassy, o rei dos ilusionistas, «Pick-Pockets», doze lindos cavalos sob luz negra, zebras, «ponneys»; cães colegiais, aramista, malabaristas, ciclistas, olímpicos, trampolim, balança, doze ferozes e garbosos leões e ainda duas engraçadíssimas parelhas de palhaços.



TEATRO NACIONAL DE DONA MARIA II
HOJE, ÀS 21 E 30 (12 ANOS)
UMA MULHER EXTRAORDINÁRIA
com PALMIRA BASTOS

UMA PEGA 6$50
DOÇARIA CASEIRA
só no BAR RIBATEJO — Pr. do Areeiro, 11-D
Fecha às 3,30 — Abre às 7 horas — Telf. 724111

A ÚLTIMA VIAGEM (The Last Voyage)
91 MINUTOS DO MAIS INTENSO SUSPENSE DE TODA A HISTÓRIA DO CINEMA!
AMANHÃ — GRANDE ESTREIA no CONDES

TEATROS E CINEMAS

Atrás do reposteiro

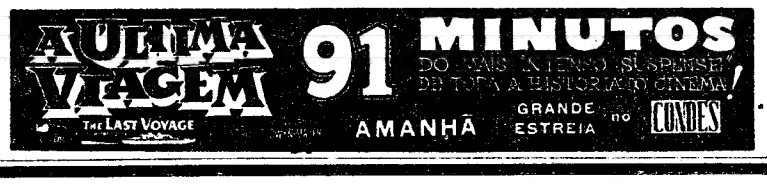
- O empresário Giuseppe Bastos começará, oportunamente, os trabalhos para deslocar, ás nossas províncias ultramarinas, uma companhia de revistas, que será a da actriz brasileira Eva Todor, actualmente a actuar no Teatro Sá da Bandeira, do Porto.
- No Teatro Experimental do Porto anunciam-se as ultimas representações da peça de Ionesco «O Rinoceronte», para se seguir a estreia da peça de Ibsen «Hedda Glaber».
- Está quase concluída a nova revista, que na terça-feira da próxima semana vai entrar em ensaios no Teatro ABC. Ainda sem título, são seus autores, Fernando Santos e Nelson de Barros.
- A companhia do Capitólio, que mantem em cena a revista «A vida é bela», prossegue nos ensaios da opereta «Campinos, mulheres e fados». A sua deslocação ao Porto continua prevista para a temporada da Primavera.
- É provável que a distribuição inicial da peça de Arthur Miller «Do alto da ponte», em ensaios no Teatro Nacional, seja alterada.
- Na altura da companhia do Monumental se deslocar ao Porto, deve transitar para aquele teatro, a do Avenida.
- Segue no domingo para a Polónia, onde vai participar no Grande Festival de Circo, que todos os anos se efectua em Varsóvia, o ilusionista português Jolson.

Primeiras exibições

«Sob dez bandeiras», no Império

A descrição notabilíssima, minuciosa e realista, de um episódio da luta naval que se feriu na ultima guerra entre as Armadas inglesa e alemã, levou ontem ao Império um publico interessado que encheu completamente a grande sala de espectáculos. Chama-se o filme «Sob Dez Bandeiras» e tem a assinatura de Dino Laurentiis. A interpretação das principais figuras coube a Van Heflin e Charles Laughton — que nos oferecem duas criações soberbas; Myléne Demongeot, que, além

(Continua na página seguinte)



LUSO

— Adultos — A's 21 e 30—NOITE DA MODA com o distinto artista MONIZ TRINDADE e ainda os populares artistas ALICE MAGINA — MARIA A. PROENÇA — Constança Nunes — JOAQUIM GERALDES — Eduardo Franco e o excêntrico JOÃO VIANA — Adelino Santos e Amadeu Rami.
Dia 16, NOITE DAS ESTREIAS — **LETRAS NOVAS — MUSICAS NOVAS — 20 produções em 1.ª audição**

Direcção de MODESTO MAIA

BREVEMENTE NO TRINDADE
Lutar até de madrugada
DE UGO BETTI
com Augusto de Figueiredo — Luísa Neto — Carlos José Teixeira — Carlos Wallenstein — Fernando Gusmão — Alves da Costa — Isabel de Castro

Numa encenação de CARLOS WALLENSTEIN
O DESESPERO DO HOMEM MODERNO E O PAVOR DA JUSTIÇA INEVITÁVEL
(ADULTOS — Maiores de 17 anos)

Amanhã simultâneamente nos cinemas EDEN e ROMA
Estreia às 21.45 (M/12 anos)

O tango volta de novo com uma "estrela" incomparável

SARA MONTIEL
Graciosa, picante, divertida e humana!

Espectacular realização de LUÍS CESAR AMADORI
com MAURICE RONET e ISABEL GARCES

último TANGO

Êxitos inolvidáveis:
"A MÉDIA LUZ"
"YIRA, YIRA"
"NOSTALGIAS"
"MANIQUI"
"YO TE QUIERO VIDA MIA"

Em maravilhoso Eastman COLOR
UMA COMÉDIA SENTIMENTAL E NOSTÁLGICA

O CONFLITO DE UM HOMEM DOMINADO PELA RESPONSABILIDADE DUM COMANDO, A QUEM O DEVER SUPRIMIU OS SENTIMENTOS!

UMA EPOPEIA HERÓICA! — UMA OFENSIVA DESESPERADA!

(M/12 anos)

JAMES STEWART

A ESTRADA DA MONTANHA
—THE MOUNTAIN ROAD—

UM FILME COLUMBIA
COM LISA LU GLENN CORBETT
HENRY (HARRY) MORGAN e FRANK SILVERA · JAMES BEST
ARGUMº ALFRED HAYES · DA NOVELA DE THEODORE WHITE · PRODUTOR: WILLIAM GOETZ · REALIZADOR: DANIEL MANN

EXTRAIDO DE UM FAMOSO «BEST SELLER»
DO MESMO PRODUTOR DE «SONHO DE AMOR» E «SAYONARA»

HOJE ESTREIA EXPLOSIVA NO POLITEAMA

MONUMENTAL
Em 2 sessões: A's 20.30 e 23 h.

101.ª REPRESENTAÇÃO
O MODERNO ESPECTACULO DA JUVENTUDE
LAURA ALVES
E A SUA COMPANHIA em
BOA NOITE, BETINA!
PREÇOS NORMAIS desde 5$00
(Adultos M/ 17 anos)
2 HORAS A RIR!

TEATROS E CINEMAS

(Continuação da página anterior)

do seu real talento, acedeu em se mostrar quase como uma rosa se oferece aos seus admiradores; Folco Lulli, tão exuberante de gordura como de á-vontade; e Eleonora Rossi Drago, numa criação dramática excelente. Muitos outros actores de óptima presença e real categoria contribuem para que o filme mantenha o espectador interessado na narrativa, da primeira á ultima imagem. Poderá dizer-se que neste filme é difícil distinguir os méritos da realização, do argumento ou da interpretação. Tudo parece estar tão certo e tão nivelado que não é possível salientar um factor, dos outros. Trata-se de uma obra de conjunto, de cinema do melhor, em que uma boa história serviu para fazer um bom filme. E como se trata de um episódio autêntico, da guerra contado com naturalidade surpreendente, o publico vive todos os pormenores com o mais evidente interesse.

A apreciação técnica do filme «Sob Dez Bandeiras» transcende as possibilidades das simples e curtas notas da Imprensa diária sobre as estreias normais. Os especialistas debruçar-se-ão, certamente, sobre esta reconstituição admirável, que esta reconstituição admirável, que nos fala uma linguagem cinematográfica que atinge muitas vezes pureza rara.

A humanidade que se deu á figura do comandante do navio corsário alemão, poderá parecer excessiva para um nazi. Não se deve esquecer, porém, que a guerra no mar, embora terrível, cruel e desleal como todas as guerras onde quer que se firam, é fértil em actos de comovente abnegação e de solidariedade. Sejam quais forem as bandeiras sob as quais navegam, os marinheiros têm sempre, com raras excepções, consciência de marinheiro. — *Visor 55.*

As estreias de hoje

No Politeama

Título — «A estrada da montanha».
Realização — Daniel Mann.
Intérpretes — Lisa Li. Glenn Corbett e Henry Morgan.
Argumento — Uma história de amor no ambiente da guerra na China.
Classificação — 12 anos.

No S. Jorge

Título — «Corações em festa».
Realização — Cyril Frankel.
Intérpretes — John Mills e Cecil Parker.
Argumento — Comédia musical.
Processo — Technicolor.
Classificação — 12 anos.

Companhia de Circo, no Coliseu dos Recreios

O espectáculo de circo do Coliseu, visto por Fernando Bento

A finura, a elegancia, a agilidade, um agudo sentido de modernidade convertem Potassy na primeira figura do cartaz do Coliseu. Hungaro de uma loquacidade e movimentação prodigiosas, corre a cortina de palavras e de gestos, atrás da qual executa os seus truques. Potassy podia ser um intérprete das Nações Unidas. Fala um português quase claro. Estabelece um diálogo com o publico, numa atmosfera de entusiasmo que a presença de uma «partenaire» de surpreendente beleza leva ao rubro. Potassy, ilusionista, sobretudo «pick-pocket», com a elegancia de Arséne Lupin e a sua eficiência, ludibriou as três mil e quinhentas pessoas que enchiam o Coliseu. Tem as mãos de um violinista e a perícia de Houdini. Um dos casos mais sensacionais do circo do nosso tempo.

Depois, os leões, sete leões gigantescos, realmente ferozes, que um jovem domador, sólido e arrogante como Ben-Hur, trajando á romana, tornando mais vivo o paralelo com o Circo de Roma, no desafio á morte, enfrenta e comanda. Os «Rolwood» são patinadores que nos chegam de Paris, do Casino, um punhado de jovens, elas admiráveis nos seus trajos vaporosos de bailarinas, eles de negro. Sobre a miniatura da pista do Coliseu, um estrado circular, atingem velocidades espantosas, em composições de extraordinária beleza.

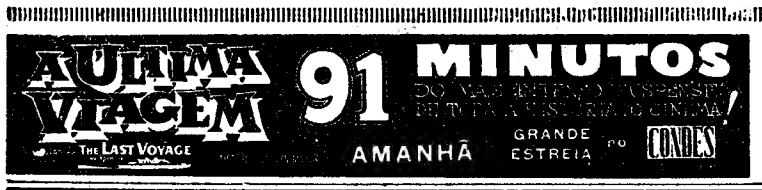
«The Four Kent» erguem pirâmides humanas sobre um monociclo. Três figuras sobre uma roda. Um prodígio de força e de equilíbrio! Na cama elástica, a família Alcaroz, frenética, mais veloz que o som, de uma ironia toda espanhola, avassaladora.

Duas parelhas de palhaços, os Pajares e os Caprani. Espanhois mas internacionais na linguagem universal do riso. O cómico na sua essência e nas novidades exigidas pelo tempo. O «gag», a anedota, o trocadilho, o ritmo alucinante, a máscara branca, a caricatura do trajo. Os Caprani criaram um clima de emoção executando Albéniz num xilofone que gotejava sons luminosos. Por fim, os cavalos e as zebras de Aphons, num «derby» colossal.

De Potassy, o Brumel dos «pick-pockets», o homem que desafia, todas as noites, três mil e quinhentas pessoas, aos leões de Balli, arrancados á selva africana, esta nova Companhia de Circo não marca sómente uma outra época, mas a renovação de um universo.

O espectáculo mais antigo do Mundo na casa mais vasta da Península para o publico mais entusiástico. — P.

Em Arraiolos, o «Diário de Lisboa» vende-se na agência do sr. Henrique Sylen Rosado.



ARQUIMEDES, O VAGABUNDO

a coroa de glória de

JEAN GABIN

ATENÇÃO!

O CINEMA ROMA E A DOPERFILME INFORMAM QUE A PELÍCULA **ARQUIMEDES, O VAGABUNDO**, APESAR DO ENORME SUCESSO ALCANÇADO, **ESGOTANDO AS LOTAÇÕES ATÉ ONTEM À NOITE**, É FORÇADA A SAIR DO CARTAZ, EM VIRTUDE DE COMPROMISSOS ANTERIORMENTE TOMADOS E INADIÁVEIS. TODAVIA, ESTE FILME CONTINUARÁ, **AMANHÃ, ÀS 21.45**, A SUA CARREIRA DE ESTREIA, **EM 2.ª SEMANA** NO CINEMA

AVIS

Revestir-se-á de grande pompa o casamento de Balduino e Fabíola na próxima quinta-feira

BRUXELAS, 8 — Embora o rei Balduíno tenha manifestado o desejo de que o seu casamento com Dona Fabíola de Mora y Aragón decorresse na maior simplicidade possível, o dia 15 será celebrado com pompa e brilho para que perdure nos espíritos como dia memorável na história da Bélgica.

A cerimónia civil principia ás 10 horas. Envergando o uniforme de general comandante em chefe das Forças Armadas da Bélgica, Balduíno apresenta-se com sua noiva, vestida de cetim branco, perante os convidados e os altos dignitários da Corte e do Governo, reunidos na sala do trono do Palácio Real de Bruxelas, onde se realiza a cerimónia civil, que dura cerca de meia hora. Até findar, a assistência mantém-se de pé.

Logo a seguir, organiza-se o cortejo oficial. O rei e Fabíola vão num automóvel com cobertura transparente. Não haverá paragens durante o percurso, tendo a Polícia recebido instruções severas para que mantenha a multidão, por detrás das barreiras que guarnecerão todo o percurso, a fim de conter o entusiasmo transbordante dos subditos de Balduíno, jubilosos por verem realizar-se o casamento há tanto desejado.

Em São Miguel e Santa Gúdula, os noivos sobem a escadaria sob o «dossel de aço» formado pelas espadas desembainhadas e erguidas de oficiais do Exército belga, entre os quais nove membros da associação militar denominada «Tenentes da Espada do Rei». Esta associação constituiu-se depois da segunda guerra mundial, sendo os seus membros os cadetes que mais se distinguem na Academia Militar e que, como prémio, recebem do rei uma espada.

O par real será recebido á entrada da catedral pelo bispo auxiliar de Malines, monsenhor Leon Joseph Suenens, lançando sobre ele a sua primeira benção, antes de o acompanhar ao altar. O acto desenrola-se depois com toda a solenidade do ritual católico.

Ao contrário do que acontece na cerimónia civil, em que a noiva permanece de pé, á direita de Balduíno, na cerimónia religiosa Fabíola ajoelha-se á esquerda do noivo, num dos dois genuflexórios colocados em frente do altar-mor.

No coro, dois príncipes da Igreja assistem ao casamento: o legado papal, cardeal Giuseppe Siri, e o primaz da Bélgica, cardeal Joseph Ernest Van Roey, arcebispo de Malines, que celebrará o acto, abençoará as alianças e proferirá uma breve alocução, depois da qual o cardeal Siri lerá a mensagem especial do Santo Padre para os noivos.

O primaz, o bispo auxiliar de Malines e o deão de Bruxelas, monsenhor Leonce Clement Boone, envergam os paramentos da inestimável colecção de Carlos V, que pertence ao tesoiro da catedral. A seguir á assinatura dos registos da paróquia de São Miguel e Santa Gúdula, o primaz cobre-se com a capa magna. Porém, a missa, própriamente, será oficiada por monsenhor Suenens.

● O dr. Marcello Mathias representará o Chefe do Estado

O organista da catedral, Emile Teirlinck, tocará os hinos no grande orgão. Durante a consagração, a seguir á qual o rei e a rainha receberão a comunhão, um grupo de trombeteiros militares executará a marcha de continência

A parte cantada estará a cargo do coro dos «Petits Chantres de la Collegiale» e do coro e orquestra de cordas da Rádio Nacional Belga. No fim da cerimónia, executar-se-á o hino nacional, «La Brabançonne». — (A. N. I.).

TRÊS MONARCAS REINANTES ASSISTEM AO CASAMENTO

BRUXELAS, 8 — Os nomes de três monarcas reinantes estão no cimo da lista dos convidados para o casamento de Balduíno e Fabíola, que inclui mais de uma centena de aristocratas.

O rei Olavo da Noruega, tio materno do rei Balduíno, far-se-á acompanhar de sua filha a princesa Astrid.

A rainha Juliana da Holanda estará presente na companhia de seu marido, o príncipe Bernardo, e das filhas, princesas Beatriz e Irene.

A grã-duquesa Carlota, do Luxemburgo, e o príncipe Felix virão a Bruxelas com o príncipe herdeiro João e sua esposa, Josefina Carlota, irmã do rei Balduíno, princesa Alix e esposo Antoine de Ligne e do príncipe Carlos.

Entre as famílias reais representadas contam-se: a princesa Margarida e seu marido, em representação da rainha Isabel de Inglaterra, o conde de Barcelona e o infante João Carlos, o ex-rei Humberto de Itália e sua esposa, o príncipe Alexandre da Jugoslávia.

Da família de Balduíno estarão presentes seu pai, Leopoldo, que o antecedeu no trono, e a princesa Liliane de Rethy, e seus filhos príncipe Alexandre e princesas Maria Cristina e Maria Esmeralda, a rainha-avó Isabel e seu irmão príncipe Alberto e a princesa Paola.

A família de Fabíola, estará representada designadamente por sua mãe, a marquesa de Casa Riera, pelo seu irmão marquês de Casa Riera, sua esposa e filhos.

Os duques de Bragança também assistirão á cerimónia.

Entre os chefes de Estado que se farão representar no casamento conta-se o presidente Américo Thomaz, de Portugal.

Anuncia a Corte belga que a representação foi confiada ao ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Marcello Mathias.

Também estarão presentes, como enviados dos Chefes de Estado da França, da Republica Federal da Alemanha, da Itália, do Brasil e de San Marino, os ministros dos Negócios Estrangeiros desses países. — (A. N. I.).

COMBATA A INDIGESTÃO

Tenha algumas Rennie na algibeira ou na sua malinha de mão... e, esteja onde estiver, ao primeiro sintoma chupe uma Rennie. O seu estômago normalizar-se-á ràpidamente.

As Rennie actuam com rapidez e suavidade por serem chupadas e a própria saliva dissolve os anti-ácidos levando-os ao estômago. Não são necessários doses maciças, para regularizar as secreções gástricas.

Se as Rennie não lhe derem alívios consulte o seu médico.

As Rennie são embrulhadas separadamente para se transportarem na algibeira. Não é preciso colher nem água.

PASTILHAS

RENNIE

Pacotes de 25 e 100 pastilhas a Esc.: 6$50 e 17$50

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA

10.º RECENSEAMENTO GERAL DA POPULAÇÃO

AVISO

Em ordem a informar e esclarecer o publico sobre as suas obrigações em relação ao Recenseamento e, em especial, ao modo de preenchimento dos boletins, comunica-se que funcionarão em toda a cidade os **POSTOS DE INFORMAÇÃO** a seguir enunciados, nos dias 9 e 10, das 16 ás 19,30 horas.

Junta de Freguesia dos Anjos — Rua dos Anjos, 49, 1.º

Junta de Freguesia do Castelo — Largo de Santa Cruz, 15

Junta de Freguesia do Coração de Jesus—Rua Conde Redondo, 78, r/c

A Voz do Operário — Rua da Voz do Operário, 13

Bombeiros Voluntários de Lisboa — Largo Barão de Quintela

Junta de Freguesia das Mercês — Travessa das Mercês, 23

Clube de Futebol de Santa Catarina — Calçada do Combro, 49, 1.º

Junta de Freguesia de Santa Engrácia—Calçada dos Barbadinhos, 36

Junta de Freguesia de São Mamede—Rua do Arco a S. Mamede, 48-B

Batalhão dos Sapadores Bombeiros — Avenida D. Carlos I

Centro de Educação Popular—Rua da Capela (Bairro da Liberdade)

Junta de Freguesia da Sé — S. João da Praça, 90, 1.º

Palácio da Independência — Largo de S. Domingos — Lisboa 2

Junta de Freguesia da Ajuda — Calçada da Ajuda, 236

Junta de Freguesia de Alcantara — Calçada da Tapada, 9

Junta de Freguesia dos Prazeres — Rua Pau da Bandeira, 32, 1.º

Junta de Freguesia de Santa Isabel—Travessa de Santo Ildefonso, 13

Junta de Freguesia de Santos-o-Velho — Rua da Esperança, 49

Bombeiros Voluntários da Cruz Branca — Rua Francisco Metrass

Junta de Freguesia de S. Francisco Xavier — Rua Doze, 15 — Bairro Caselas

Junta de Freguesia de Santa Maria de Belém — Largo dos Jerónimos, 3, r/c., dit.º

Junta de Freguesia de Alvalade — Rua Ernesto Vasconcelos

3.ª Companhia do Batalhão Sapadores Bombeiros — Avenida Rio de Janeiro

Fiscal do Bairro da Quinta da Calçada

Junta de Freguesia de Benfica — Rua de Benfica, 597, 1.º

Junta de Freguesia de Carnide — Rua-Fonte, 2

Junta de Freguesia da Charneca — Campo das Amoreiras — Charneca Lumiar

Junta de Freguesia do Luimar — Calçada do Picadeiro, J. F. L.

Junta de Freguesia de Nossa Senhora de Fátima — Avenida Marquês de Tomar, 106, r/c., esq.º

Grupo Excursionista «Os Económicos» — Rua da Beneficência, 115

Junta de Freguesia de S. Sebastião da Pedreira — Rua Filipe Folque, 25, r/c.

Junta de Freguesia de S. Domingos de Benfica — Estrada de Benfica, 220, 1.º, dir.

Junta de Freguesia de Campolide — Rua Ferreira Chaves, 12, 12-B., r/c., esq.

Junta de Freguesia do Alto do Pina—Rua Actriz Virgínia, 16, 1.º, esq.

Junta de Freguesia do Beato — Rua de Xabregas, 67, 1.º

Junta de Freguesia de Marvila — Rua Vale Formoso de Cima, 51 a 57

Junta de Freguesia da Penha de França — Rua Morais Soares, 32

Junta de Freguesia de St.ª Maria dos Olivais — Rua Conselheiro Ferreira do Amaral, 2

Posto de Acção Social do Bairro da Encarnação — Rua do Mercado — Bairro da Encarnação

Instituto Nacional de Estatística — Avenida António José de Almeida — Telef. 77 20 61

Junta de Freguesia de S. Jorge de Arroios — Rua Carlos José Barreiros, 4

Sporting Clube da Penha de França — Rua da Penha de França, 77

Clube Oriental de Lisboa — Praça David Leandro da Silva, 22, 1.º

Clube de Futebol Varejense — Rua Lopes, 54, 1.º

Oportunamente será publicado o horário de funcionamento dos referidos postos para os dias seguintes até ao dia 14.

Termina no dia 15

o prazo para inscrição

no Colóquio Nacional de Turismo

De 19 a 21 de Janeiro, a Direcção dos Serviços de Turismo do Secretariado Nacional da Informação vai promover o Colóquio Nacional de Turismo, cujos trabalhos se repartirão pelas seguintes quatro secções:

1.ª *Secção (Equipamento Turístico)* — *a*) industria hoteleira, sua planificação, preparação profissional, acção de assistência e inspecção por parte do Estado, cozinha e doçaria regional; *b*) novas formas de albergar turistas, moteis, parques de turismo e de campismo, aldeias turísticas, etc.; *c*) turismo social (organizações laborais ligadas á F. N. A. T.); *d*) defesa e aproveitamento dos valores turísticos nacionais (históricos, artísticos, paisagísticos, etnográficos, espeleológicos, cinegéticos e relativos á pesca).

2.ª *Secção (Recepção Turística)*— *a*) agências e postos de informação; *b*) agências de viagens, guias-intérpretes, etc.; *c*) transportes turísticos; *d*) simplificação dos serviços de fronteiras para passagem de pessoas e viaturas; *e*) problemas sociais e higiénicos (o pé descalço, a mendicidade, a proliferação de moscas e o hábito de cuspir).

3.ª *Secção (Propaganda Turística)* — *a*) estudo dos diferentes mercados com vista á planificação e incidência da propaganda; b) coordenação da propaganda dos serviços portugueses no estrangeiro (intercambio com embaixadas, consulados, Casas de Portugal, Centros de Informação e outros serviços oficiais); *c*) processos e meios de propaganda (Imprensa, Rádio, Televisão, Cinema e Publicações de turismo).

4.ª *Secção (Organização local do Turismo)*—*a*) tipos e sistemas de organização; *b*) coordenação das actividades dos orgãos locais de turismo com o organismo central).

Podem participar nas sessões de trabalho do colóquio, os dirigentes dos órgãos locais de turismo, e das Casas de Portugal e Centros de Informações, os presidentes dos Municípios, os representantes qualificados dos organismos corporativos integrados na Corporação de Transportes e Turismo, representantes de entidades privadas ligadas ao turismo e da Imprensa e funcionários do S. N. I.

Haverá também sessões plenárias, nas quais intervirão individualidades convidadas especialmente. Na ultima sessão plenária serão apresentadas as condições gerais, baseadas nos relatórios das sessões de trabalho de cada secção.

As inscrições para participação no colóquio devem ser solicitadas á direcção dos Serviços de Turismo do S. N. I. até ao dia 15 deste mês, com as seguintes indicações: nome completo, profissão, morada, a actividade que exerce ligada ao turismo. Das comunicações a apresentar deverá ser enviado á Direcção dos Serviços de Turismo, até ao dia 20, um resumo que não exceda duas páginas dactilografadas, a dois espaços, em papel de formato comercial. A admissão das comunicações será da competência da comissão executiva do colóquio.

Parece-nos desnecessário salientar a alta importancia desta iniciativa para o desenvolvimento futuro do turismo nacional.

Regionalismo

O Rancho Marisol na Casa do Alentejo

No próximo sábado, á noite, exibe-se na Casa do Alentejo o Rancho Regional Marisol, da Costa da Caparica. Haverá também baile até de madrugada abrilhantado pela Orquestra «Talismã».

Costa de SINTRA

Cinemas

AMADORA — Recreios Desportivos — A's 15 e ás 21.15 horas: «Pedro, o pescador» e variados complementos — (12 anos).

QUELUZ — Queluz-Cine — A's 15.30 e ás 21.15: «Avançada perigosa» e «Tecto do Japão»—(12 anos).

CACÉM — Cinema S. João — A's 15.30 e ás 21.30 «Cantinflas no circo» — (12 anos).

MEM-MARTINS — Cine-Chaby— A's 15.30 (6 anos) e ás 21.30 (12 anos): «O garoto do circo»

SINTRA — Carlos Manuel — A's 15.30 e ás 21.30: «Mulherzinhas» — (12 anos).

ERICEIRA — Cine-Casino — A's 21.15: «Kasim, o bandido» e «Jocko de Paris» — (17 anos).

Farmácias de serviço

AMADORA — Cavaca — R. Elias Garcia, 209-211 — Telef. 930019.

QUELUZ — Zeller — R. da Republica, 61 — Telef. 950045.

SINTRA — Marrazes — L. Afonso de Albuquerque — Telef. 980058.

S. PEDRO DE SINTRA — Valentim.

Resposta a um censor da "História da República" (7)

Antes de concluir esta parte da resposta ao censor da «História da Republica» que, sem que ninguém a isso o chamasse, lhe fez os reparos infundamentados a que nos temos referido, aludiremos a alguns dos seus erros de facto e interpretação, quando dissertou sobre a problemática das alianças para, com auxílio de compêndios e tratados, descrever o panorama da política europeia no começo deste século. Só pela necessidade de não deixar sem resposta as explicações dos seus ultimos artigos o faremos, pois, com essas divagações pelo campo da diplomacia, nada escreveu para provar que D. Carlos interveio em episódios relacionados com aquela política. Nada o rei fez para a celebração da Entente Cordiale contra o que escreveram os seus panegiristas (Vieira de Castro, António Cabral) nem para o aparecimento da Tríplice Entente, apresentada erradamente pelo sr. Gomes da Silva como uma «aliança defensiva» e como um «acordo anglo-rfanco-russo». Ao falar da problemática das alianças este fez uma exibição supérflua sobre matéria que não deveria tratar.

O que se segue afasta-nos do assunto destes artigos — a obra diplomática de D. Carlos—mas o sr. Gomes da Silva tornou indispensável o desvio. Para concluir que D. Carlos nada teve com a preparação e realização da Entente Cordiale nem com o aparecimento da Tríplice Entente era inutil divagar sobre as alianças europeias, sobretudo fazendo-o nos termos em que o fez. Da sua sebenta das alianças constam entre outros erros, os seguintes: Bismarck deixou deteriorar as relações entre a Alemanha e a Russia para favorecer a Áustria-Hungria, a expressão «Drang nach Osten» traduzia as aspirações do império austro-hungaro nos Balcãs, Delcassé foi um «simples agente» da Entente Cordiale. Como insistiu neles, tentando diluí-los e atenuar a sua significação, é preciso pôr em relevo a falta de fundamento das suas respostas.

Sobre o primeiro ponto (aliança germano-russa no tempo de Bismarck e sua deterioração para favorecer a Áustria-Hungria) disse ele ao iniciar a sua crítica da «História da Republica»: «Em 1871-72, Bismarck concluiu a aliança dos três imperadores (Alemanha, Áustria-Hungria e Russia). As duas ultimas eram rivais nos Balcãs e o chanceler exacerbou a Russia, apoiando as pretensões da dupla monarquia (Drang nach Osten)». Nesta passagem, com que abriu o estudo da problemática das alianças, há dois erros a que aludi na minha resposta ainda publicada na «Voz». «A manutenção de boas relações com a Russia, escrevi, foi uma constante da política do chanceler alemão (Bismarck) assegurada pelos tratados de 6 de Maio de 1873, 18 de Junho de 1881 e 18 de Junho de 1887». A expressão «Drang nach Osten» nunca se aplicou, até aparecer o sr. Gomes da Silva, para definir as pretensões da dupla monarquia.

Como respondeu a estas observações? Sobre o primeiro ponto — as relações dos impérios russo e alemão no tempo de Bismark — escreveu: «Decerto não constitui novidade que a Alemanha foi até onde pôde para evitar litígios com a Russia. Guilherme I na agonia fez ouvir este conselho, vero prodígio de bom senso: — Meu filho, nunca te ponhas de mal com o czar—. Dirigia-se ao sucessor, Frederico III, que só governou três meses. Bismarck fez por manter intacta a aliança dos três imperadores mas favorecendo a Áustria desgostou a Russia pelo que a muralha política-militar erguida por si se aluiu substituindo-a a Tríplice Aliança. Para além do fracasso, Guilherme II perseverou em atrair o colosso de Este (Russia) no intuito de neutralizá-lo e nesse sentido foram algumas das conversas que teve com Alexandre III (imperador russo). Mais tarde, existindo e funcionando o eixo Paris-S.Petersburgo, atraiu Nicolau II (sucessor de Alexandre III) á entrevista de Bjorkoe no Báltico onde o levou a assinar um tratado secreto com a Alemanha. Só depois o desprevenido soberano (Nicolau II) sentiu a temeridade do passo».

Bismarck manteve, através de tudo, as relações germano-russas num plano de confiança incompatível com concessões que as afectassem. Quando subiu ao trono, Guilherme II (em seguida ao curto reinado de seu pai), por conselho de Holstein e dos novos inspiradores da política externa alemã, fez essas relações entrarem num periodo de incompreensão e foi denunciado o tratado de 1887, o que tornou inevitável a aliança franco-russa. Esse erro pagou-o a Alemanha com a guerra em duas frentes, pesadelo do seu Estado-Maior. A entrevista de Bjorkoe não foi, ao contrário do que supõe o sr. Gomes da Silva, uma tentativa para reatar a política de Bismarck. Os tratados que este celebrou com a Russia visavam a França e o retorno ofensivo do seu exército. Quando o Kaiser num dos seus muitos actos inconsiderados atraiu o czar a Bjorkoe, visava a criação de uma aliança continental contra a Grã-Bretanha. O sr. Gomes da Silva tinha apenas que provar que o chanceler deixou de considerar as boas relações com a Russia como um artigo de fé enquanto desempenhou esse cargo e mesmo depois de o deixar, o que não fez.

A expressão «Drang nach Osten» (pressão para Leste) nunca foi

CARLOS FERRÃO

(Continua na 20.ª página)

Os membros do Governo assistem ao desfile

Mil e quinhentos legionários

desfilaram na Avenida da Liberdade perante quatro membros do Governo

Hoje, dia de Nossa Senhora da Conceição, sua padroeira, a Legião Portuguesa promoveu várias cerimónias, organizadas pelos diversos comandos distritais.

Em Lisboa, efectuou-se um desfile de mil e quinhentos legionários, desde o Parque Eduardo VII até ao Terreiro do Paço.

A Brigada Naval formou na Rua Castilho e três batalhões, com elementos dos quatro existentes, concentraram-se na avenida ocidental do Parque.

Estiveram ali o general Cotta Mo-

O desfile dos sapadores legionários

rais dos Reis, comandante-geral da organização, o tenente-coronel do Estado-Maior João Tiroa, chefe do seu estado-maior, e o comandante distrital, tenente-coronel Pinto Soares, comandante do Batalhão de Caçadores 5, que depois se dirigiram para junto do monumento aos Mortos da Grande Guerra, na Avenida da Liberdade.

Dali presenciaram, também, o desfile os srs.: coronéis Arnaldo Schulz e Almeida Fernandes, ministros do Interior e do Exército; dr. Baltasar Rebelo de Sousa e tenente-coronel Kaulza de Arriaga, subsecretários de Estado da Educação Nacional e da Aeronáutica; general Luís Domingues, governador militar de Lisboa; general Aníbal Vaz, comandante-geral da Guarda Nacional Republicana; brigadeiro Augusto de Freitas, segundo comandante-geral da Legião; brigadeiro Fernando Marques de Oliveira, comandante-geral da Polícia de Segurança Publica; coronel Luz Cunha, comandante da P. S. P. de Lisboa; comodoro Valente de Araujo, segun-

do-comandante da Brigada Naval; major Possidónio Goulão, chefe da secretaria do Comando Distrital; e diversos oficiais dos batalhões de Lisboa e dos terços do distrito.

Da Junta Central da Legião, estavam presentes os srs.: engenheiro José Frederico Ulrich, presidente, capitão Sá Rosa e drs. Gois Mota e Sollari Allegro.

Muitos populares assistiram ao desfile que se iniciou pouco depois das 10 horas, passando os legionários em continência ante o monumento e as entidades oficiais.

A' frente vinha a Brigada Naval, comandada pelo comandante de terço José Luís Simões e precedida pela sua charanga, á frente da qual um negro herculeo batia no tambor.

Seguiu-se o Batalhão n.º 1, comandado pelo comandante de terço dr. César Gonçalves, com três cães-polícias e uma secção de sapadores de assalto, com lança-chamas.

Desfilaram depois o Batalhão n.º 2, comandado pelo comandante de terço António Malheiro, e o n.º 3, formado por elementos do mesmo e do n.º 4, e comandado pelo dr. Lívio Borges.

Da Praça do Comércio, os legionários seguiram para a sede do Comando-Geral, excepto quinhentos, que se dirigiram á igreja de São Nicolau, onde assistiram a uma missa, com o ministro do Interior e alguns dos elementos oficiais que presenciaram o desfile e trinta filiados da Mocidade Portuguesa, em representação daquela organização.

No altar-mor, havia um friso de bandeiras da Mocidade.

Foi celebrante o padre dr. Gustavo de Almeida, que pronunciou uma alocução ácerca de Nossa Senhora da Conceição e do que ela representa, na História de Portugal desde a fundação da Nacionalidade. Disse que, se o seu altar está em Vila Viçosa, está também no coração de cada verdadeiro Português. Acentuou o valor da fé, afirmando:

— Vale mais um homem com fé do que mil homens, armados de espingardas, com o coração vazio!

Falando das dificuldades da hora presente, pediu, mais uma vez, a protecção da Padroeira de Portugal, e lembrou a frase de um gran-

(Continua na 11.ª página)

DUAS CRIANÇAS queimadas

uma das quais morreu

VISEU, 8. — Recolheu ao hospital desta cidade, onde faleceu pouco depois, Fernanda de Jesus, de 4 anos, filha do sr. António Gomes, residente em Soito de Golfar, concelho de Sátão, que em sua casa caiu ao lume.

— No mesmo hospital deu entrada José Rodrigues da Costa, de 3 anos, filho do sr. António da Costa, residente em Campo, concelho de Viseu, que sofreu gravíssimas queimaduras por também ter caído ao lume em sua casa quando se aquecia. O seu estado inspira sérios cuidados.

AVISO

Paquete VERA CRUZ

Avisam-se os srs. passageiros de que por motivo de força maior a saída deste navio, para Luanda e Lobito foi alterada para 10 do corrente, às 16 horas, do Cais da Rocha.

Companhia Colonial de Navegação

BRILHANTES

De qualquer tamanho e preços compramos.

Pagamos muito bem.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

Rua da Prata 251

A MÁ DIGESTÃO...

Muitas vezes, é provocada por excesso de acidez que interrompe a digestão, e causa azia e uma desagradável sensação de mau-estar.

ESTOMOVITE

dá um alivio imediato e volta a proporcionar ao estômago um funcionamento normal.

COUTO, L.DA — PORTO

O "Dia da M

foi hoje c

em todo

Começou hoje em todo o País, a comemorar-se a 23.ª Semana da Mãe. Pelas 9 horas e por intenção das mães portuguesas, e em honra da Imaculada Conceição, houve missa na igreja de S. Nicolau, celebrada pelo sr. arcebispo de Mitilene.

O templo encheu-se por completo. Estava decorado com panejamentos de seda azuis e brancos.

Frisos de bandeiras da Mocidade Portuguesa Feminina e grandes ramos de flores brancas ladeavam o altar, onde fizeram guarda de honra filiadas empunhando bandeiras e guiões da Organização.

Acolitou o rev. dr. Gustavo de Almeida, assistente da M. P. F. e prior de S. Nicolau.

Ao Evangelho o sr. arcebispo de Mitilene proferiu uma homília sobre os deveres das mães.

Comungaram muitas dezenas de filiadas da M. P. F.

A missa foi acompanhada por um coro de muitas dezenas de filiadas da M. P. F., sob a direcção da professora sr.ª D. Olga Violante.

A seguir àquela cerimónia a sr.ª D. Mafalda de Castro Vaz Pinto, dirigente da Obra das Mães e como mãe de numerosa prole, leu a fórmula da Consagração das Mães a Nossa Senhora da Conceição.

Depois, a filiada da M. P. F. Maria Real dos Santos Serra leu a habitual consagração a Nossa Senhora dialogada e que foi acompanhada pelo coro das raparigas.

Entre as individualidades mais destacadas presentes citam-se as dirigentes da Obra das Mães pela Educação Nacional, tendo á frente a respectiva presidente sr.ª condessa de Penha Garcia, e da Mocidade Portuguesa Feminina, com a comissária nacional sr.ª D. Maria Guardiola; rev. dr. Alves de Campos, assistente nacional da M. P. que representava o sr. brigadeiro Pereira de Castro, comissário nacional da M. P., etc.

Exposição de berços da M. P. F.

Na sede da subdelegação da Mocidade Portuguesa de Lisboa — Liceu D. Filipa de Lencastre — realizou-se hoje, pelas 15 e 30 a inauguração oficial da exposição dos berços, alcofas e enxovais, confeccionados por filiadas da Organização.

A cerimónia teve a assistência das esposas dos srs. ministro da Educação Nacional e secretário de Estado da mesma pasta, que foram recebidas pelas sr.as dr.ª D. Maria Guardiola, comissária-nacional da M. P. F., e dirigentes da Organização, reitora e professoras do Liceu e condessa de Penha Garcia e mais senhoras da Obra das Mães.

A exposição estará aberta ao publico amanhã das 14 ás 17 horas, e no sábado e no domingo das 13 ás 17 horas.

Em Setúbal

SETUBAL, 8. (Pelo telefone). — Em comemoração do Dia da Mãe, a M. P. Feminina, de que é subdelegada regional a sr.ª D. Ausenda Paulino Pereira, promoveu a celebração de missa na paróquia de S. Julião.

Aquascutum

BURBERRY'S

Moseley

GABARDINES INGLESAS

NUNES CORRÊA

Alfaiates

250. RUA AUGUSTA, 252

A fórmula culada foi li Luísa Magall presidente d a distribuiçã cionados por á sr.ª D. A posa do chef ram um ram

Flo

par

do Che

Assinalando filiados da prestaram, es á esposa do publica.

Um grupo falange, con Costa, Zózim Viegas, Silve Simões e Vít de castelo R ram-se, ás 1 particular do Bairro do R ram um lind melhas á sr.ª gues Tomás, acompanhada sr.ª D. Maria

A cerimónia com extrema confortável s sa do sr. almi recebeu o ran do sr. Rolan simbolizar a v das as mães bilizada, agra formulando v os visitantes com as suas

Com o mes les graduados nas respectiv de flores ás do subsecretá cação Naciona do comissári Pereira de C concelho de P posas dos con juntos, dr. R dr. Silva Cunh

O ten

pr

e cort

SANTAREM Esta região temporal, bati e chuvas con já se esperav ções dos camp e dos seus a lha de Rodão horas, nove Barquinha, á tros e setent dia, seis e oi tarém, ás 9 cinco, e ao m cinco. As cor tadas entre a e Alcanhões e e Azinhaga.

O diq foi galga

O dique dos las águas que cações no can da entre esta Também a Vi inesperadame inundando tod gião.

O ano agríc invernia, ofere pectivas.

VÍTIMA

foi hospita

EVORA, 8 (

SERVIÇ

GRANDE VAR

OURIVES

Rua Augusta

... da Mãe"

...i hoje celebrado ...m todo o País

...o País, a ...nana da ...intenção ...m honra ..., houve ...colau, ce... de Miti...

...comple... ...paneja... ...ancos. ...Mocidade ...grandes ...adeavam ...uarda de ...ndo ban... ...zação. ...stavo de ... P. F. e

...bispo de ...mília so...

...zenas de

...ada por ...as de fi... ...direcção ...Violante. ...ia a sr.ª ...z Pinto, ...s e como ...eu a fór... Mães a ...ão. ...F. Ma... ...eu a ha... ...a Senho... ...mpanha...

...es mais ...m-se as ...ães pela ...á frente ...condes... ...Mocidade ...a comis... ...ia Guar... ...mpos, as ...que re... Pereira ...onal da

...os

...da Mo... ...oa — Li... — rea... ...a inau... ...ção dos ...confec... ...rganiza...

...sistência ...istro da ...tário de ...e foram ...). Maria ...onal da ...rganiza... ...do Liceu ...a e mais ...s. ...a ao pú... ...7 horas, ... das 13

...one). — ...da Mãe, ...é subde... ...Ausenda ...a cele... ...quia de

...m ...S ...AS ...RÊA ...I ...a

A fórmula da consagração á Imaculada foi lida pela sr.ª D. Maria Luísa Magalhães Mexia, esposa do presidente do Município. Seguiu-se a distribuição de 20 berços confeccionados por filiadas da M. P. que á sr.ª D. Alice Pita Bastos, esposa do chefe do distrito, ofereceram um ramo de flores.

Flores *para a esposa* do Chefe do Estado

Assinalando o «Dia da Mãe», os filiados da Mocidade Portuguesa prestaram, esta tarde, homenagem á esposa do sr. Presidente da Republica.

Um grupo de comandantes da falange, constituido por Rolando Costa, Zózimo Silva, Libertário Viegas, Silvestre Brilhante, Pedro Simões e Vítor Camara, e o chefe de castelo Rui Sequeira, deslocaram-se, ás 12 e 30, á residência particular do Chefe do Estado, no Bairro do Restelo, onde entregaram um lindo ramo de rosas vermelhas á sr.ª D. Gertrudes Rodrigues Tomás, que se encontrava acompanhada de sua filha solteira, sr.ª D. Maria Natália.

A cerimónia foi breve e decorreu com extrema simplicidade. Na sua confortável sala de estar, a esposa do sr. almirante Américo Tomás recebeu o ramo de flores das mãos do sr. Rolando Costa, que disse simbolizar a veneranda senhora todas as mães portuguesas. Sensibilizada, agradeceu a homenagem, formulando votos para que todos os visitantes «sejam muito felizes com as suas mães».

Com o mesmo simbolismo, aqueles graduados da M. P. ofereceram, nas respectivas residências, ramos de flores ás esposas do ministro e do subsecretário de Estado da Educação Nacional, assim como á mãe do comissário-nacional, brigadeiro Pereira de Castro, em Caldaria, concelho de Porto de Mós, e ás esposas dos comissários-nacionais adjuntos, dr. Romão Duarte e prof. dr. Silva Cunha.

A sr.ª D. Gertrudes Tomás recebe das mãos do comandante de falange da M. P., Rolando Costa, um ramo de rosas

Ignora-se o destino *de um navio espanhol* que pediu socorro ao largo do Cabo Espichel

Não há neste momento em Lisboa, quaisquer notícias concretas sobre a situação de um navio espanhol (ao que se supõe uma traineira), que ontem, ao largo do Cabo Espichel, pediu socorro.

Iria nesse momento á deriva, com avaria nas máquinas.

O S. O. S. que lançou foi captado por uma unica estação na Europa — a Rádio Naval de Cascais — que imediatamente lançou o alerta, para que fosse prestada assistência ao «Dinino Coerea».

Porém, devido á agitação do Atlantico, nenhuma unidade do porto de Lisboa, logrou aproximar-se da zona indicada pelo capitão do navio em perigo.

Soube-se, entretanto, que um navio inglês seguia corajosamente para o local, disposto a socorrer o «Dinino Coerea», apesar de todas as dificuldades.

Insistentemente, mas em vão, a Rádio Naval de Cascais tentou, pela tarde adiante e durante a noite, estabelecer contacto com o «Dinino Coerea».

Várias hipóteses se podem formular. Terá o capitão do navio em perigo conseguido reparar a avaria pelos seus próprios meios e seguido viagem?

Ou ter-se-á o barco afundado, com toda a sua tripulação?

Por sua vez, a estação de rádio costeira de Vigo, entrou em contacto com as autoridades navais portuguesas, para obter informações.

O representante em Portugal dos seguros espanhois, ignora igualmente tudo sobre a sorte do navio.

O temporal no Ribatejo *provocou grandes cheias* e cortes de comunicações

SANTAREM, 8 (Pelo telefone) — Esta região continua sob violento temporal, batida por vento ciclónico e chuvas constantes. Deu-se o que já se esperava quanto ás inundações dos campos marginais do Tejo e dos seus afluentes. Em Vila Velha de Rodão, o Tejo atingiu, ás 9 horas, nove metros e oitenta. Na Barquinha, á mesma hora, seis metros e setenta e oito, e, ao meio dia, seis e oitenta e oito. Em Santarém, ás 9 horas, seis metros e cinco, e ao meio dia seis e vinte e cinco. As comunicações estão cortadas entre a Ribeira de Santarém e Alcanhões e ainda no Pombalinho e Azinhaga.

O dique dos Vinte foi galgado pelas águas

O dique dos Vinte foi galgado pelas águas que cortaram as comunicações no campo da Golegã e ainda entre esta vila e a Chamusca. Também a Vala da Asseca tomou inesperadamente grande volume, inundando toda a baixa naquela região.

O ano agrícola, prejudicado pela invernia, oferece agora piores perspectivas.

VÍTIMA DO FRIO foi hospitalizado em Évora

EVORA, 8 (Pelo telefone) — Na estrada de S. Miguel de Machede, ás Courelas da Toura, foi encontrado inanimado junto de uma bicicleta o jornaleiro agrícola sr. Elias Prates, de 59 anos, solteiro, residente na segunda daquelas localidades, vítima do frio e do temporal.

Foi transportado para o Hospital da Misericórdia de Evora, em estado muito melindroso.

SERVIÇOS DE CHÁ
GRANDE VARIEDADE — FABRICO PRÓPRIO
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253 — Tel. 2 4564

LORD
APRESENTA
CHAPÉUS INGLESES
SPORT
Christys'
FUR & NYLON
RUA AUGUSTA, 201

SETE HOMENS mortos por uma faísca em Sá da Bandeira

LUANDA, 8. Violento temporal assolou, ontem, Sá da Bandeira e arredores. Uma faísca atingiu mortalmente sete homens na vizinha povoação de Palanca. Uma outra faísca matou no mesmo local, 33 cabeças de gado bovino e interrompeu as comunicações telefónicas com Sá da Bandeira. Na povoação de Palanca, especialmente nos bairros indígenas, reina a maior consternação. — (L.).

O Governo espanhol conhece o paradeiro de Lagaillarde

MADRID, 8. — Um porta-voz da Embaixada francesa disse, hoje, em Madrid, que o deputado Lagaillarde se encontra nesta cidade, e o Governo espanhol conhece o seu paradeiro.

O informador acrescentou que não foi levantada a questão da extradição. — (R.).

Romagem ao túmulo de Magalhães Lima

Um grupo de republicanos democratas realizou, esta manhã, uma romagem ao tumulo do grande tribuno e jornalista dr. Magalhães Lima, assinalando a data da sua morte.

Depois de alguns momentos de silêncio, foram depostos na base do tumulo vários ramos de flores.

Dois bairros para trabalhadores foram hoje inaugurados em Reguengos de Monsaraz e em Beja

ÉVORA, 8 *(Pelo telefone)*.—O sr. ministro das Corporações e Previdência Social, que hoje termina a visita de três dias que veio fazer aos distritos de Santarém, Portalegre, Évora e Beja, foi esta manhã a Reguengos de Monsaraz, acompanhado dos srs. drs. Baptista da Silva, vice-presidente da Junta Central das Casas do Povo; eng.º Santos Costa, vice-presidente da Federação de Caixas de Previdência — Habitações Económicas; e dr. António Monteiro, vogal da Comissão Executiva da Junta de Acção Social.

No salão nobre dos Paços do Concelho, houve uma sessão de boas-vindas, após a qual o ministro e a sua comitiva seguiram para o bairro a inaugurar, construído pela Casa do Povo local. Cortada a fita simbólica pelo sr. dr. Veiga de Macedo, foi, a seguir, descerrado um marco que perpetuará o reconhecimento dos naturais de Reguengos de Monsaraz á família Sousa Fernandes, que tornou possível, pela sua benemerência, a construção do importante aglomerado de casas de renda económica para trabalhadores.

Depois, houve uma sessão solene em que usaram da palavra os srs. Manuel Serras Ventura, dirigente da Casa do Povo; Sousa Fernandes, em representação da sua família; dr. Baptista da Silva e o ministro.

O vice-presidente da Junta Central das Casas do Povo começou por dizer que as casas que se inauguravam se juntavam aos 5 blocos já construídos pela benemérita família Sousa Fernandes que, «num gesto de louvável compreensão pelas importantes finalidades sociais das Casas do Povo, entendeu dever ser a Casa do Povo de Reguengos de Monsaraz a administrar e distribuir as habitações construídas. Por escritura publica, de 7 de Agosto de 1958, passou a propriedade dessas habitações para a Casa do Povo desta freguesia com a condição de ela assumir o encargo inerente á construção de novo agrupamento. Desta forma mais algumas famílias passam a ter á sua disposição instalações condignas, mediante o pagamento de uma renda acessível».

Ao encerrar a sessão, o ministro agradeceu o expressivo acolhimento que lhe foràa dispensado, dirigiu palavras de louvor á benemérita D. Maria Angélica de Sousa Fernandes e fez um apelo a todos os responsáveis para que cooperem na política da elevação do teor de vida das populações rurais e, em especial, na melhoria das condições de habitação. «Aqueles que esperam tudo do Estado — advertiu — seguem por mau caminho: primeiro, porque dessa forma, pretendem eximir-se ao cumprimento dos seus deveres sociais; depois, porque tal orientação dá força ás tendências estatizantes que podem conduzir á supressão da livre iniciativa e da propriedade privada.

Por ultimo, o sr. dr. Veiga de Macedo manifestou-se satisfeito por ter podido, na sua deslocação a Reguengos de Monsaraz, visitar algumas casas de trabalhadores abrangidos por Caixas de Previdência e construídas no regime de empréstimos previstos na Lei n.º 2092, o que comprovava sentido prático desse diploma e a forma como era aproveitado pelos interessados na edificação das suas próprias moradias.

Depois de assistirem á missa, o ministro e os elementos da sua comitiva foram obsequiados com um almoço, findo o qual o sr. dr. Veiga de Macedo visitou casas que estão a ser construídas pelos seus proprietários com empréstimos da Previdência.

A visita a Beja

BEJA, 8 — (Pelo telefone). — A fim de inaugurar oficialmente o agrupamento de casas de renda económica, da Previdência, e visitar os terrenos para construção de casas para trabalhadores do comércio e industria, visitou, de tarde, esta cidade, o sr. ministro das Corporações.

O bairro, destinado a beneficiários das Caixas de Previdência, compõe-se de 40 fogos, já habitados, na maioria, há dois anos, sendo 8 do tipo II, 8 do tipo III e 24 do tipo IV. O tipo II compõe-se de sala-comum, 2 quartos, cozinha e casa de banho; o tipo III, de sala-comum, 3 quartos, cozinha e casa de banho; o tipo IV, de sala-comum, 4 quartos, cozinha e casa de banho.

Este empreendimento custou cerca de 3600 contos.

A visita aos terrenos, prende-se com a projectada construção de uma segunda fase do Bairro de Beja com o total de 32 fogos, sendo 8 fogos do tipo II, 8 do tipo III e 16 do tipo IV, iguais aos construidos na 1.ª fase. Além deste, projecta-se a construção de um novo agrupamento de casas mais modestas compreendendo 32 fogos, 16 fogos do tipo III e 16 fogos do tipo IV. O custo destes empreendimentos será de cerca de 6000 contos.

O sr. dr. Veiga de Macedo, vindo de Evora, chegou a esta cidade, cerca das quinze horas, acompanhado pelos srs. dr. Santana Rego, vice-presidente da direcção da Federação das Caixas de Previdência; dr. Emanuel Salgueiro, presidente da comissão coordenadora do Trabalho Social e Corporativo; e Abril Junior, director da Federação das Caixas de Previdência.

O sr. ministro das Corporações dirigiu-se imediatamente para a praceta do Ultramar, onde fica situado o referido bloco. Estavam presentes delegações dos organismos corporativos de todo o distrito. Aí se efectuou, num prédio devoluto, uma sessão de boas-vindas, sendo o dr. Veiga de Macedo saudado pelo presidente da Camara. Discursaram também os srs. Abril Junior e Aurélio Dias Rego, este em nome dos inquilinos do bairro.

No final, usou da palavra o sr. dr. Veiga de Macedo.

Após a inauguração, o ministro das Corporações visitou dois terrenos destinados a novas residências para os trabalhadores da industria e do comércio, seguindo depois para o Algarve.

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental o vento era moderado do Norte e o céu estava pouco nublado em algumas regiões; e muito nublado noutras onde caíam aguaceiros por acção duma massa de ar instável transportada na circulação dum anticiclone centrado a Leste do arquipélago dos Açores.

TEMPERATURAS ÀS 9 HORAS (T. M. G.) — Porto, 6°; Lisboa, 10°; Faro, 11°; e Funchal, 16°.

TEMPERATURAS VERIFICADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL: na atmosfera, 10°,7; na água do mar, 14°,4

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTADAS HOJE, EM LISBOA, ATÉ ÀS 15 HORAS: máxima, 13°,4; mínima, 9°,4. No mesmo dia do ano passado: máxima, 15°,1; mínima, 10°,9.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — Céu pouco nublado, por vezes muito nublado. Vento moderado de Norte. Aguaceiros pouco frequentes.

A EDITORIAL MINERVA apresenta:

Um novo autor — HERNÂNI ANJOS
Um novo livro — UM RETRATO DA VIDA (em tamanho natural)
Um novo género literário — o ROMANCILHO

Se ainda não leu — leia
e se já leu — guarde o seu exemplar
Preço 25$00 — A' venda em todas as livrarias e na
EDITORIAL MINERVA
Rua Luz Soriano, 33 — LISBOA

BEREC
TRADE MARK

PARA LUZ BRILHANTE
E DURANTE MAIS
TEMPO NA SUA LANTERNA

Pilha U8/2 para lanternas cilíndricas finas.

Pilha 1689 de secção rectangular para lanternas de bolso.

Pilha U2, tipo mais grosso, para lanternas cilíndricas — Estanque, para maior duração.

USE TAMBÉM AS PILHAS BEREC PARA O SEU RECEPTOR DE RÁDIO

FOGÕES FRANCESES DE FAMA MUNDIAL

ACIMA DE TUDO...
FAR

«CONVOITISE» — 4 lumes — Forno com termostato isolamento «Roclaine»

À GÁS — A GAZCIDLA
(ADAPTÁVEIS A QUALQUER TIPO DE GÁS)

À venda na CIDLA, Lisboa, Porto, Coimbra, em todas as suas agências no País e nas Casas da especialidade

DISTRIBUIDORES:
J. COSTA & SILVA, LDA.
Rua Arco do Bandeira, 79, 1.º — LISBOA-2 — Telef. 26718

FAR PRODUZ MAIS DE 1.000 FOGÕES POR DIA
COM FAR NUNCA DIRÁ... SE EU SOUBESSE!!!

A PONTE SOBRE O TEJO invejada por Escoceses

EDIMBURGO, 8. — Os peritos que traçaram os planos da ponte de Forth Road, na Escócia — e que propositadamente deram ao vão central um comprimento de mais de 18 metros, para que fosse o maior da Europa — lamentam que este «record» vá durar pouco: a ponte sobre o Tejo, entre Lisboa e a margem sul, terá mais cinco metros, e apropria-se do máximo europeu.

O diário «The Scotsman», que revela a opinião dos técnicos escoceses, publica na mesma página duas gravuras, para comparação da ponte de Forth Road com a de Lisboa.

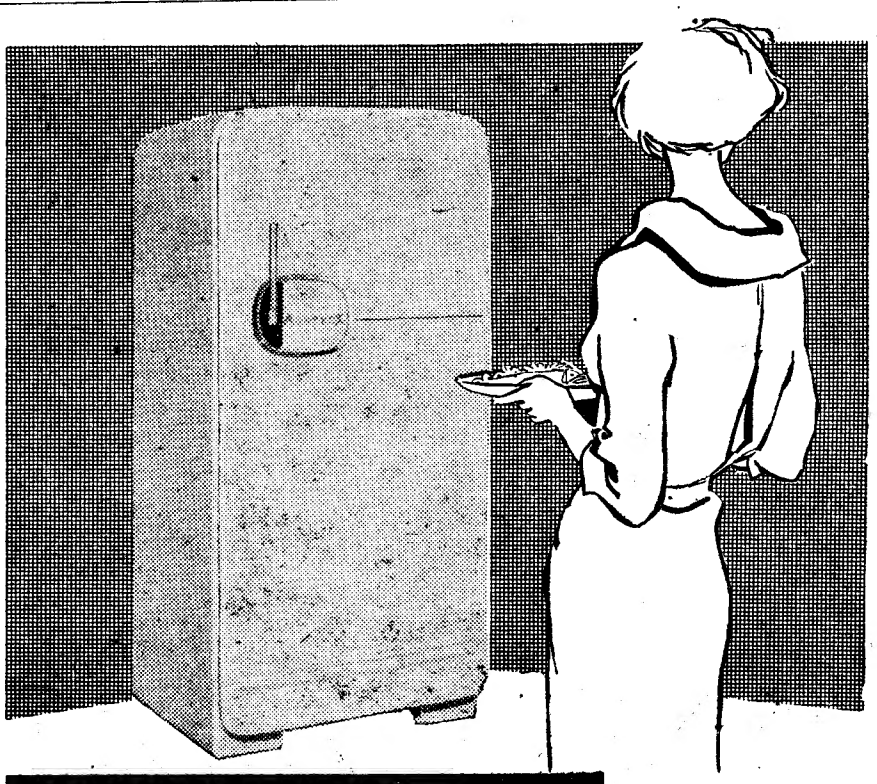
E recorda as dimensões do vão central das maiores pontes de suspensão do Mundo: a «Golden Gate», de San Francisco, com 1046 metros; a dos Estreitos de Mackinac, no Michigan, com 1362 metros; a «George Washington», de Nova York, com 1262 metros. Seguem-se-lhes a de Lisboa, sobre o Tejo, com 1011 metros e, finalmente, a de Forth Road, com 1006.—(A. N. I.).

Nos Estados Unidos a poluição da atmosfera custa por ano 11 biliões de dolares

WASHINGTON, 8. — Lauren Hitchcock, presidente da firma de pesquisas da Hitchcock Associates, disse, na noite passada que a poluição da atmosfera era um dos desafios «do segundo século industrial», afirmando que a descolagem de um avião a jacto causa tanta poluição do ar como os tubos de escape de 6850 automóveis.

Hitchcock acrescentou que a poluição da atmosfera, de todas as origens, custa aos Estados Unidos 11 000 milhões de dólares (cerca de 308 milhões de contos) por ano. — (R.).

Em Algés, o «Diário de Lisboa» encontra-se á venda na Agência Cultural — Avenida Combatentes da Grande Guerra e na tabacaria do Pavilhão Cristal.



Junte o útil ao agradável

Quando a Dona de Casa pensa...
Preciso de um Frigorífico, mas...
...só para o Ano...não sabe da

CAMPANHA DA SIMPATIA AUTOVOX

Pode adquirir desde já o seu AUTOVOX começando a pagar em Março do Próximo Ano

INFORME-SE EM QUALQUER DISTRIBUIDOR AUTOVOX COMO ADQUIRIR JÁ UM FRIGORÍFICO DE CLASSE, A PREÇOS SENSACIONAIS, PAGAMENTOS SUAVES SEM AUMENTO DE ENCARGOS.

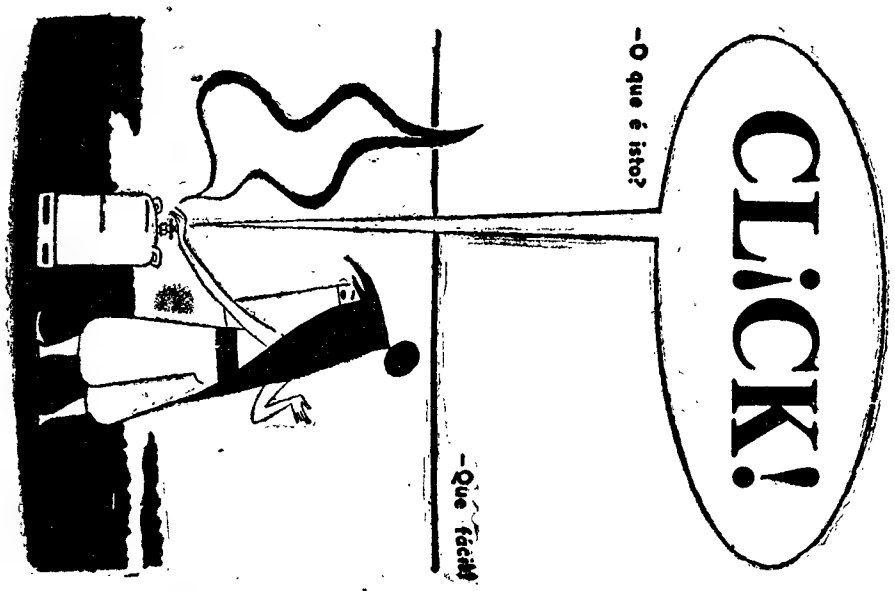
Compre Qualidade...
AUTOVOX é bom!

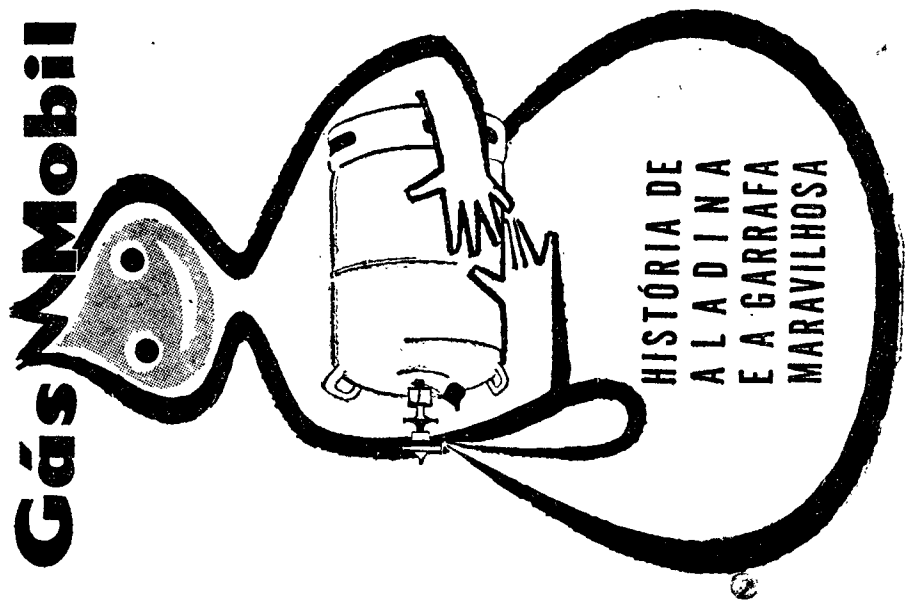
COMPRE JÁ... PAGUE DEPOIS

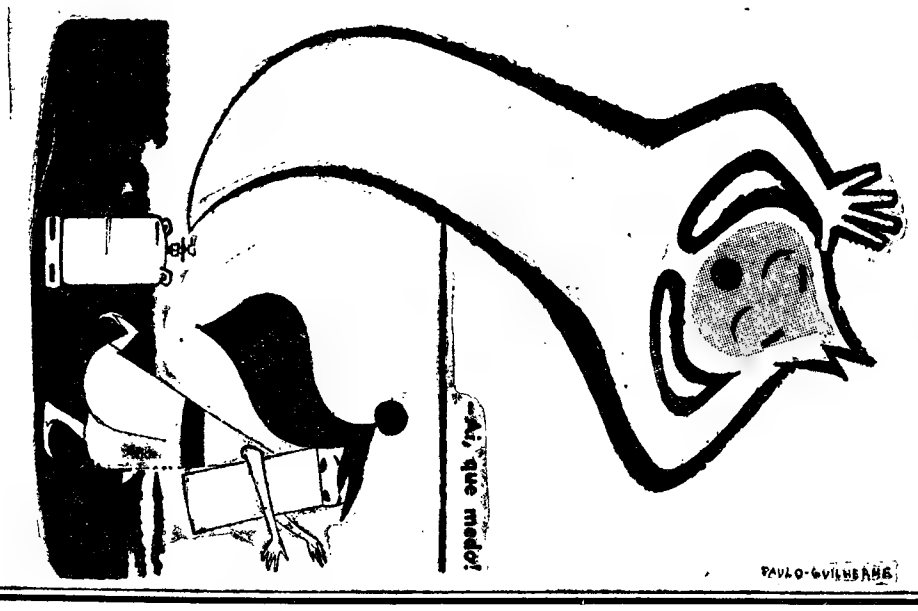
Agentes Gerais: Frigel Porto • Lisboa

ÁLVARO CORREIA — Rua Açores, 49, 3.º, dir.
AMPÉRLUZ — Artigos Eléctricos, Lda. — Rua Francisco Sanches, 16
DISCOTECA POPULAR, LDA. — Rua 1.º de Maio, 146-A
ELECTRO DECORADORA BARREIRENSE, LDA. — Rua D. Henriqueta Gomes de Araujo, 10-B (Barreiro)
ELECTRO SOLAR, LDA. — Rua Morais Soares, 71-C
GOUVEIA & RODRIGUES, LDA. — Rua Leão de Oliveira, 9-A
JOAQUIM OLIVEIRA E SILVA JUNIOR — Rua António Pedro de Carvalho, 10-A — Moscavide
MULTIPLEX — Sociedade Importadora de Material Eléctrico de Precisão, Lda. — Estrada de Benfica, 119
NOVILECTRA, LDA. — Avenida de Paris, 4-A
ORIENTAL ELÉCTRICA, LDA. — Rua Carlos Mardel, 51
RÁDIO MINERVA, LDA. — Rua do Andaluz, 42; Av. Duque de Loulé, 1-D
SONILUX, LDA. — Av. Marquês de Tomar, 94-A
SERRAS, LIMITADA — Praça 5 de Outubro, 8 — Montijo
AGÊNCIA DE REPRESENTAÇÕES DE SANTARÉM — Largo da Piedade, 15 — SANTARÉM

• corte por aqui • corte por aqui • corte por aqui • corte por aqui • corte por aqui • corte por aqui • corte por aqui •





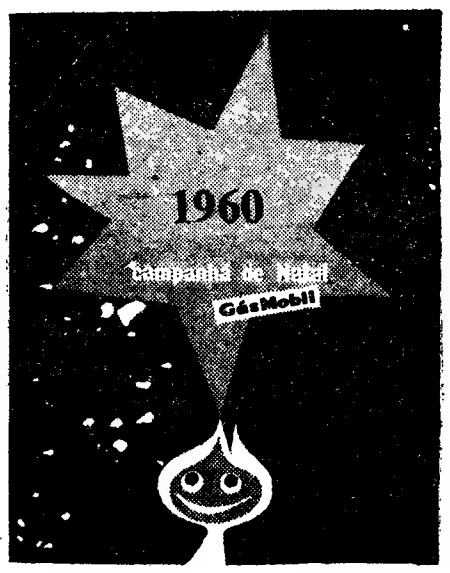


Onde estiver este sinal faça o seu contrato

GásMobil

aproveite as condições especiais da campanha de

NATAL



ALTURA: 0,87 m.

Kelvinator

PODEROSA E MAIS ANTIGA ORGANIZAÇÃO DE RENOME MUNDIAL DE REFRIGERAÇÃO ELECTRÍCA PARA O LAR

OFERECE ESTE LINDO BRINDE

a todos os compradores de um frigorífico **Kelvinator** desde o dia 5 a 24 do corrente mês, mediante apresentação do documento comprovativo de compra, nos agentes gerais em Portugal:

A. C. TORRES FERNANDES
TRAVESSA DO CARVALHO, 37-2.º

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

A l v o
R. José Falcão, 57
Casa José Costa
R. S. Paulo, 11-13
Electro Luminosa, Ld.ª
R. Ant.º P. Carrilho, 30
Freijota
Av. Liberdade, 136-A
Azevedo & Silva, Ld.ª
Cruzes da Sé, 19-1.º
J. E. Moreira
R. Prior do Crato, 33
Rádio Moçambique, Ld.ª
R. dos Cavaleiros, 72
S a b e l
Av. Praia Vitória, 1-B
S o t e r
Rua 1.º Maio, 138
Vapedrone
R. da Vitória, 54
e Companhias Reunidas Gás e Electricidade
R. Garrett, 2
R. Boavista, 39
Radiolar, Ld.ª
Almada

O cardeal-patriarca visitou a obra social da União das Freguesias do concelho de Lisboa

O sr. cardeal-patriarca de Lisboa D. Manuel Gonçalves Cerejeira, visitou hoje o «Alvor» — obra social da União das Freguesias do Concelho de Lisboa, a cuja comissão central, preside o governador civil, sr. dr. Osório Vaz, e que se encontra situada no lugar de Paiões, freguesia de Rio de Mouro, concelho de Sintra.

Presentes ainda muitas outras individualidades, entre as quais um representante do sr. ministro da Saude e os presidentes das 53 Juntas de Freguesia.

O ilustre purpurado foi ali recebido pelo chefe do distrito e pelas restantes individualidades e ainda pela directora daquela obra social, sr.ª D. Maria Leonor Croas de Moura.

O sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira percorreu com o maior interesse as várias instalações do «Alvor», os dormitórios, o jardim e três parques infantis, onde as crianças de ambos os sexos, dos 5 aos 10 anos, em perigo de contágio da tuberculose, se podem recrear.

De manhã, antecedendo, a chegada do sr. cardeal-patriarca, o sr. governador civil, com os presidentes das Juntas de Freguesia, estivera já nos bairros sociais da União, onde examinara os blocos acabados de construir.

No bairro de Santa Maria, foi celebrada missa, á qual se seguiu uma visita a diversos melhoramentos: obras de esgoto, de electrificação, da nova escola primária e respectivos acessos, e, finalmente, a exposição de trabalhos na nova Casa de Trabalho e Infantário.

Foi servido um almoço volante íntimo aos visitantes, que seguiam depois para o «Alvor».

O «Dia da Legião»

(Continuação da página central)

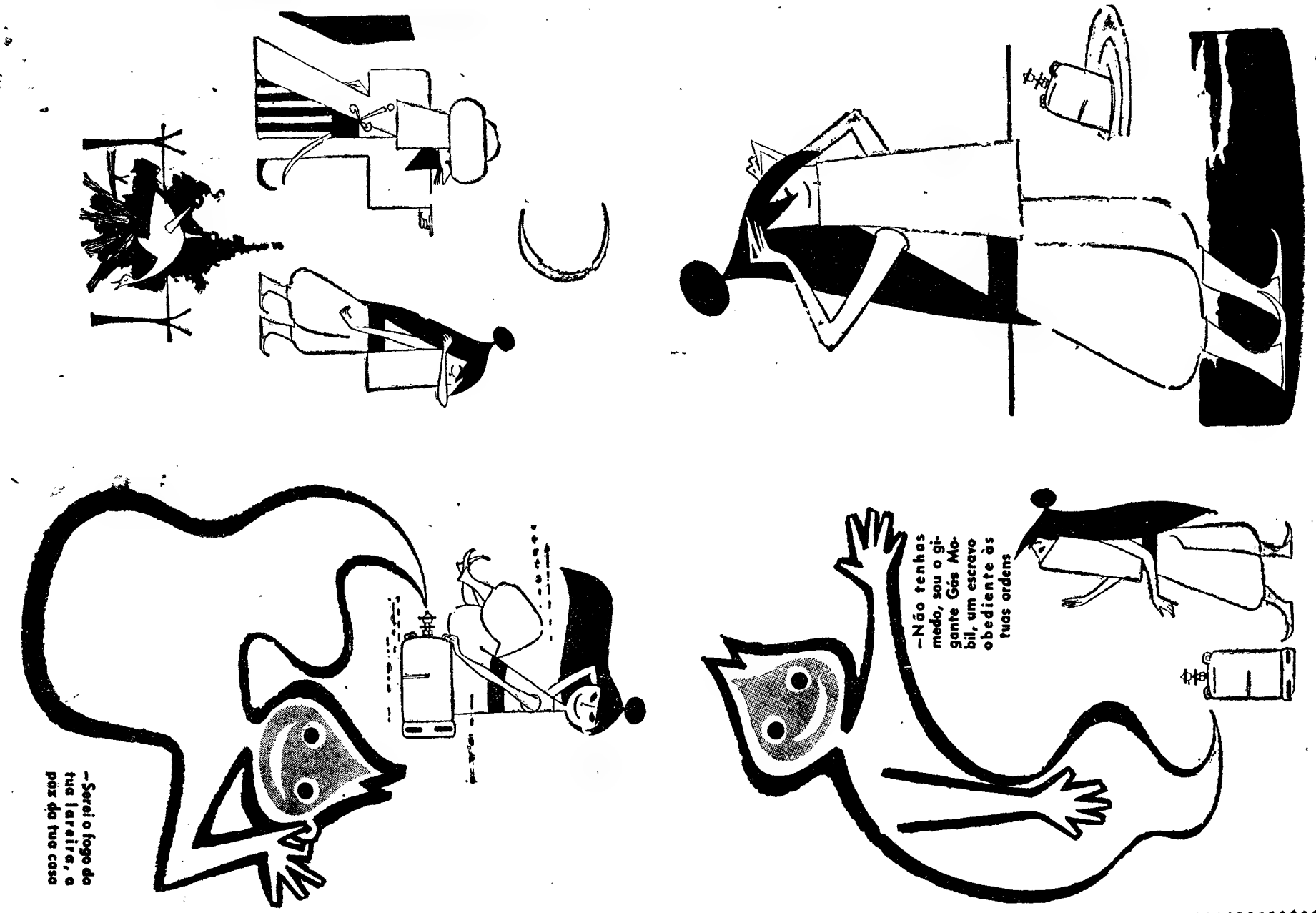
de jornalista francês que, ao rebentar a ultima Grande Guerra, escreveu, declarando que ia partir a sua caneta, que a salvação estava «em bandos de herois, com mistura dalguns santos».

Em Evora

ÉVORA, 8. (Pelo telefone). — Com a participação de contingentes das milícias de todo o distrito, comemorou-se hoje em Évora o «Dia da Legião». A's 9 horas, houve formatura geral, perante o comandante, sr. capitão Marques Cadete, sendo içada a bandeira no edificio do quartél. Seguiu-se um desfile pelas ruas da cidade e uma missa rezada na igreja da Misericórdia. Na «mess» da P. S. P. houve um almoço de confraternização e, á tarde, na sede da L. P. uma sessão de cinema.

Em Guimarães

GUIMARÃES, 8. (Pelo telefone). — Efectuou-se hoje nesta cidade, junto do histórico castelo de Guimarães, uma concentração legionária para solenizar o «Dia da Legião Portuguesa». Foi celebrada missa campal pelo rev.º Aloisio de Sousa, que proferiu uma alocução. Usaram da palavra o delegado provincial da M. P. e o comandante distrital da L. P. e assistiram á cerimónia autoridades civis e militares.



• corte por aqui • corte por aqui • corte por aqui • corte por aqui • corte por aqui • corte por aqui • corte por aqui •

O PORTO pelo teletone

Sociedade Portuguesa de Estomatologia

PORTO, 8.—Iniciaram-se hoje e terminam no próximo sábado as cerimónias comemorativas da passagem do 40.º aniversário da Sociedade Portuguesa de Estomatologia. O programa além de várias sessões de estudo em que serão apresentados trabalhos por vários professores, inclui uma sessão solene, esta noite, no Hospital-Geral de Santo António, e uma exposição retrospectiva do material de estomatologia.

Policlínica do Rossio

L. D. João da Camara, 19, 2.º, Esq. Telef. 20660

Dr. Almada e Melo — crianças — 2.ª 3.ª 5.ª e 6.ª — 17 h.
Dr. Anacleto Miranda—Olhos—2.ª, 4.ª 5.ª e 6.ª — 15.30 h
Dr. Arnaldo Rodo — Ortopedia (Ossos e Articulações) — 3.ª e 5.ª — 15 h.
Dr. Bello Pereira—Clín. Cirur.—Operações — 2.ª, 4.ª e 6.ª — 17.30 h.
Dr. Cordeiro Lobato—Gar., Nar. e Ouv — 14 h
Dr. Ferreira Malaquias—Estom., Intest., Fígado — Doenç. Ano-rectais, Hemorroidas — 2.ª, 4.ª e 6.ª — 19 h.
Dr. Fontoura Madureira — Rins e v. uri. — 16 h.
Dr. Joaquim Lobo—Doen. Reumáticas — 2.ª 4.ª e 6.ª — 15 h.
Dr. Jorge Falcão—Pele e Sífilis—15.30 h
Dr. Luis Abecassis — Coração Electro-cardiografia—3.ª, 5.ª e Sáb. — 14.
Dr. Luis Leite—Senhoras—Partos—17 h
Dr. Marques da Gama — Clín. Médica —3.ª 18 e 30 h. e Sábados, 14.30 h.
Dr. J. Mira Mendes — Clínica Geral — Doenç. Pulmonares — 14 h.
Dr. Pereira de Pina — Boca e dentes — 17 h.
Dr. Rosário Dias — Clín. Méd. (Doenç Endocri. e Nutrição) — 2.ª e 6.ª — 15 h.
Dr. Gentil Branco — Raios X
Dr. Reis Valle — Análises Clínicas.

Caça nocturna...

Pela P. S. P. foi preso o pedreiro Bento da Silva Maia, de 35 anos, da Calçada da Serra, 99, em Gaia, por, cerca das 23 e 45 de ontem, na Rua do Casino, ter disparado dois tiros de rama caçadeira.

Prisão dum rato de automóveis

Foi preso na noite passada, por ter roubado um automóvel, o tecelão António Luís Gonzaga Ferreira da Costa, da Rua Silva Porto, 45, Casa 7.

Espectáculos de amanhã

TEATRO DE BOLSO — A's 21 e 45 — a peça «O Rinoceronte» pela companhia do T. E. P. (17 anos).
S. JOÃO — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «A luz do Sol», drama—(17 anos)
COLISEU — A's 21 e 30 — Companhia de Circo Internacional (1 anos).
RIVOLI — A's 15,30 e 21,30 — «Do alto do terraço», drama (17 anos)
AGUIA DE OURO — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Sangue sobre a India» drama (12 anos).
SÁ DA BANDEIRA — A's 21 e 45 — A revista «Gosto que me enrosco» (17 anos).
TRINDADE — As 15 e 30 e 21 e 30 — «O nababo», comédia (17 anos).
BATALHA — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «O cantico da carne», drama (17 anos).
VALE FORMOSO—A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Onde vais, triste de ti», histórico (12 anos).
OLIMPIA — A's 15 e 30 e 21 e 30— «...Com jeito vai, senhor guarda» comédia (17 anos).
JULIO DINIS — A's 21 e 30 — «O Rapaz, o cão e o pintor», aventuras (12 anos).
NUN'ALVARES — A's 21 e 30 — «A Loba», de amor (17 anos).

Em Algueirão, o «Diário de Lisboa» vende-se na agência do sr. Vítor Manuel Pires da Silva.

J. MENDES COELHO, LDA.

CONCESSIONÁRIOS FORD

OFICINAS — E. SERVIÇO

A mais completa e perfeita assistência ao serviço do seu FORD

A MAIOR EXISTÊNCIA DE PEÇAS LEGÍTIMAS

RUA GOMES FREIRE, 5-A A 5-F — LISBOA — TEL. 43523 - 57947

HIDRO-ELECTRICA DO DOURO

S. A. R. L.

Rua do Bolhão, 36 — Porto

CAPITAL EMITIDO: 630 000 CONTOS

SORTEIO DE OBRIGAÇÕES

Comunica-se aos senhores obrigacionistas que no dia 20 do corrente, pelas 16 horas, efectuar-se-á na Sede da Sociedade, o sorteio de 947 obrigações da 1.ª Emissão (5 %—1955), as quais serão amortizadas pelo seu valor nominal, 1 000$00 cada, a partir de 1/1/1961.

Porto, 7 de Dezembro de 1960

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Vendas a Prestações

— EM 6, 8 E 12 MESES —

FATOS FEITOS E POR MEDIDA DESDE 600$00

Esmerada confecção

CASACOS Á SPORT — CALÇAS — LANIFICIOS — CAMISARIA — SAPATARIA — IMPERMEÁVEIS E GABARDINES EM NYLON — SOBRETUDOS E SAMARRAS

COM E SEM FIADOR

CASA SÉRGIO DOS SANTOS

AV. ALMIRANTE REIS, 98-B

Telef. 56376

No CAFÉ JARDIM, em PONTE DE SOR, encontra-se à venda o «DIÁRIO DE LISBOA».

DESPORTOS

«NACIONAL» DE HÓQUEI EM PATINS

A juventude do Paço de Arcos

agigantou-se à experiência do Benfica

Mais duas jornadas e chegará ao seu termo o campeonato nacional de hóquei em patins de 1960, que, como tudo leva a crer, termina dentro da anuidade, facto que merece realce por tal não suceder há um bom par de épocas...

Os quatro encontros de ontem proporcionaram os seguintes resultados:

Inf. Sagres, 7-Acad. Espinho, 1
S. N. E. C. I., 6-Sanjoanense, 0
C. A. C. O., 8-Sintra, 2
Paço de Arcos, 3-eBnfica, 2

Evidentemente que, até pela repercussão que o seu desfecho teria na tabela, o encontro de maior expectativa era o que o Paço de Arcos e o Benfica disputavam entre si. Era uma luta quiçá decisiva para os dois grupos que mais próximo se encontram da conquista do título. O Paço de Arcos venceu, ficando, por isso, a um curto passo da vitória final. Esta, porém, continua ao alcance também do Benfica e do Campo de Ourique. As duas restantes jornadas ditarão, decerto, a decisão, mas não há duvida que o «cinco» da Costa do Sol é o que mais perto está da cobiçada realidade.

De resto, a sua situação privilegiada é inteiramente justa, porquanto, se outros factores não surgissem para fundamentar a opinião, um, pelo menos, poderia ser apontado como justificativo do merecimento — a juventude do grupo.

E foi precisamente essa juventude que lhe proporcionou o triunfo ontem conseguido sobre os campeões do Sul. A estes, á sua personalidade hoquistica, opôs o «team» de Paço de Arcos a garra própria do sangue moço que, nesta altura, corre nas veias de todos os seus componentes. Nem sempre, como é óbvio, o querer de ontem lhes terá bastado, ou virá a bastar, para obter o apetecido êxito.

Contudo, e pondo o problema em equação relativamente ao Benfica, estaremos dentro da razão ao insistirmos na afirmativa — foi o sangue jovem do Paço de Arcos que fez içar o seu pavilhão no mastro de honra.

Claro que nem sempre, ao longo da partida, os homens (ou melhor, os rapazes), capitaneados por Vilaverde, emprestaram ao despique a mesma «raiva» pela vitória. Quase essa aspiração seria impossível de efectivar. O arcaboiço atlético de um Nelson ou de um Lemos ainda não pode ser de molde a exigir-se-lhe a mesma frescura de possibilidades do princípio ao fim de um desafio. E muito menos, num desafio como o de ontem em que o desgaste nervoso representa sobrecarga notável... Mas, a par desses jogadores, embora por causas bem diferentes, também não se pode exigir a Campos tamanha resistência, ou mesmo a Virgílio, um amador que para o ser trabalha desde o despontar do dia até ao cantar do galo já na madrugada seguinte.

Se bem que a crítica de um desafio se deva limitar ao que se vê na pista durante os quarenta minutos de jogo, não se deixará de considerar construtivo focar, no caso vertente, o que ultrapassa as tabelas do rinque penetrando no âmago de um clube que, como o Paço de Arcos, é pioneiro da nossa modalidade mais representativa no cima desportivo internacional.

É verdade que os adeptos dos «encarnados» podem aduzir ter o árbitro perdoado aos vencedores duas grandes penalidades. Estes castigos, porém, não significam, só por si, golos... E Urgueiro que o diga ao falhar uma grande penalidade quando a marca estava já em 3-2. Como também, pelo que se viu, ontem, não significa prejuizo para uma equipa actuar durante dois minutos sem um dos seus melhores jogadores (caso que sucedeu com o Paço de Arcos) pois nem sempre o adversário pode ou sabe tirar dessa circunstancia o melhor partido.

Mas, a não ser esse deslize de não assinalar dois «penaltties» contra o Paço de Arcos, que outro se poderá apontar ao árbitro? O de ter sido precipitado na expulsão de Nelson, já referida? Supomos que três averbamentos negativos será numero insuficiente para atribuir ao juiz de campo uma derrota ou até uma vitória...

Fiquemos, pois, por esta verdade — a juventude do Paço de Arcos levou de vencida a experiência, o saber, o «calo» da excelente equipa dos campeões do Sul.

JOSÉ GRAIS

A classificação actual é a seguinte:

	J.	V.	E.	D.	G	P.
P. Arcos...	12	9	2	1	47-32	32
Benfica ...	12	8	2	2	69-26	30
C. A. C. O.	12	8	1	3	44-25	29
S.N.E.C.I. ..	12	5	4	3	42-35	23
Inf. Sagres	12	4	1	7	39-47	21
Sintra ...	12	5	1	6	33-45	21
A. Espinho	12	2	3	7	26-55	19
Sanjoan. ...	12	1	—	11	25-58	14

O INTERNACIONAL

festejou hoje

o seu 58.º aniversário

O Clube Internacional de Futebol assinalou hoje a passagem de mais um aniversário — o 58.º — com a realização de algumas provas desportivas, que despertaram bastante interesse e animaram o parque de jogos do progressivo clube.

As equipas de basquetebol do velho Clube das Laranjeiras defrontaram as do Alvalade e repartiram entre si os triunfos: em honra venceu o Alvalade, por 44-18; em 2.º o C. I. F. levou a melhor por 30-23. Desta maneira, o Alvalade arrecadou o troféu instituido.

No torneio relampago de futebol, estiveram em acção 6 equipas, tendo a final sido disputada entre as equipas «Gigantes» e «Madeira», e ganho a ultima, por 2-1.

O encontro de ténis entre o Belenenses e o C. I. F. foi ganho pelos «azuis», por 3-2.

Aos vencedores das várias competições foram entregues as taças «C. I. F.-58.º aniversário».

BASQUETEBOL

Jornada incompleta

com vitórias do L. Ginásio e do Sacavenense

A primeira volta do «Regional» da 1.ª Divisão, a segunda mais importante competição do distrito, que envolve equipas de valor técnico definido, não se completou dado que os encontros Sporting de Torres Vedras - Queluz A. C. e Carnide - Atlético não puderam realizar-se, o primeiro por falta de luz no recinto de Torres Vedras, e o segundo por os árbitros considerarem o campo do Carnide impraticável devido a alagamento provocado pela chuva que caiu ontem copiosamente sobre Lisboa. Nos restantes encontros o Lisboa Ginásio e o Sacavenense venceram contra as equipas do Técnico e Oriental, respectivamente, ainda que experimentassem grandes dificuldades. O Queluz continua, portanto, a ser a unica equipa invicta e o Lisboa Ginásio aquela que lhe pode «bater o pé». Todavia, não podemos esquecer a acção brilhante do Sacavenense, que de jornada a jornada, vem subindo de valor ao ponto de presentemente se juntar ao grupo dos mais aptos.

O Técnico, no seu campo, revelou já melhor coesão e o Oriental, em baixa de rendimento, não conseguiu suster o ímpeto dos Sacavenenses. O torneio está, portanto, a interessar vivamente, pois pode dizer-se que, na verdade, não há posições conquistadas antecipadamente.

A classificação ficou assim ordenada:

	J.	V.	E.	D.	P.
L. Ginásio	7	6	—	1	19
Queluz	6	6	—	—	18
Sacavenense	7	4	—	3	15
Orient.l	7	3	—	4	13
Carnide	6	3	—	3	12
Sp. Torres	6	2	—	4	10
Técnico	7	1	—	6	9
Atlético	6	1	—	5	8

Oriental, 25-Sacavenense, 34

Alinharam e marcaram:

ORIENTAL — Miguel, 9; Melo, 11; Anjos, 3; Nicolau, 2; Tavares e Vicente.

SACAVENENSE — Santos, 4; Carvalho, 3; Pinto, 2; Teixeira, 11; Costa, 1; Fernandes, 13; Lopes e Nogueira.

Durante a primeira parte, os orientalistas comandaram a partida, mas com certa infelicidade na marcação de pontos. No segundo tempo os papéis inverteram-se e o Sacavenense pôde confirmar a sua boa forma, impondo-se com mérito. Ao intervalo: 14-13, a favor do Oriental.

Técnico, 43-L. Ginásio, 46

Alinharam e marcaram:

TÉCNICO — Vicente, 5; Cordeiro, 10; Pimentel, 10; Vasconcelos, 8; Monteiro, 10.

L. GINÁSIO — Valente, 10; Silva, 10; Amaral, 2; Barata, 6; Lourenço, 14; Carlos, 4; e Ramos.

Os «estudantes», revelando-se em melhoria de forma, atingiram o intervalo em vencedores: 26-23. Na segunda parte o poder físico dos «ginasistas» veio ao de cima e quase no final obtiveram os lançamentos do triunfo.

Os jogos desta manhã

A Associação de Basquetebol de Lisboa aproveitou o feriado de hoje para dar continuidade ao campeonato da 3.ª Divisão e fazer disputar alguns jogos em atraso, dos campeonatos de juniores e infantis.

O desejo não pôde, todavia, ser completamente realizado. Dos encontros da 3.ª Divisão, o Lisgás-Alvalade, foi adiado por acordo entre os interessados e o Campolide-Pedrouços, por avarias no material.

Da prova de juniores, o Benfica B venceu o C. Ourique, por 28-23 e o Sporting derrotou a Educação Física, por 20-4. A chuva fez adiar o Sacavenense-Sporting A; por avaria nas tabelas não se efectuou o Moscavide-Queluz.

Em infantis só se fectuou o jogo que deu a vitória do Sporting A sobre o Sacavenense, por 11-7. O encontro Física-Sporting B foi adiado por motivo da chuva e o Moscavide-Combatentes, por avaria nas tabelas.

PROVAS DE TÉNIS

«Grande Prémio Dunlop»

Concluiu-se esta manhã, nos «courts» do Estádio Nacional, a 4.ª eliminatória do torneio de ténis, organizado pelo C. F. «Os Belenenses», sob a designação de «Grande Prémio Dunlop».

Defrontaram-se as equipas do Clube Internacional de Ténis (A) e do Sporting Clube de Portugal (B), tendo ganho a primeira por 4-1.

HANDEBOL DE 11

Campeonato de Lisboa (Juniores)

Com os encontros correspondentes á 4.ª jornada, prosseguiu esta manhã o campeonato lisboeta de «juniores», tendo-se apurado os seguintes resultados:

Almada-C. D. U. L. 5-5
C F. Benfica-Sporting 1-3
Benfica-Belenenses 5-1

O Oriental averbou uma vitória por eliminação do Glória — o clube que lhe competia defrontar.

Em Alpiarça-Almeirim, o «Diário de Lisboa é vendido por intermédio do sr. Francisco Abrantes Pereira.

JUNIORES DA A. F. L.

Benfica, Sporting e Sacavenense

alcançaram as marcas mais expressivas

O Campeonato da I Divisão de Juniores da A. F. L., teve hoje a sua 13.ª jornada — penultima da primeira fase. Disputaram-se os oito encontros de que abaixo damos breves notas, os quais não forneceram surpresas nem nada adiantaram quanto ao esclarecimento de algumas duvidas que subsistem quanto aos grupos que hão-de passar á 2.ª fase da prova.

A pontuação ficou assim:

Série A — *Benfica, 39 pontos; Sporting, 33; Palmense, 26; Amadora, Algés e Casa Pia, 24; Estoril, 20; e Oriental, 18.*

Série B — *Belenenses, 36; Sacavenense e Torriense, 31; Charneca e Atlético, 28; Vilafranquense, 22; S. L. Olivais, 17; Vialonga, 14.*

SÉRIE A

Sporting, 6-Estoril, 1

Jogo em Alvalade. Os grupos formaram:

SPORTING — Artur, Rilhó e Fernandes; Canário, Oscar e Helder; Faustino, Eduardo (Pausinho), José Manuel, Oliveira Duarte e Espírito Santo.

ESTORIL — Helder; Norberto e Vasco; Guerra, Oscar e Luís Fernando; Aníbal, Vitor, Almeida, Nelo e Mário.

Arbitro — Arnaldo Conde.

O Sporting não tardou a mostrar-se melhor equipa e ao intervalo vencia por 3-0 — golos de José Manuel, Eduardo e Pausinho, respectivamente, aos 11, 25 e 39 minutos. No 1.º minuto da 2.ª parte, Pausinho fez mais um golo e, aos 27 minutos, Aníbal reduzia para 1-4. Todavia, os «leões» fizeram mais dois golos, por José Manuel, aos 31 minutos, a transformar uma grande penalidade, e por Faustino, aos 34 minutos, na sequência de um «canto».

Benfica, 7-U. Algés, 1

Jogo no Campo Grande. Os grupos foramaram:

BENFICA — Henriques; Figueira e Brás; Gervásio, Maçarico (Fernandes) e Osório; Simões, Nunes, Baptista, Mendes e Manuel Julio.

U. ALGÉS — C. Alberto; Milho e Pinzio; Sério, Messias e Natalino; Saraiva, Cesário, Armando, Mário (Herlander) e Nuno.

Arbitro — Francisco Saraiva.

Os visitantes abriram o activo por Nuno, no primeiro minuto, mas, até ao intervalo, os «encarnados» responderam com golos de Manuel Julio aos 7 m., Baptista (aos 12 e 18 m.) e Mendes (aos 30).

Na 2.ª parte, o Benfica fez mais três golos por Gervásio (aos 16 e 39 m.). e Osório (aos 20).

Oriental, 2-Estoril, 0

Jogo no campo «Eng. Carlos Salema». As equipas formaram:

ORIENTAL — Rocha; Caldeira e Pinto I; Simões, Pinto II e Mesquita; Garrido, Nery, Marques, Teixeira e Neves.

ESTORIL — P. Couceiro; Carreira e Joaquim ; Filipe, Lima e Torres; Artur, Inácio, Cerqueira, Neves e Cepeda.

Arbitro — Mário Lopes da Silva.

O Oriental dominou na 1.ª parte e fez dois golos, por intermédio de Garrido. Na 2.ª parte os visitantes tentaram modificar o resultado, mas a defesa do Oriental, em manhã de acerto não o permitiu.

Casa Pia, 1-Palmense, 1

Jogo no campo «Pina Manique». Os grupos formaram:

CASA PIA — Pedroso; Beirão e Frade; Alexandre; Balorico e Bataguas; Santos II, Santos I, Carreira, Lopo e António Luís.

PALMENSE — Silva; Simplício e Espanhol; Santos, Marques e Bogalho; Messias, Crespo, Carvalho, Gomes e Brás.

Arbitro — Vítor Santos.

O resultado foi feito na 1.ª parte: aos 15 minutos, Carvalho marcou pelo Palmense, e aos 35 minutos, Carreira empatou.

Na 2.ª parte ambas as equipas tentaram desfazer a igualdade, mas em vão.

SÉRIE B

Belenenses, 2-Olivais, 0

Jogo no Restelo. As equipas:

BELENENSES — Leandro; Salgado e Tavares; Hermínio, Rodrigues e Filipe; Branco, Alemão, Godinho, Peres e Feijão.

S. L. OLIVAIS — Ferreira; Carrilho e Olímpio; Bento, Quintino e Carlos Manuel; Eloi, Teias, Lagarto, Albano e Novo.

Arbitro — Henrique Silva.

Durante todo o desafio os «azuis» dominaram, remetendo-se os olivalenses a porfiada defesa. Ao intervalo, 0-0. A resistência dos visitantes só foi quebrada aos 30 m. por Branco, tendo Feijão confirmado a superioridade, aos 35 minutos. Ao fim: Belenenses, 2-Olivais, 0.

Atlético, 1-Vilafranquense, 1

ogo na Tapadinha. As equipas:

ATLETICO — Esteves; Acácio e Gomes; Lobo, Vilas-Boas e Fonseca; João, Marinho, Jorge, Torais (Quintino) e Salvador.

VILAFRANQUENSE — Moço; Cuca e Barroso; Ceitil, Vieira e Orlando; Torres (Ouro), Travares, João, Zezito e Bacalhau.

Arbitro — Armando Martins.

Durante a primeira parte, os alcantarenses, infelizes no ataque, permitiram uma igualdade (0-0). Na segunda metade, Salvador, aos 15 m., fez o ponto do Atlético; aos 29 m., Ouro aproveitou uma grande penalidade para fixar o resultado em 1-1.

Vialonga, 1-Sacavenense, 6

Jogo na Tapadinha. As equipas: alinharam:

VIALONGA — Avelino; Fernando e Rodrigues; Olegário, Alfama e Carlos; Periquito, Soares, Lima e Paulo.

SACAVENENSE — Adelino; Custódio e Mata; Rocha, Domingos e Gonçalves; Policarpo, Vítor, Valentim, Sérgio e Reinaldo.

Arbitro — José Anastácio.

Ao intervalo havia um empate a uma bola. Depois do Sacavenense ter desperdiçado uma grande penalidade, aos 20 minutos, este voltou a beneficiar de castigo idêntico, para á passagem da meia hora fazer o 1.º golo por Domingos. Cinco minutos depois Olegário fez a igualdade, de grande penalidade. Na 2.ª parte, os visitantes marcaram 5 golos por Reinaldo (aos 23 m.), Valentim (aos 37 e 38), Sérgio (aos 39) e Policarpo (aos 40).

Charneca, 0-Torriense, 3

Jogo no «Chão do Loureiro». As equipas formaram:

CHARNECA — Pázinho; Morato e Noel; Galdérias, Gonçalves e Sebastião; Madeira, Padrão, Afonso, Lopes e Cruz.

TORRIENSE — Leonel; Amaro e Daniel; Penetra, José Luís e Jorge Alves; Belmiro, Ernesto, Nineu, Campos e Crispim.

Arbitro — Mário Alves.

Ao intervalo os visitantes venciam por 2-0, com tentos marcados por Nineu, aos 5 e 38 minutos, a concluir contra-ataques. No derradeiro instante beneficiou de um livre e quando a bola se encaminhava para as redes, com o «keeper» batido, o árbitro apitou para o final da 1.ª parte.

Na 2.ª parte, aos 38 minutos, Nineu fixou o resultado.

Campeonato da II Divisão

A A. F. L. marcou para hoje, de manhã, dois encontros respeitantes ao campeonato distrital da II Divisão de juniores; os quais forneceram os seguintes resultados:

Série A — Santa Iria e União Povoense empataram a uma bola.

Série B — O Vitória C. L. venceu o Arroios, por 12-0.

É LOCUTORA

DA RÁDIO e foi convidada para a Televisão

uma princesa japonesa

TÓQUIO, 8. — A princesa Suga, filha mais nova do imperador, já apreciada como uma das melhores locutoras da Rádio do país, foi convidada a actuar na Televisão.

Colaborará, com o seu marido, num programa musical «Das nuvens para a rua», que é, em parte, baseada na sua biografia: a vida de uma princesa que casa com um empregado bancário. Embora sem aparecerem durante o espectáculo, a princesa Suga e Hisanaga Ximazur serão apresentados, antes do programa, num comentário ás diversas situações que a vida pode oferecer. — (A. N. I.).

Meia tonelada de géneros

oferecida ao «Diário de Lisboa»

pelo Grémio dos Armazenistas de Mercearia para as festas do Natal em cada bairro

(Continuação da 1.ª página)

nossos amigos, todas as dedicações, as iniciativas e empreendimentos á volta da nossa iniciativa possibilitam.

Um grande leilão no Teatro Monumental

Por várias formas se têm concretizado a colaboração e o auxílio, por meio de dádivas, ofertas, lembranças diversas, que, desde o primeiro momento deram realidade positiva á campanha para um Natal em cada bairro, quer directamente ou através de entidades e organizações que decidida e entusiásticamente cooperam connosco. Assim, os donativos e as ofertas individuais, da industria e do comércio, a par das cativantes e enternecidas lembranças de tantas e tantas criaturas modestas, de poucas posses, mas tão generosas, continuam a avolumar-se. Entre as mais diversas coisas reunidas, incluem-se artigos valiosos que têm de tornar-se em dádivas de utilidade prática e imediata para os necessitados.

São numerosos, de várias aplicações esses objectos, desde os esquentadores e caloríferos aos aparelhos de rádio de alta fidelidade, que a generosidade da população, tão largamente manifestada em prol dos objectivos da nossa iniciativa, transformará em novas possibilidades de auxílio eficiente aos necessitados. Tudo isso vai ser levado a um leilão, no mesmo ambiente artístico e festivo, que se efectuará no Teatro Monumental na segunda sessão da noite de 15, que é dedicada, também, com a respectiva receita, pelo ilustre empresário Vasco Morgado, a reforçar os fundos destinados aos benefícios da campanha para um Natal em cada bairro. Além do deslumbrante espectáculo com a deliciosa comédia musical, «Boa noite, Betina!», um dos maiores êxitos dos ultimos tempos, em que se reafirma o talento de Laura Alves, secundada por um elenco excepcional, haverá o atractivo da presença no leilão de prestigiosos artistas, incluindo o magnífico Igrejas Caeiro, cuja colaboração na campanha, através da expansão dos «Companheiros da Alegria», irradiando pelo Rádio Clube Português a sugestiva mensagem de solidariedade, tem aliciado para a mesma valiosos auxílios, incluindo muitas das coisas que vão ser leiloadas.

A grande jornada do Monumental é pois mais uma oportunidade que se oferece a todos de colaborarem generosamente para o Natal alegre e feliz da população necessitada da cidade. Convém, portanto, que aqueles que queiram traduzir a sua contribuição para a nossa campanha em entregas de objectos leiloáveis, nos comuniquem, sem demora, a sua decisão, para que possamos proceder á recolha de tais objectos, com vista ao referido leilão.

Milhares de sugestivos cartazes distribuidos em Lisboa pelos veículos FANTA

A insignia alusiva á campanha de que são portadores todos os vendedores da FANTA

Lisboa assistiu já hoje a outra jornada sugestiva, com a envolvente mensagem de solidariedade para a população, através do desfile das viaturas FANTA, que levam a todos os recantos da capital o eco vibrante da campanha em prol do Natal da sua gente humilde e necessitada

Associando-se a jornada á festividade e ao espírito de enternecido amor do «Dia da Mãe», o cortejo dessas viaturas com as empolgantes sugestões do Natal, pela admirável dedicação do pessoal da organização FANTA, assim se associando ao largo movimento de solidariedade, e especial motivo do feriado, autorização, por concedida pelo Instituto Nacional do Trabalho, de maneira tão cativante, significando o compreensivo apreço dos fins humanitários da iniciativa do «Diário de Lisboa», hoje mesmo começaram a desfilar pela cidade as viaturas FANTA distribuindo milhares dos atraentes e artísticos cartazes alusivos á campanha, editados pela referida organização industrial, por milhares de estabelecimentos da capital e arredores, onde se vendem os afamados e deliciosos refrigerantes daquela conhecida marca.

Esta distribuição dos incentivadores e alegóricos cartazes alusivos ao espírito altruista da campanha para um Natal em cada bairro é feita, como dizemos pelos vendedores dos produtos FANTA, que ostentam nas lapelas o distintivo simbólico da campanha, os quais hão de recolher os donativos e as lembranças do comércio da capital e dos transeuntes, quando, em breve, desfilar pelas ruas o grande cortejo artístico que a mesma organização industrial promove e é uma das suas muitas e valiosas iniciativas intnegradas na campanha do «Diário de Lisboa».

Ofertas valiosas e enternecedoras

Entretanto, afluem, dia a dia, valiosos donativos, as ofertas e as lembranças de vários organismos, da industria, do comércio, a par das dádivas modestas, não menos valiosas e tão enternecedoras, por parte daqueles que da sua mediania querem repartir alguma coisa pelos menos afortunados.

Há as crianças amimadas e outras modestas e pobres que retiram migalhas dos seus tesoiros para outras menos felizes e as senhoras que trabalham, em enternecidos enlevos nos agasalhos, nos mimos e nos brinquedos para tornar felizes os inocentes enlevados no sonho maravilhoso. Entre tantos desses gestos de carinhosa amorosidade tão comovedores, salientamos, pelo significado que se lhe associa, a oferta da sr.ª D. Maria do Nascimento Nunes, esposa de um subchefe da Polícia de Viação e Transito, que nos enviou um enxoval para criança, em lã, com todo o seu amor de mãe ardendo em desejos de boa sorte para o filho, sargento do Exército, em serviço na India.

O donativo do Grémio dos Armazenistas de Mercearia

Com a melhor compreensão do significado e dos objectivos da nossa campanha, integrando-se no grande movimento de solidariedade, a direcção do Grémio dos Armazenistas de Mercearia, a pedido do delegado do Governo junto daquele organismo, sr. dr. Pedro Guimarães, cujo gesto nos desvanece, dá-nos a sua valiosa contribuição para mais largos benefícios a conceder á população necessitada da capital.

A juntar a outras ofertas semelhantes, de géneros essenciais, incluindo bacalhau, que nos são feitas, o donativo daquele Grémio é quase meia tonelada de artigos de mercearia: açucar, arroz e gão, em três lotes de 150 quilos cada.

Haverá, pois, com as coisas tradicionais para a consoada, abundancia á mesa da gente pobre, que terá o seu Natal alegre e feliz.

Alguns dos veículos FANTA, que hoje distribuiram milhares de cartazes alusivos á campanha do «Diário de Lisboa» para um Natal em cada bairro, alinhados diante do mosteiro dos Jerónimos, antes de iniciarem o desfile pela parte ocidental da cidade

O filho de Kennedy foi hoje baptizado

WASHINGTON, 8.—O filho do presidente eleito dos Estados Unidos foi ontem pesado, acusando 2,720 quilos — menos 85 gramas do que quando nasceu — e sendo considerado pelos médicos em boas condições para ser hoje baptizado.

O dr. Edward B. Brooks, o pediatra que cuida do pequeno John Kennedy Junior, declarou aos jornalistas que está satisfeito com o estado de saude do bebé e com os progressos alimentares que regista.

O dr. Broocks é uma das poucas pessoas estranhas á família Kennedy que foi convidada para a cerimónia do baptizado. — (A. N. I.).

REDUZIDA para cinco por cento a taxa de desconto na Inglaterra

LONDRES, 8. — A taxa de desconto bancário no Reino Unido foi reduzida de 5,5 por cento para 5 por cento. — (R.).

O ministro da Defesa depôs flores no tumulo do «soldado desconhecido» italiano

ROMA, 8. — O ministro português da Defesa, general Botelho Moniz, que se encontra de visita á Itália, prestou homenagem ao «Soldado Desconhecido» italiano, na Praça Veneza.

Ao chegar á Praça, onde se ergue o tumulo do «Soldado Desconhecido» o ministro português foi cumprimentado pelo comandante da Região Militar Central da Itália, general Siro Bernabo. Contingentes do Exército, da Marinha e da Aeronáutica prestaram honras militares ao general Botelho Moniz, que depôs uma coroa de flores no monumento.

Assistiram á cerimónia centenas de oficiais em representação de todos os ramos das Forças Armadas estacionadas em Roma. — (A. N. I.).

Vida religiosa

A Padroeira de Portugal foi festejada na Sé

A principal cerimónia do Dia de Nosa Senhora da Conceição, Padroeira de Portugal, realizou-se na Sé Patriarcal, onde o sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira celebrou um soleníssimo pontifical, segundo o rito joanino.

Depois dos seminaristas terem feito a entrega ao purpurado das várias peças para a sua paramentação, o sr. cardeal-patriarca deu começo á missa pore ele celebrada, tendo como presbítero assistente mons. dr. Avelino Gonçalves e assistentes do solio os rev.mos cónegos dr. Figueiredo Sarmento e Filipe Cardoso.

Depois de cantar o Evangelho Sua Eminência saiu do sólio para a cadeira gestatória e pronunciou uma homília alusiva a Nossa Senhora.

A missa continuou com a colaboração da «Schola Cantorum» do Seminário dos Olivais, dirigida nas partes polifónica pelo rev.º dr. Manuel Luís e gregoriana pelo padre José Ferreira.

No fim da cerimónia o sr. cardeal-patriarca deixou o altar, subiu ao trono e daí deu a bênção papal com indulgência plenária, privilégio que lhe é concedido no dia da Padroeira de Portugal.

A imagem peregrina termina a visita às paróquias da capital

Com a saída da imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima, da Sé Patriarcal, termina esta tarde a visita da imagem ás greguesias da capital. De manhã houve missa seguida de comunhão. Pelas 15 horas, o sr. bispo de Febiana efectuou visita pastoral áquela freguesia, sendo recebido á entrada do templo pelos srs. cónego Manuel Luís e beneficiado Eugénio dos Santos, prior e coadjutor da freguesia da Sé, componentes da Irmandade do Santíssimo e muitos fiéis. O sr. D. António de Campos ministrou o Santo Crisma a muitos fiéis crianças e adultos. Pelas 16 horas, a imagem foi colocada num andor-auto, e acompanhada por um cortejo de automóveis seguiu para a Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, onde ás 20 e 30 há missa.

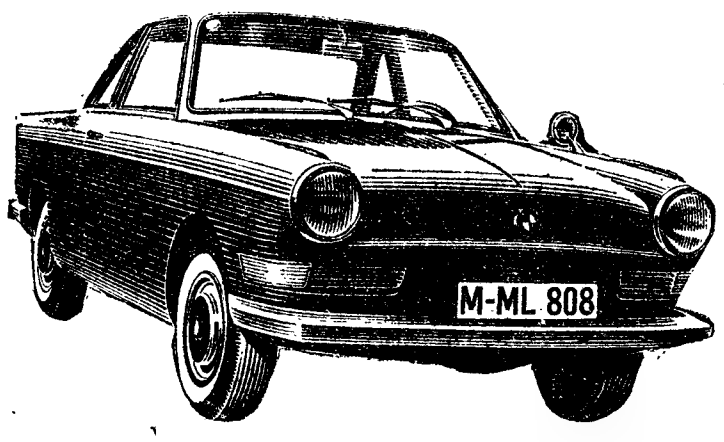
A festa da Senhora da Conceição, em Coimbra

COIMBRA, 8 — (Pelo telefone). — Pela primeira vez, desde há muitos anos, se realizou hoje, na capela da Universidade, a festa da Imaculada Conceição que, pelos Estatutos de 1654, era obrigatória. Um decreto recente pôs em vigor a parte dos referidos estatutos quanto ás cerimónias religiosas, uma das quais, a mais tradicional, se realizou hoje com a pompa de outros tempos.

Antes das 11 horas chegou á Universidade o sr. D. Ernesto Sena de Oliveira, arcebispo-bispo-conde e á sua entrada os sinos repicaram. Aguardavam o prelado, o vice-reitor em exercício, prof. José Carlos Moreira, que se fazia acompanhar dos directores das faculdades e da Escola de Farmácia e direcção da Associação Académica. Após os cumprimentos, o sr. D. Ernesto Sena de Oliveira, dirigiu-se para a capela-mor, onde envergou os paramentos azuis, bordados a ouro, privilégio da Universidade de Coimbra, e celebrou missa solene.

Na altura própria, o sr. D. Esnesto Sena de Oliveira distribuiu a sagrada comunhão a muitas dezenas de estudantes e ao Evangelho, proferiu uma homília alusiva ao dia e ao significado da cerimónia, que foi acompanhada com canticos liturgicos pela Coral dos Estudantes da Faculdade de Letras.

FAVORITO EM TODO O MUNDO



BMW 700

O MAIS UTILITÁRIO AUTOMÓVEL DA ACTUALIDADE

ECONÓMICO

LUXUOSO

CÓMODO

GARANTIDO PELA FAMOSÍSSIMA MARCA

SOCIED. COM. IND. AUTOMÓVEIS

FRANCISCO BATISTA RUSSO & IRMÃO, S. A. R. L.

AV. ANTÓNIO AUGUSTO AGUIAR, 3

Nós e a O. N. U.

(Continuação da 1.ª página)

ções acerca de quais as atitudes que Portugal deveria assumir perante as estranhas realidades que a seu respeito se passam na O. N. U.

A isso vamos.

*

Como disse anteriormente, na nossa Imprensa já tem sido lançado este grito: **abandonemos a O. N. U.**

É isso o possível, e é isso o conveniente?

Creio que não é. Mas antes de me pronunciar, julgo de alguma vantagem examinar a questão — de certo modo inversa dessa, e sobre a qual tenho parte de responsabilidade — de saber **se deveríamos ter entrado na Organização das Nações Unidas.**

É facto consumado, e não vale muito a pena derramar queixumes sobre leite que se derramou. Mas precisamente porque podem pairar duvidas, a esse respeito, no espírito de muitos Portugueses, talvez seja melhor gastar algumas linhas a considerar criticamente a solução de **ingresso,** que há anos o Governo português manteve e confirmou.

Todos sabem que, logo após a criação da O. N. U., o Governo português, instado por nações amigas e aliadas, apresentou o seu pedido de ingresso na O. N. U. E todos sabem que, durante anos e anos, o **veto** russo impediu que o ingresso se verificasse. Foi util. Além do mais, essa obstrução soviética deu azo a que tantos Estados nossos amigos — e o Brasil merece destaque de honra nessa cruzada — repetidamente bradassem na Assembleia da O. N. U. contra a exclusão inadmissível.

O certo é que, pelo dito **veto,** e só por causa dele, tivemos a honra do ostracismo.

Chegou-se a 1955, e os ventos mudaram. A rede dos interesses políticos teve novo tecimento — e a Russia resolveu dar o seu **placet** a que entrasse na Organização todo um **cabaz** (peço desculpa, mas é a expressão consagrada na gíria internacional) de nações até então por ela vetadas. E que cabaz! Basta recordar que nele figuravam, além de Portugal, nações europeias de alta civilização, como a Espanha, a Itália e a Irlanda.

Que deveria fazer o Governo português? Reirar nessa instancia o seu pedido de admissão, que de acordo com a política externa do Ocidente se mantivera em aberto durante tantos anos?

Para se adoptar semelhante solução negativa seria preciso que houvesse inconvenientes graves na admissão, e que esta não envolvesse vantagens apreciáveis.

Ora não se verificava nem uma coisa, nem a outra.

Não havia inconvenientes graves na admissão. Sabia-se antecipadamente que o problema anticolonialista haveria de surgir. Sabia-se que — mais pormenor, menos pormenor — a campanha de hoje, tendenciosamente destinada a prejudicar a subsistência de Portugal no seu Ultramar, se desenvolveria com virulência. Bastava não ser internacionalmente cego para o ver. Mas também era patente que **tudo isso não dependeria de Portugal estar ou não estar dentro da O. N. U.**

Efectivamente, estivesse Portugal fora da Organização, e a campanha **soit disant** anticolonialista contra Portugal desenhar-se-ia da mesma maneira na Assembleia da O. N. U. Talvez não diga bem: desenhar-se-ia em termos piores, dado que a ausência de Portugal não deteria as objurgatórias demagógicas (só as estimularia, pela irresponsabilidade imediata...), e a discussão á revelia permitiria que tudo se passasse sem que a voz da razão se fizesse ouvir pela boca dos nossos delegados.

Quer dizer: a situação de estranho á Organização não impediria nada, e até agravaria as coisas. Não havia, portanto, inconveniente em consentirmos na admissão.

Mas esta facultar-nos-ia vantagens consideráveis, específicas — vantagens de que **colhemos já os substanciosos frutos.**

Com efeito, enquanto não pertencessemos á O. N. U., não podíamos só por nossa iniciativa demandar outros Estados no Tribunal Internacional de Justiça, orgão jurisdicional supremo da O. N. U. e no Mundo. Obtida a qualidade de membro da O. N. U., essa possibilidade verificava-se **ipso jure.**

Ora desde 1954 que a diplomacia portuguesa acariciava a ideia de demandar a União Indiana acerca do nosso direito de passagem para os encraves sequestrados, de Dadrá e Nagar-Aveli...

"Assim, consumada em certo dia a entrada de Portugal na O. N. U., tudo estava preparado para no momento seguinte ser interposta a competente acção no Tribunal da Haia.

E foi o que se fez, com total surpresa da União Indiana, que não se apercebeu do nosso engenho, e não retirou a tempo a adesão á cláusula facultativa de aceitação da jurisdição obrigatória do Tribunal Internacional de Justiça. Acordou tarde, pode dizer-se que por poucas horas: quando reformou a sua declaração de adesão, em termos de não abranger a nossa causa, já não era tempo, e a competência do Tribunal estava em definitivo fixada, pelo facto consumado de interposição da acção.

O resto, é conhecido de todos. A União Indiana barafustou contra a competência do Tribunal (nomeadamente invocando a **surpresa** em que fôra colhida), mas em vão. O Tribunal reconheceu-se competente, e a União Indiana não teve outro remédio senão ver declarada solenemente pela mais alta Justiça Internacional a legitimidade da soberania de Portugal e o direito de passagem que a Portugal compete, através do território indiano, para aceder aos **seus** territórios de Dadrá e de Nagar-Aveli.

Passaremos na realidade? Não passaremos? Tudo depende da disposição de submissão ou de contumácia da União Indiana. Mas a nossa razão ficou clamorosamente reconhecida. A soberania de Portugal — nesses encraves, como, por maioria de razão, em todo o resto do Estado da India — está declarada e afirmada. E atrás de tempos, tempos vêm. Não só a União Indiana ficou em regime de contenção, a respeito do seu escandaloso imperialismo anexionista. mas ninguém sabe se, com alteração de situações políticas (como tudo é frágil e precário nesse gigante de pés de barro, que o sr. Menon representa!), não regressaremos de facto á plenitude do exercício da soberania nos territórios portugueses sequestrados. O **direito** está intacto — e proclamado. E o valor do precedente, em relação a todo o Ultramar português, merece também ser posto em relevo.

Julgo que, depois destas breves notas, fácilmente se há-de reconhecer que não fizemos mal, e só fizemos bem. em manter a vontade de ingresso na O. N. U. Nenhum inconveniente sério. Só vantagens. Até a de, agora, termos o poder de decidir.

*

E que vamos decidir? Que devemos decidir? **Abandonar a O. N. U.?**

É esta na verdade a atitude que, na presente emergência, se compreende possa aparecer como natural á mente e á vontade dos Portugueses.

Mas alguma reflexão leva-nos a solução diversa.

Primeiro, nada na Carta das Nações Unidas prevê a hipótese de um Estado Membro poder retirar-se da Organização por seu alvedrio. As coisas estão gizadas no estilo do arpão que se crava na baleia: pode entrar fácilmente na carne do cetáceo, mas uma vez entrado não pode sair. Por mais contorções e esforços que se façam. Pode o baleeiro puxá-lo, mais e mais: aproxima-se da baleia, mas o arpão não retrocede.

Assim, creio que a questão posta é vã.

A O. N. U. pode, sim, **suspender** ou **expulsar** os Estados Membros. Já o vimos no artigo anterior. Aos Estados Membros não cabe **obter a exoneração.** Assim interpreto a Carta, embora admitindo que o ponto de direito não seja incontrovertível.

Mas, em segundo lugar, mesmo que pudessemos abandonar **jurídicamente** a O. N. U., não nos conviria fazê-lo. Explico porquê.

Não há nenhum inconveniente em fazer jurídicamente parte da Organização das Nações Unidas, ter os direitos inerentes á qualidade de Membros, e todavia estar **de facto** ausente dos seus trabalhos. Nomeadamente: não enviar delegados á Assembleia Geral, não participar dos afazeres do Conselho de Segurança (quando dele já se faça parte), não se ser candidato a esse ou a outros orgãos da O. N. U. A situação **de facto** é a mesma a que se chegaria com uma saída jurídica efectiva, e tem-se a vantagem de continuar a **fazer parte do clube.**

O caso já se tem verificado, e está comprovado. A França e a União da África do Sul, por exemplo, têm estado, por vezes, nessa posição de abandono **de facto.** Retirando se ostensivamente da efectividade dos trabalhos, conseguiram o resultado político de protesto que pretendiam. Mas continuando **de jure** a ser Membros da Organização, mantiveram a possibilidade de. quando lhes conveio, aparecerem novamente, a discutir e a votar, nos termos normais. Negando-se a colaborar durante certo tempo, e deixando que no entretanto a Assembleia as profligasse **tal e qual como se estivessem presentes ou como se fossem estranhas á Organização** (a realidade **política** é a mesma em ambos os casos, no campo dos factos), souberam conservar a arma da surpresa, para intervir subitamente, na Assembleia e nas Comissões, como se nunca da colaboração efectiva se tivessem afastado.

É, creio bem, a solução que convém para o momento próximo em que o Plenário da Assembleia Geral da O. N. U. pretender **condenar** o nosso País a dar observancia ao Art. 73 da Carta a respeito das províncias ultramarinas portuguesas: uma declaração firme de não acatamento, seguida da abstenção ostensiva de presença na continuação dos trabalhos da Assembleia. Atitude digna — e atitude vantajosa. por coincidência.

Decerto, daqui até lá, dever-se-á desenvolver a mais intensa acção diplomática para conseguir que mais nações amigas votem connosco (e as **abstenções,** digam lá o que disserem, valem sempre e apenas o que são — **abstenções**...). Mas se a votação final for desfavorável — deverá ser esse o caminho a **trilhar.** E assim a porta não nos ficará fechada: apenas encostada. Reentraremos na sala logo que quisermos e nos convier.

Ressalvo, é claro, a eventualidade de outros dados da nossa política externa de que não tenha, porventura, conhecimento. Mas como sou, neste momento, um simples particular, estas considerações não comprometem ninguém e têm mero valor doutrinal. Ao Governo, superiormente, caberá resolver o problema em termos vinculativos. Como já disse: troquemos ideias, tentemos dar achegas para a formação de uma sã atitude portuguesa. Mas o que a final pelo Governo for resolvido — é o que está bem.

*

E assim cheguei ao termo desta breve série de reflexões acerca das coisas da O. N. U.

Seguidamente vou assumir a direcção do Conselho Superior de Política Ultramarina. Será um virar de página, e responsabilidades políticas vão aflorar. Outro capítulo da minha actividade: o ritmo estará acomodado ás responsabilidades que a condicionam — só que, sempre, com a mesma total franqueza e sinceridade. e o mesmo amor da Grei.

7-XII-1960.

PAULO CUNHA

Linha de CASCAIS

Cinemas

ALGÉS — Stadium — A's 15 e ás 21 horas: «O rei da pradaria» e «O homem tranquilo» — (12 anos).

PAREDE — Royal-Cine — (Não há espectáculo).

ESTORIL — Casino — A's 17 horas (12 anos) e ás 21.30 (17 anos): «Por favor não comam os malmequeres» — Cine-Esplanada — (Não há espectáculo).

CASCAIS — S. José — A's 16 e ás 21.30: «Bravos e cobardes» — (12 anos).

Farmácias de serviço

ALGÉS — Branco — Av. dos Combatentes da Grande Guerra, J. L. — Telef. 012081.

CAXIAS — Farmácia Nova — Praceta — Telef. 042839.

PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva — Av. Patrão Lopes, 4 — Telef. 042039.

OEIRAS — Central — R. Conde Ferreira — Telef. 043058.

PAREDE — Artur Brandão — Av. da Republica, 77-C — Telef. 047054.

ESTORIL — Marques dos Santos — Rua J. A. Ferreira — Telef. 060116.

CASCAIS — Misericórdia — R. Regimento 19 — Telef. 080141.

SUFRÁGIOS

Dr. Sidónio Pais

Por iniciativa de um grupo de amigos e colaboradores do saudoso presidente dr. Sidónio Pais, celebram-se no próximo dia 14, pelas 12 horas, na igreja de S. José, no Largo da Anunciada, solenes exéquias por sua alma.

Em Algés, o «Diário de Lisboa» encontra-se á venda na tabacaria do Café Caravela d'Ouro.

O CARRO MAIS FUNCIONAL DE 1961

PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO AO REPRESENTANTE EXCLUSIVO PARA PORTUGAL

AMÉRICO RODRIGUES, LDA.

AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 25-A—LISBOA

Características dos carros grandes

Vantagens dos carros pequenos

4 Cilindros - 4 Tempos - 55 HP - 2 Carburadores - Cores lindíssimas em novas tonalidades. Tracção à frente.

Grande vigilância policial

em todo o território argelino

nas vésperas da visita de de Gaulle

PARIS, 8. — Pela quinta vez depois de regressar ao poder, o general de Gaulle vai á Argélia. Partirá de Paris amanhã, cedo.

Fará a viagem num «Caravelle» que poisará num aeródromo de Oran. Será pelo Oeste argelino que começará esta nova visita em que, a poucas semanas da consulta popular, o general de Gaulle se informará das realidades argelinas, consultando todos: militares, membros da administração e eleitos muçulmanos, e informará os seus interlocutores do desenvolvimento da sua política para a Argélia.

Por razões de segurança, o programa desta viagem, como das anteriores, em Agosto de 1959 e Março findo, ficará secreto. Apenas se conhecem oficialmente as grandes etapas: amanhã, Ain-Temouchent e Tlemcen; no sábado, Cherchell e Orléansville; no domingo, Tizi Ouzou e Bougie; na segunda-feira, Philippeville; na terça-feira, Biskra; na quarta-feira, visita aos postos escalonados paralelamente á fronteira tunisina. O general de Gaulle conta regressar a Paris em 14 do corrente ao fim da tarde.

Será acompanhado por três membros do Governo: Louis Joxe, ministro de Estado para os Negócios Argelinos, Pierre Messmer, ministro das Forças Armadas, e Louis Terrenoire, ministro da Informação que receberá diáriamente os jornalistas. — (F. P.).

TODA A POLÍCIA ARGELINA EM ESTADO DE ALERTA

ARGEL, 8. — A Polícia está a passar revista a todos os automóveis que entram e saem de Argel devido aos rumores de que os activistas europeus estariam a preparar atentados á bomba em coincidência com a visita do general de Gaulle.

Segundo essas notícias os activistas preparavam uma série de explosões nas localidades situadas nos arredores desta cidade para distrair as atenções da Polícia e obrigá-la a dispersar as suas forças, actualmente concentradas em Argel.

Diversas personalidades conhecidas pela sua oposição á política do presidente de Gaulle tinham desaparecido esta manhã da capital. Todas as chegadas e partidas por avião e barco estão a ser rigorosamente controladas pelas autoridades

Os aeroclubes estão também sob vigilancia policial para se evitar qualquer saída clandestina.

Hoje, em Argel, foram distribuidos diversos manifestos antidegaullistas do movimento das Direitas «Jeune Nation».

Entretanto a censura proibiu a publicação das declarações do general Raul Salan e a reprodução dos textos dos manifestos. A censura não permite também que os jornais se refiram aos movimentos de tropas nem que publiquem declarações de personalidades francesas sobre a situação na Argélia.

Circulam boatos de que se prepara para amanhã uma greve geral coincidindo com o início da visita do presidente de Gaulle. — (R.).

UM MANIFESTO ANTI-DE-GAULLISTA

ARGEL, 8 — «Amanhã poderá ser tarde» diz um manifesto difundido largamente, a menos de 24 horas da chegada de de Gaulle.

O manifesto que foi distribuído por jovens nos cafés de Argel, afirma:

«Franceses, muçulmanos e não muçulmanos.

«Chegou a altura de afirmarmos o nosso ardente desejo de continuarmos franceses.

«Chegou a altura de lutarmos contra uma política de abandono.

«A chegada do chefe de Estado á Argélia deve ser o sinal de uma greve geral de 24 horas que se estenderá por todos os departamentos franceses da Argélia.

«Fraternalmente unidos como em 13 de Maio, iremos para as ruas, calmos, desarmados e resolvidos a continuar franceses.

«Chegou a altura. Amanhã será tarde».

O quartel-general das forças armadas francesas advertiu a população de que não deve tentar perturbar a ordem durante a visita de de Gaulle á Argélia. — (A. N. I.).

As equipas BB de França e de Portugal, perfiladas a meio do terreno

O jogo no Estádio Nacional

(Continuação da 1.ª página)

lero e por Posé Carliñera e Ruys Casasola.

A bola de saída pertenceu aos Franceses que logo desceram ao meio-campo defendido pelos Portugueses, cuja defesa, entretanto, conseguiu anular a incursão. Por seu turno, os Lusitanos contra-atacaram sem, todavia, lograrem obter o êxito apetecido, por Jorge Humberto não ter acompanhado devidamente a movimentação dos companheiros.

A partida tomou aspectos de equilíbrio e Rita foi o primeiro guarda-redes a intervir para deter um remate de Hess desferido á figura daquele.

Os Portugueses voltaram ao ataque, agora por intermédio de Rocha e beneficiaram de um castigo de livre que Neto apontou froixamente de modo a não criar dificuldades para os defensores gauleses.

Os visitantes organizaram, seguidamente, um golpe ofensivo perigoso e Rita para evitar o tento que se afigurava certo teve de lançar-se aos pés de Roy. Eram decorridos 6 minutos.

Oportunidade desperdiçada pelos Portugueses

O encontro prosseguiu com lances num e noutro meio-campo.

Aos doze minutos, uma descida de Uria não foi concretizada por Jorge Humberto devido a este jogador ter rematado deficientemente.

No minuto seguinte, Jorge Humberto atirou com força ás redes dos Franceses. Lamia defendeu para perto. Yauca fez a recarga, mas o esférico não chegou ao seu destino por ter batido num pé de um dos defesas e Jorge Humberto, a cerca de dois metros das balizas, não conseguiu dominar a bola e a grande oportunidade de abrir o activo passou...

Precisamente ao quarto de hora, Yauca conseguiu introduzir o esférico nas balizas á guarda de Lamia, a concluir uma avançada de Uria. O árbitro, porém, não validou o tento por «offside» do rematador, quando Yauca sofrera uma carga, dentro da grande área contrária, a merecer o castigo máximo.

O quadro das quinas prosseguiu na ofensiva e, aos 18 minutos, J. Humberto rematou, de longe, mas sem resultado.

1-0 para Portugal

Aos 29 minutos, Uria, quando pretendia dominar o esférico foi carregado por Fulgenzy. Carlos Duarte apontou o «livre» respectivo, endossando a bola para Rocha que, com um golpe de cabeça, logrou abrir o activo.

Ao entrar-se no ultimo quarto de hora, os Gauleses através de Roy desenharam um ataque pela ala direita, aquele jogador rematou, á flor da relva, com certo perigo. O esférico, porém, acabou por ser atirado pela linha de cabeceira por um defesa português.

1-1 no marcador

O «team» gaulês replicou energicamente e, aos 37 minutos, Fulgenzy acompanhou o esquema de ataque dos seus dianteiros e, já dentro da grande área á guarda dos Portugueses, atirou a contar. Eram decorridos 37 minutos.

2-1 para a França

No minuto seguinte, Faivre capturando um centro de Bruey desferiu forte remate que desfeiteou Rita pela segunda vez.

Entretanto, Uria saiu entrando para o seu lugar Estêvão.

Aos 42 minutos, Maryon substituiu Fulgenzy.

E ao intervalo: Portugal, 1-França, 2.

A SEGUNDA PARTE

A partida recomeçou, praticamente, com um remate de Yauca, que Lamia desviou para «canto».

A equipa francesa, com melhor movimentação e naturalmente porque o estado escorregadio da relva a beneficia devido ao seu porte atlético, permitia-lhe infiltrar-se bem na zona defensiva dos Portugueses e, assim, aos 4 minutos, Morato teve de intervir com oportunidade para anular uma tentativa de Faivre.

Passado esse pequeno período de ascendência dos Franceses, os Lusitanos voltaram á mó de cima, beneficiando dum «livre» que Yauca apontou endossando a bola a Jorge Humberto que não deu o seguimento devido ao lance.

2-2 no marcador

Os Portugueses, aos 13 minutos, lançados ao ataque igualaram—Yauca recebeu a bola da sua defesa, internou-se no terreno do adversário, pela ala direita, Lamia saiu das redes para evitar o cruzamento, mas Yauca atirou ás balizas de forma imparável.

Os «bês» lusitanos prosseguiram em franca toada ofensiva, e, aos 21 minutos, beneficiaram de um «livre» indirecto, dentro da grande área, mas que Rocha apontou sem êxito.

Aos 24 minutos, uma troca de passes entre Yauca e J. Humberto, este atirou á trave, não surgindo a recarga.

E até á meia hora, a equipa portuguesa manteve a sua supremacia territorial que não correspondia no capítulo de remate.

O último quarto de hora

No derradeiro quarto de hora, os Portugueses procuraram, afanosamente, o golo do triunfo e os seus avançados enlearam, constantemente, a defesa antagonista, sem, contudo, o conseguirem pelo que no final: Portugal, 2-França, 2.

Comentário final

A vantagem de um golo a favor da França é afinal, o reflexo do sentido de oportunidade que os visitantes demonstraram nas raras vezes que se acercaram do reduto defendido por Rita.

O «onze» português dominou, territorialmente, e criou vários momentos de golo mas, os seus avançados manifestaram inoperancia. Basta dizer que o seu golo resultou da sequência dum «livre».

O jogo no primeiro tempo não proporcionou espectáculo. A repetição de lances e o desacerto do trio central lusitano tornaram-se repetições fastidiosas.

Os Gauleses, com melhor estampa atlética, defenderam-se bem ao mesmo tempo que imprimiram á sua manobra, estilo, singelo de recorte prático.

Em contrapartida, os Portugueses mostraram-se demasiado laboriosos e precipitados no capítulo de remate.

Portugal, no segundo período, foi mais persistente, mais entusiasta, mais voluntarioso e criou inumeros momentos de golo que perturbaram, sériamente, a defesa francesa.

Pode dizer-se que o comando do jogo pertenceu nitidamente ao «onze» lusitano e que o empate é um resultado lisonjeiro para os visitantes.

Todos os Portugueses lutaram com extraordinário brilho sendo todos credores do mesmo elogio. — F. S.

PEDROTO e CABRITA

receberam os seus diplomas de treinadores

No intervalo do encontro Portugal B-França B os dirigentes da Federação Francesa entregaram a Pedroto e a Fernando Cabrita os diplomas de treinadores, pelo curso organizado por aquela Federação. Armando Carneiro — o terceiro diplomado — não pôde comparecer devido aos seus afazeres profissionais.

O BENFICA

exibiu-se

em Castanheira de Pera

CASTANHEIRA DE PERA, 8 *(Pelo telefone)*.—Para comemorar o seu 25.º aniversário, o Sport Castanheira de Pera e Benfica fez jogar aqui o Benfica e a Académica, que se apresentaram assim:

BENFICA — Barroca; Serra e Amandio; Humberto, Artur e Inácio; Moreira, Palmeiro, Torres, Jorge (Espirito Santo) e Mendes.

ACADÉMICA—Gomes da Silva; Curado e Mesquita; Juca, Wilson e Abreu; Assis, Mota, Gonçalves, Gaio e Nuno.

Árbitro—Samuel Abreu, de Santarém.

Os «encarnados», durante a primeira parte, jogaram mais ao ataque, mas sem o sentido de perigo fornecido pelos estudantes. Gaio, a 1 minuto e aos 20 minutos fez dois golos para a Académica; Torres, aos 41 minutos, com culpas para o «keeper» dos estudantes, fixou o resultado da 1.ª parte em 2-1, para a Académica.

A F. I. L.

elogiada numa revista suiça

LAUSANNE, 8.—Anunciando que a II Feira Internacional de Lisboa se realizará de 9 a 23 de Junho de 1961, escreve o jornal «Wirtschaftliche Mitteilungen», desta cidade:

«Perto de 900 expositores, originários de 20 países, estiveram representados na I Feira Internacional de Lisboa, que foi visitada por cerca de 250 000 pessoas, entre as quais numerosos comerciantes e industriais estrangeiros, atraídos pela receptividade do mercado português e pelas possibilidades de negócios que a posição geográfica de Portugal lhes permite antever.

«Por seu lado, as entidades oficiais portuguesas manifestam um interesse muito particular por esta iniciativa, o que foi traduzido pelas repetidas visitas que o Chefe do Estado, o presidente do Conselho, membros do Governo e numerosas outras altas individualidades fizeram ao certame.

«Salientamos que a União das Feiras Internacionais, durante o seu ultimo Congresso, realizado em Casablanca, no mês de Outubro, admitiu a Feira Internacional de Lisboa no numero dos seus membros».

Fornece, em seguida, o jornal, alguns elementos sobre o que será a Feira Internacional de Lisboa:

«A II Feira Internacional de Lisboa ocupará uma superfície total de 35 000 metros quadrados, dos quais 21 000 cobertos e 14 000 ao ar livre; apresentará, também, representação das seguintes industrias: aeronáutica, agricultura, alimentação, mobiliários, aparelhos eléctricos domésticos, artigos caseiros, artesanato, construção civil, joalharia, química industrial e farmacêutica, construção naval, cristais, coiros e aplicação, electricidade industrial, embalagem e acondicionamento, vestuários, hotelaria, brinquedos, matérias plásticas e sintéticas, mecanica geral, medicina, papelaria, perfumaria, fotografia, rádio e televisão, desportos e turismo, produtos têxteis e veículos de transporte.

«A distribuição dos expositores por grupos profissionais foi bem acolhida no primeiro certame. Deste modo, a II Feira Internacional de Lisboa manter-se-á fiel a esta fórmula». — (A. N. I.).

O SPORTING

jogou em Setúbal

SETUBAL, 8. — (Pelo telefone) — No campo dos Arcos, em cumprimento de condições respeitantes á transferência de jogadores, disputou-se esta tarde um jogo entre equipas assim constituidas:

V. SETUBAL — Justino; Polido e M. Joaquim; Graça, Galaz e Abegão; Pompeu (Mateus), Bira, Miguel, Caldas e Quim.

SPORTING — Anibal; Morais e Pedro Gomes; Mendes, Lucio e Julio; Hugo, Faustino, Fernando, Geo e Seminário (Diego).

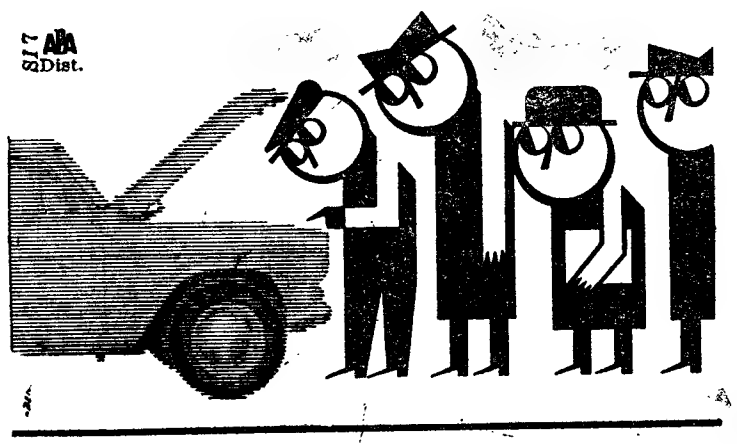
Arbitro: Virgilio Baptista.

Enquanto os «leões» não fizeram o seu golo, os Setubalenses, jogando com muito entusiasmo, dominaram com certa clareza. Mas, os sportinguistas, um tanto contra a corrente do jogo, aproveitaram um contra-ataque para marcarem o tento, aos 20 minutos, por intermédio de Seminário, tomando a luta feição de equilíbrio. Ao intervalo, 0-1.

Na 2.ª parte, aos 15 minutos, Fernando passou o resultado para 2-0; e, aos 21 minutos, Faustino fixou o resultado final em 3-0.

LOTARIA DO NATAL
12 000 CONTOS
CAMPIÃO
Rua do Amparo, 2 — Lisboa

ENSOPADO DE ENGUIAS
Famoso prato
do RIBATEJANO
SALVATERRA DE MAGOS



veja de perto o novo formidável motor **RUSH**
no Stand dos Concessionários
SIMCA

QUINTAROLA
Na Linha do Estoril, vendem-se lotes terreno com mínimo 10 000 m2 ou áreas maiores, óptimo para fazer quintarola de recreio, local aprazível, junto povoação, com lindo panorama, mar e campo, água, luz e estrada, preço 60$00 o m2, é muito em conta, pois a 30 metros deste terreno estão a vender a 200$00 o m2. Boa aplicação capital. Carta dos interessados ao Apartado, 11, Picoas, Lisboa. Sou o próprio.

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os
COMBOIOS ELÉCTRICOS

«Minha Mulher», de Picasso, em quatro versões

vida literária

SUPLEMENTO DO «DIÁRIO DE LISBOA» NÚMERO 124

«Exodus» um "best-seller" internacional

A tradução portuguesa do «best-seller» «EXODUS» coloca os leitores portugueses perante a realidade física (810 páginas de tipografia) de um êxito internacional, do qual, só nos Estados Unidos se venderam quatro milhões de exemplares. Após a publicação do romance, logo seguida da edição do documentário gráfico «EXODUS REVISETED», texto de Leon Uris e fotografias de Dimitrios Harissiadis, o turismo em Israel aumentou 11 por cento. As agências de viagens organizaram uma «viagem EXODUS», com paragens nos lugares mencionados no livro e a leitura de extractos do romance por guias israelitas. «EXODUS» tornou-se, de algum modo, a epopeia nacional de Israel.

As edições de «EXODUS» sucedem-se. O êxito do romance nos Estados Unidos despertou uma verdadeira reacção em cadeia. Os grandes editores disputam a obra que arrancou Leon Uris do semi-anonimato para a celebridade. Na Austria a obra foi editada por Lechner & Sohn; na Dinamarca pela Grafish Forlag; na Finlandia por K. J. Gummerus; na França por Robert Laffont; na Alemanha por Kindler Verlag; na Inglaterra por Peter Kimber; na Holanda pela Uitgeverij Hollandia; na Itália por Mondadori; na Noruega por Nasjomalforlaget; na Suécia por Bonnier Bokforlager Forum; na Suíça, em alemão, por Karl Posen; em Espanha pela Editorial Bruguera; em Portugal, por Publicações Europa-América; em Israel por Steimatsky.

Originalmente concebido como argumento para um filme que lhe tinha sido encomendado por Goldwyn, Leon Uris teve que encarar a realidade do seu tema, a tragédia das perseguições a que o povo de Israel estivera sujeito e da sua inquebrantável fé na pátria prometida, fé convertida de ideal esperança em concreto e admirável esforço construtivo, e dar á sua obra a extensão, a complexidade, a densidade que o trabalho á medida que nascia impunha ao seu criador. Leon Uris escreveu «EXODUS» e o romance fez o escritor Leon Uris. Terminado o argumento já era impossível a Leon Uris deixar de escrever o romance. Nesse vasto painel histórico-sociológico, dramático e poéticamente confiante, a tragédia do «EXODUS» — que dá o título ao livro — é apenas um episódio.

A «Metro» desinteressou-se do

(Continua na página seguinte)

AQUILINO RIBEIRO

Duas reedições de obras de Aquilino Ribeiro

A publicação das *Obras Completas* de Aquilino Ribeira pela Livraria Bertrand tem prosseguido com a regularidade que o interesse sempre renovado dos leitores do grande mestre da nossa literatura determina e justifica. Numa obra que já ultrapassou a meia centena de volumes, além das traduções e adaptações, o mais admirável é a permanência do génio criador que a fez nascer, também há meia centena de anos: as reedições dos títulos conhecidos e consagrados alternam assíduamente com o lançamento de obras originais em que se afirma, opulenta e fecunda, a força extraordinária do maior prosador português de nosso século — entre os muito grandes e mais raros da história literária nacional.

Chegou agora a vez da ressurreição perante o publico de dois romances que assinalam épocas muito diferenciadas na arte de escrever e no talento romanesco de Aquilino: «A Via Sinuosa», obra de juventude que foi a anunciação do romancista em toda a sua esplêndida e longa maturidade, até hoje não extinta; e «O Arcanjo Negro», obra da meia idade que representa a fase da *descida á cidade* no inventor de figuras humanas e de sentimentos ou instintos profundos, até en-

(Continua na ultima página)

Domingo Manfredi fala da nova geração de romancistas espanhóis

A gentil morena de graciosa touca branca tem um sorriso de cumprimento.

Em frente de cada um coloca a «copa» de cerveja — com muita pouca espuma — e um prato de aperitivos.

— Pois é como lhe digo. A geração a que pertenço, a de todos aqueles que andam pelos 40 anos, conheceu as agruras da guerra e foi bastante sacrificada, talvez, mesmo demasiado. Dela saiu um grupo de escritores, alguns com poucos estudos é certo, que viveram no ambiente da guerra e foram testemunhas desses momentos. Aqueles que sobreviveram ficaram com uma formação humana anos depois aproveitada para a construção e ambiente dos seus romances.

Domingo Manfredi bebe calmamente a «copa» de cerveja. O seu rosto não sorri, tem a expressão de homem enérgico e confiante. Logo no primeiro instante em que travámos conhecimento notámos no seu olhar um fulgor, diremos antes, uma vontade interrogativa que nos levou a não julgar Manfredi apenas romancista.

Fomos encontrá-lo por detrás de uma secretária na «Comisaria da Polícia Armada» na Calle Leganitos.

Se bem que presentemente não desempenhe funções policiais há, contudo, em toda a sua personalidade, um «selo de origem» — chamemos-lhe assim — que não engana.

A calma e a ponderação de raciocínio, a atitude enérgica da sua posição de romancista enfim, mesmo, a sua estatura física, dão-nos toda uma imagem da personalidade de um agente da polícia.

— De facto, durante anos pertenci aos efectivos policiais.

— Por vocação?

— Aproveitei muito dos problemas humanos que se depararam ao agente da polícia. Amigos meus têm afirmado que fui «mau» polícia e sou melhor escritor. Uma certeza tenho: nos meus romances os problemas das pessoas têm verdade, fundo humano e muito de tragédia. Compreende que, ao agente da polícia

(Continua na ultima página)

HENRY MILLER PREPARA UM NOVO «NEXUS»

Henry Miller vai sair da sua herdade norte-americana do deserto para passar o Inverno em Paris. Miller planeia esta deslocação com o maior cuidado. Pôs em movimento toda uma legião de amigos para lhe procurarem um lugar quente em Paris. Provavelmente, qualquer hotel terá de reforçar a «chauffage». Motivo desta deslocação: Miller pretende escrever um novo «Nexus» e começa a achar o deserto monótono.

«Panorama do Teatro Moderno» de Redondo Junior

Numa nova colecção de teatro que a Arcádia vai lançar, o ensaista e crítico de teatro Redondo Junior publica «Panorama do Teatro Moderno», com os seguintes capítulos: «De Copeau a Bertolt Brecht», «Reinventar o Teatro», «Os retreatralizadores», «A condição do actor», «Criar um envolvimento», «O binóculo luz-cor», «O acto de encenar», «O Teatro e o Publico».

Ainda haverá *camilianistas?*

Aqui há trinta anos o ser camilianista era uma marca que assinalava os furiosos do mundo dos livros, como no campo desportivo o ser benfiquista ou sportinguista.

Camilo foi orago alto e poderoso nas letras portuguesas e os fiéis começaram a reunir-se sob a sua intercessão. Formaram legião, e os livros do mestre atingiam preços de loucura, sobretudo as suas primeiras edições, as suas dedicatórias, quaisquer objectos que tivessem pertencido ao autor do «Amor de Perdição». Era a disputa de autênticas relíquias entre gente devota.

Houve até quem se distinguisse entre os estudiosos de questões camilianistas, desde o velho Alberto Pimentel, aos livreiros Henrique Marques e Manuel dos Santos e ao erudito Julio de Sousa Costa que com os cinco volumes dos «Dispersos de Camilo» prestou a maior valia ao culto.

(Continua na página seguinte)

Tolstoi, o aristocrata que viveu como um mujik, cujo centenário da morte está a ser celebrado

Arne Lundgren

poeta e escritor sueco

tradutor de obras portuguesas

consagrado mais uma vez

ESTOCOLMO, Dezembro — Ainda há pouco tempo, anunciámos aqui o aparecimento de uma antologia de contistas portugueses na Suécia, uma obra de grande alcance e significado para o futuro da literatura nacional naquele país nórdico. A iniciativa pertenceu ao professor e poeta sueco Arne Lundgren que os portugueses apenas conhecem através daquilo que se tem escrito acerca do seu interesse pelas coisas portuguesas e, sobretudo, as literárias.

Arne Lundgren não é, porém um mero tradutor. Há dias, foi ele galardoado com um prémio literário — o Prémio Eckerstein — atribuído pelos livreiros suecos.

Como motivo para a atribuição do prémio, indica-se «uma grande variedade de assuntos e angulos em ligação com uma qualidade literária do mais alto nível» na sua poesia. Foi, em especial, o livro para crianças «Eka» e a colecção de poemas «Kustbilder» (Quadros Costeiros) que motivaram a decisão do júri.

Arne Lundgren tem já quase pronto um novo livro para crianças, um livro de aventuras em ambiente brasileiro do século XIX. Depois, um romance de um rapazito, vendedor de jornais, que vem da província para Gotemburgo. Ainda mais: uma colecção de poemas traduzidos de vários poetas brasileiros: E, possivelmente, uma nova tradução da literatura portuguesa.

Já não é a primeira vez que o valor do poeta e escritor Lundgren sai distinguido pela crítica e pelas instituições literárias suecas. No seu país, ele ocupa já um lugar á parte, não menos pela sua maneira rica e simples de escrever, de uma beleza excepcional. Não há duvida que a literatura nacional e os nossos escritores encontraram em Arne Lundgren a talentosa, conceituada e consagrada pessoa para os representar e os levar junto do publico sueco.

JAIME DA SILVA

LEON URIS

Leon Uris

(Continuação da página anterior)

argumento e cedeu os respectivos direitos a um realizador ligado a United Artists. Foi, finalmente, Otto Preminger quem realizou a versão cinematográfica de «EXODUS», tendo confiado o principal papel masculino a Paul Newman.

O romance de Leon Uris corre Mundo, vendendo-se a um ritmo que não pode ser suscitado por truques publicitários. O livro bateu nos Estados Unidos em 1958-1959, destronando-os na lista dos «best-sellers» Vladimir Nabukov e de Boris Pasternak. Será uma obra-prima? A crítica literária mundial não lhe nega a força, o ímpeto arrebatador, a cólera divina, o acento trágico que caracteriza as grandes obras de emoção e de verdade que conquistam e subjugam os leitores. E' um «caso» na vida dos livros este êxito de Leon Boris Pasternak. Será uma tor, para além desta obra triunfal, é vaticínio que nos não cumpre fazer. «EXODUS» é um grande livro. Leon Uris venceu. Ele fará desta vitória o que puder, o que souber.

LÉON URIS

EXODUS

ROMANCE

- **EXODUS** é o romance de uma extraordinária aventura.
- **EXODUS** leva o leitor á velha Russia, aos «ghettos», da Europa Central, á Alemanha nazi, á Varsóvia dos anos terríveis, a Chipre, a Israel.
- **EXODUS** é uma história verídica.
- **EXODUS** é a narrativa romanceada de uma das maiores epopeias da História.
- **EXODUS** foi, nos Estados Unidos, durante 52 semanas, o maior «best-seller».
- **EXODUS** — Quatro milhões de exemplares vendidos nos Estados Unidos.
- **EXODUS** — O livro mais volumoso editado por PUBLICAÇÕES EUROPA - AMÉRICA — 810 págs.
- **EXODUS** — O sucesso que fecha o ano de 1960 e de que se falará em 1961.
- **EXODUS** — Um romance da Colecção «SÉCULO XX».

UMA EDIÇÃO DE

Publicações Europa-América

Rua das Flores, 45 * Lisboa-2

PRELO

ACABA DE LANÇAR

«DO MONTE SINAI À ILHA DE VÉNUS»

1.º volume da colecção

«O HOMEM NO MUNDO»

DA AUTORIA DO BRILHANTE ESCRITOR GREGO

NIKOS KAZANTZAKI

ESC. 25$00

DISTRIBUIDORES GERAIS:

LIVROS HORIZONTE, Rua das Chagas, 17-1.º-Dt.º — LISBOA

LIVROS E AU

COMENTÁRIOS DE ALVARO SALE

«TERCEIRO LIVRO DO BAIRRO»

por MANUEL MENDES

Com estes «livros do Bairro» está Manuel Mendes a erguer uma obra sugestiva e rica de memorialista *avant la lettre*, com méritos de prosador capitoso mas escondendo sob o exercício sentimental e formal um dissipar de qualidades que é pena não ver aproveitadas em criações de mais definitivo quilate. Reunindo impressões de observação do real, devaneios da vida interior e da recordação, traccejados breves de inventiva romanesca, esboços de paisagem, e de caracteres, evocações de figuras extintas ou de lugares em que se esvaiu a antiga presença humana, estas páginas são uma evasiva do escritor de ficção ao seu destino. Nos contos de «Estrada» e no romance «Pedro» (que é, na verdade essencial, muito mais um conto alongado do que um romance) deixou delineada Manuel Mendes uma genuina e poderosa vocação de contista. O género, no alto nível em que o autor o apresentou com esses dois livros, é trabalhoso e exigente. Implica uma densificação de experiência e uma contenção formal que só o escritor fervorosamente devotado ao seu ofício é capaz de manter. Aquele outro género da crónica libérrima também faculta satisfações literárias, exigindo muito menores sacrifícios de disciplina. E Manuel Mendes está a deixar-se embalar nessa facilidade, vendo fugir com o tempo a obra relevante de contista que se poderia esperar dele.

O género da crónica de impressões, polvilhada aqui e ali de invenção ficcionista, é um género menor. Pressupõe um certo diletantismo, no correr da pena sem designio prefixado. É um abandono e um luxo. Os admiradores de «Estrada» e de «Pedro» não podem perdoar-lhos. Neste «Terceiro livro do Bairro» não está presente a força criadora que se revelou naqueles dois livros, com a sua forte síntese de caracteres, a mancha firme ou rutilante de paisagem natural e humana, a implícita sugestão protestatária contra o mundo errado em que se geram a miséria e a dor. A divagação do memorialista e do cronista submerge a forte têmpera criadora, mesmo quando a narrativa toma a aparência contística, como acontece em muitos passos do livro. É certo que essa arte de composição heterogénea tem a sua novidade — mas é uma novidade precária. Poucas vezes resulta bem. O leitor sente com frequência, ao longo de páginas tão bem escritas, o enervamento da monotonia ou o desencanto da fantasia malograda. E não sente a força do escritor definido, o impulso da adesão sentimental ou estética.

Em certos passos, como em «Rosinha» ou «A senhora dona Lavínia», o construtor de verdades essenciais através da ficção irrompe a lembrar que a veia fundamental ainda existe. São excelentes, também, como evocação flagrante e vigorosa, as páginas consagradas a Gualdino Gomes e a S. Miguel de Seide. Mas em grande parte do livro a composição é demasiado manifestamente literária, declinante num saudosismo mole, ou até reduzida á aparência de exercício prosóclico.

É claro que o estilo de Manuel Mendes, de um classicismo apurado em que entremeiam reminiscências de Teixeira Gomes e de Aquilino, é modelar na cadência e harmonioso, quase até ao maneirismo em certos passos, na construção formal. Desde o prolóquio, essa arte do prosador vai fluindo como corrente vagarosa e límpida. O gosto refinado de escrever chega a dominar quase por inteiro a matéria narrativa ou descritiva a que se amolda. Notas justas de verdade humana e de ternura humana verdadeira apontam a cada passo uma experiência da vida que não deixou perder-se entre os véus do pessimismo, da ironia ou da indiferença o muito que na vida pode encontrar-se de bom e de belo. E chega-se a pressentir neste livro de Manuel Mendes um inesperado pendor de contemplativo e de saudosista conformado em que vão gerar-se algumas das primaciais fraquezas que o assinalam.

MANUEL MENDES

O grande contista potencial que é Manuel Mendes mal se adivinha no «Terceiro livro do Bairro». O prosador é que está sempre presente — mas cabe esperar dele muito mais fortes e decisivas páginas de substancia literária e humana. *(Colecção Originais Portugueses, Sociedade de Expansão Cultural).*

«O ESPAÇO PROMETIDO»

por JOSÉ BLANC D

Assinalou-se neste lugar, ainda recentemente, a alta qualidade de poeta de José Blanc de Portugal, em contraste com a sua invertebração de pensador e ensaista a que faltam a direcção construida de pensamento e o estilo homogéneo. O mais extraordinário neste escritor é a escala surpreendente em que os defeitos e fraquezas do ensaista se convertem nas qualidades singulares do poeta. A flutuação enigmática, o combativismo difuso, a pesquisa intelectual sem alvos definidos, que fazem do «Anticrítico» uma obra de prolixa desconexão, convertem-se no poeta de «Parva naturalia» e, agora, deste belo livro «O Espaço Prometido» em revelação esplêndida de temperamento lírico. Aberta ás solicitações mais dispares, acolhendo dos ecos da vida as mais várias ressonancias, pesquisadoras da emoção profunda onde quer que o mundo de toda a gente faça sentir os seus enigmas ou expectativas sem rumo, a poesia de José Blanc de Portugal é de uma riqueza excepcional de significações. E a irregularidade de estilo do crítico apresenta-se nos versos do poeta — apesar da sua frequente aspereza e anomalias de ritmo — em audácia e originalidade formais, em força expressiva, em *energia* no sentido stendhaliano, que fascinam estranhamente.

Mais do que em «Parva Naturalha», é José Blanc de Portugal nas páginas de «O Espaço Prometido» o poeta das reacções imediatas, cruas e vivazes, ante as contradições da realidade. O que as preenche são «as ideias destes versos estranhos/quando saem de mim sem que os domine/mais que no guiar da mão dormente». Mas na sua espontancidade há a vocação receptiva sempre disponível, numa ansia de nada perder do que é presente, que parece pressupôr certa filosofia descricionária do temperamento: «Falta sempre pouco tempo para o quer que seja/O tempo não tem culpa do que nós pensemos». E, logo adiante destes versos de disponibilidade do espírito ou do instinto, vem a afirmação do imediatismo da inspiração poética: «Antes do futuro é amanhã/Amanhã é

«CIRCULAÇÃO»

por JOÃO RUI DE SOUSA

Honra a nobre iniciativa literária do *Círculo de Poesia* a publicação destes versos de João Rui de Sousa, que com eles consagra uma das vozes mais vivas e solicitantes do nosso lirismo contemporaneo. A sua poesia é feita de apelos, de invocações ao que está para além da realidade e do próprio sonho, de aceitação exaltadora do que é promessa e esperança para as almas livres. E, ao mesmo tempo, de calorosa afirmação individual, no primado do sentimento para além das palavras e das fórmulas e na ansia da criação interior, ainda que a negue a realidade imediata: «As palavras erguem-se/á altura do vento/e delas nasce a nuvem/do nosso pensamento./E a nuvem vai ou fica/fenece/Só o amor existe/e aquece».

Por tudo isso, pelo que anuncia e pelo que renega, pelo que teme e pelo que deseja, pela esperança e pela inquietação, é João Rui de Sousa uma verdadeira voz poética do nosso tempo. Esta poesia «ajoelha, solene, á face de Guernica»; sente «o gelado sôpro que nos agita do lado de dentro das ruas»; e logo parte a clamar que «é cada vez mais preciso/transformar a paisagem/navegar noutros barcos/percorrer outros rios», porque a sua inspiração de juventude esbarra na verdade incoercível de que «a copa das árvores/já não chega á nossa altura». Para dizer calidamente estas reacções da insatisfação encontrou João Rui de Sousa um estilo poético que é dos mais limpidos e cadenciados da lírica portuguesa de hoje, que traçou no seu ritmo moderno uma construção clássica e se exprime em esplêndida harmonia na confissão íntima e na dialética, do eu com o mundo externo. Sem duvida que a qualidade criadora do autor não sustenta sempre o mesmo nível. Há no volume poemas de frágil sentido e de construção vulgar. Nada se teria perdido se eles ficassem resguardados na numerosa reserva que todos os poetas — e principalmente os maiores defendem da divulgação. Mas o melhor do livro, realmente, é de beleza e sugestão raras. *(Edição Círculo de Poesia, Livraria Morais Editora).*

Um «BEST-SELLER»

FRANCISCO DE ASSIS

RENOVADOR DA HUMANIDADE

por GUEDES DE AMORIM

Um acontecimento LITERÁRIO de categoria MUNDIAL

À VENDA OS ÚLTIMOS EXEMPLARES DA 1.ª EDIÇÃO

No Prelo a 2.ª edição, com novo Prefácio do autor

Pedidos à Sociedade de Expansão Cultural

TRAVESSA DO SEQUEIRO, 4-1.º — LISBOA

O INTERESSE DO PÚBLICO por «O Enigma Português» de Cunha Leão

É verdadeiramente excepcional o interesse do publico pelo livro de Cunha Leão «O Enigma Português». Nem por ser um livro de ensaios, género de que naturalmente, o grande publico se afasta, a obra deixou de atingir uma vasta camada de leitores. Publicado há meses, «O Enigma Português», que a crítica referiu com elogio invulgar, já se encontra esgotado, devendo ser lançada, dentro em breve, uma segunda edição.

UTORES

MA

PORTUGAL

OSÉ BLANC DE PORTUGAL

pre a seguir/Logo é o instante
que ora escrevo».
ambém não há direcção estável
a poesia, da plena e dissonante
ptividade. Mas há a força, a
nsidade, a vitalidade, o impulso
perado, o rasgar de caminhos
logo se abandonam para tomar
os, a descoberta multiforme e
ada. Há em José Blanc de Por-
al um grande poeta, capaz dos
hores e dos piores versos, na
dade perturbadora da sua dis-
são. E há uma personalidade in-
fundível. *(Edição Círculo de*
sia, Livraria Morais Editora).

GISTO

William Faulkner está a sacudir
com a sua áspera e agressiva ar-
te da ficção o gosto da leitura
romanesca neste nosso País. As
traduções dos seus livros suce-
dem-se em cadência invulgar.
Depois de muitas outras a que
se fez aqui referência recente,
acabam de surgir nos escapara-
tes dos livreiros mais duas obras
de relevante sentido: «O som e
a furia», apresentado pela *Por-*
tugália Editora como o livro fun-
damental do vigoroso romancis-
ta americano; e «O mundo não
perdoa», incluido pelas *Publica-*
ções Europa-América na sua co-
lecção: Os livros das Três Abe-
lhas. O panorama já vasto das
traduções portuguesas de Faul-
kner fica assim valorizado com
mais duas criações significati-
vas.

Do romance de Virgílio Ferreira «Aparição», que trouxe á literatura portuguesa de hoje uma revelação fecunda e sensacional de novos caminhos e que conquistou por mérito próprio o Prémio Camilo Castelo Branco, foi publicada pela *Portugália Editora* a 3.ª edição em poucos meses. Com ela se preenche o 9.º milhar de tiragem, consagrando um livro singular, pouco acessível ao grande publico que procura recreio fácil, mas que tem vencido pelas suas sugestões penetrantes as barreiras da relutancia nacional ao que é novo, forte e complexo em arte. A 3.ª edição de «Aparição» é acontecimento de muito poucos paralelos na história literária portuguesa digna desse nome.

A *Editorial Aster* incluiu na sua série dos Melhores Romances de Humor a conhecida fantasia irónica de Jean-Claude Carrière «As Férias do sr. Heliot». Oscilando entre o mundo da infancia e o da complexidade simbólica na revelação da natureza humana, divertido na superfície, séria e intrigante na sua interpretação mais profunda, esta obra constitui um dos testemunhos mais universais da literatura humorística contemporanea.

FICHA BIBLIOGRÁFICA

«GIGANTOMACHIA»

de Manuel de Gallegos

Era um dos poetas altos do seu tempo este Manuel de Gallegos, hoje muito esquecido adespeito de seus livros serem raros e subirem bastante na cotação dos livreiros quando por acaso aparecem.

A «Gigantomachia» de que hoje reproduzimos o lindo e ornamental frontispício está a escassear cada vez mais. Esse frontispício tem o desenho de uma portada grandiosa. Ao alto as armas de Don António de Menezes a quem o livro é dedicado.

Dentro da Portada

GIGAN-/
TOMACHIA DE/
MANUEL DE/
GALLEGOS/
A/ don Antonio de Menezes/
en Lisboa por Pedro Crasbeeck. an. 1628 / Per tela per hostes/

O volume compreende 19 folhas que contêm o frontispício, licenças, dedicatória, poesias laudatória; mais 86 folhas numeradas só pela frente com o texto do poema e o do poema «Anaxarete» que começa a fa. 70.

As censuras são subscritas por D. Fr. Belchior de Abreu em que se diz do autor ser «tão louvado e engrandecido dos mais insignes poetas deste tempo como ele e sua obra merecem»; por Diogo Paiva de Andrada, o autor do «Casamento Perfeito» que diz ter examinado o livro e nele não ter achado «cousa contra o serviço de vossa Majestade»; e logo a seguir «Pareceu-me mui levantada poesia, cuja impressão creio que deve resultar em gosto e credito deste Reino, por ser muito agradável a lição dela».

As licenças da impressão são de Salazar, Soares e Pimenta d'Abreu.

Os poetas que enaltecem Manuel de Gallegos nas primeiras páginas são: Francisco de Sá de Menezes, «Don Garcia coronel cavalerizo del sereníssimo senhor don Fernando Infante Cardial», «Don Agustin collado del Hierro», Francisco Rolim de Moura, doutor Gabriel Pereira, Amaro Dinis coronel, Duarte da Silva, António Alvares Soares Hernando Manuel, Jorge Vaez de Granada, Luís de Melo, Luiz de Tovar, Francisco Soares Villalobos, Francisco Vicoso, Manuel de Sousa Coutinho, Paulo Gonçalves de Andrada, D. Francisco Manuel y Melo, Don Hieronimo de Atayde, Juan de Araujo de Leon. Todos estes poetas versejam em espanhol, Manuel de Spinosa, Cristóvão de Barros e dois anónimos cantam o poeta e seu poema, em versos latinos.

Nas primeiras 9 folhas do poema o autor traz um preludio erudito sobre os poemas e fábulas em que os antigos escreveram dos gigantes e suas fábulas.

De salientar entre esses poemas laudatórios que o de D. Francisco Manuel de Melo é publicado no mesmo ano em que saíram os seus «Doze Sonetos» á morte de D. Inês de Castro. Tinha o grande escritor 20 anos.

A «Gigantomachia» é hoje muito rara como dissemos.

RAUL REGO

Onde estão os camilianistas?

(Continuação da pagina anterior)

Nos leilões de livros pôs o ramo a grande camiliana organizada e vendida por Manuel dos Santos, de consulta bibliográfica ainda hoje indispensável.

Mas tudo esmorece e a fúria bibliográfica dos camilianistas pareceu abrandar e ultimamente tem estado como que no limbo. Entretanto, o estudo da vida agitada e marcada de génio e infortunio atingia novo ponto culminante desde que a pena mais castiçamente portuguesa e mais pujante deste século se deu a traçar os caminhos batidos por Camilo desde Lisboa a S. Miguel de Seide. O «Romance da Vida de Camilo» de mestre Aquilino Ribeiro é um autêntico monumento acabado de erguer, como melhor não poderia ambicionar a memória de Camilo.

Pois agora que o romancista do «Amor de Perdição» encontrou homem para ele e biógrafo á sua altura, admirador e intérprete, parece que os camilianistas voltam a aparecer. Há tempos, num dos leilões de Arnaldo de Oliveira um exemplar das «Horas de luta» foi a mais de seis contos. Quanto atingirá o lindo exemplar que dentro de dias será posto em praça?

E' uma camiliana pequena, 723 volumes entre originais de Camilo, obras sobre ele e outras. Material para três noites de pregação e dispersão. Na capa do catálogo o retrato de Camilo, de bigode de grandes guias, a mão esquerda metida no colete.

Ainda haverá a febre do camilianismo? Vamos a ver nos dias 12, 13 e 14 no leilão do Palácio Ficalho.

OS NOSSOS CONTOS

O CORREDOR

por MARIA TERESA HORTA

A mulher empurrou a porta com uma das mãos e entrou devagar no corredor, onde a penumbra trepava pelas paredes e pelas pernas das pessoas. Lá do fundo, imóveis e frias, olhavam-na nebulosamente, formas fixas, á imagem dela, nua e quente a caminhar.

Mas a mulher não caminhou mais, e, inclinada como um barco pelo vento, as suas costas eram vertentes de limos nunca secos, a escorregarem para o chão.

A mulher tinha entrado no corredor, e agora o corredor entalava-lhe os ombros com um silêncio vegetal, contra o silêncio curvo da sua boca.

O homem percorreu-lhe o corpo com os dedos e pensou:

— Estás morta. As tuas mãos não servem mais para nada. A tua voz era como um gladíolo. Agora, apenas os teus lábios são como dois gladíolos sem sexo.

— Lembras-te de te ter dito para não saires?

— Sim, fiquei a olhar-te por detrás dos vidros, era como se estivesse a inventar cada passo que davas, até desaparecer do tamanho de um insecto cada vez mais pequeno. Os meus olhos tinham-te morto.

— Eu disse-te para não saires.

— Sim.

— Mas tu saiste e os teus cabelos ficaram mais negros, molhados pela chuva. Os teus cabelos eram pessoas, que assassinaste, que afogaste.

— Os meus cabelos ainda são pessoas, vês?

— Não, agora são apenas afogados colados uns aos outros. Mortos sem corpo. E o teu corpo é o corpo de todos os mortos provocados por ti. Tinha-te dito que não saísses, eu sabia que ia chover e disse-te.

— Sim, tu disseste, o som das tuas palavras doeram-me no cérebro, mas depois foste-te embora, vi-te da janela. E era eu que te inventava daquela janela. Tu não me vias, mas eu via-te, eras meu. Um objecto de carne, meu, ordenado por mim, todos os teus gestos ordenados pela minha vontade. E os dedos empurravam os vidros á medida que tu te afastavas. Dedos vivos, dedos da espessura do sal, dedos carnívoros a exigirem a tua morte e, quando ao longe te tornaste pequeno a desaparecer, esborracharam-te devagar como uma mosca contra o vidro frio e duro, que perspectivava o início da tarde.

— Mas afinal eu não estava morto. Voltei.

— Não, tu estavas morto e foi nessa altura que começou a chover e saí para a rua. Os meus olhos tinham-te morto. Os meus dedos tinham-te morto e a chuva caia, a escorregar pelos braços, a colar-me o vestido ás pernas, a contornar-me os seios que se curvavam, repletos de chuva.

— Eu voltei e tinhas saido.

— Sim, tu voltaste, mas estás morto e eu sou como uma cidade submersa de água; ás minhas ancas estão coladas as algas do fundo dos lagos.

— Mas eu voltei e as minhas mãos estão sobre o teu colo.

— As tuas mãos estão sobre o meu colo e são como dois gatos siameses e quentes.

A mulher empurrou a porta com uma das mãos e entrou devagar no corredor, onde a penumbra trepava pelas paredes.

E o homem que estava lá ao fundo, viu-a inclinar-se e ficar imóvel como um feto.

— Os teus lábios são como dois gladíolos com seios.

E o homem saiu a correr sob a chuva, que lhe amordaçou os olhos.

E a mulher empurrou os joelhos com a testa e toda a memória foi as palmas das suas mãos a empurrarem a chuva contra o chão.

O CENTÉSIMO TÍTULO da «Que sais-je?»

A colecção mais popular das «Presses Universitaires Françaises» é a «Que sais-je?». Pois esta colecção já ilustre atingiu o seu centésimo título. Livros mais vendidos com tiragens de cerca de 100 000: «L'Existentialisme», «Le Marxisme», «La Psychanalyse» e «La Télévision».

O tricentenário da morte de Velasquez é comemorado com uma edição de reproduções das suas telas realizadas pela U. N. E. S. C. O.

EDIÇÕES PANORAMA

À VENDA
DOIS NOVOS VOLUMES

OS MENINOS E AS QUATRO ESTAÇÕES
Poesia, por
Tarcisio Trindade

ISABEL DE ARAGÃO RAINHA SANTA
História, por
Vitorino Nemésio

ANTOLOGIAS
POESIA
TEATRO

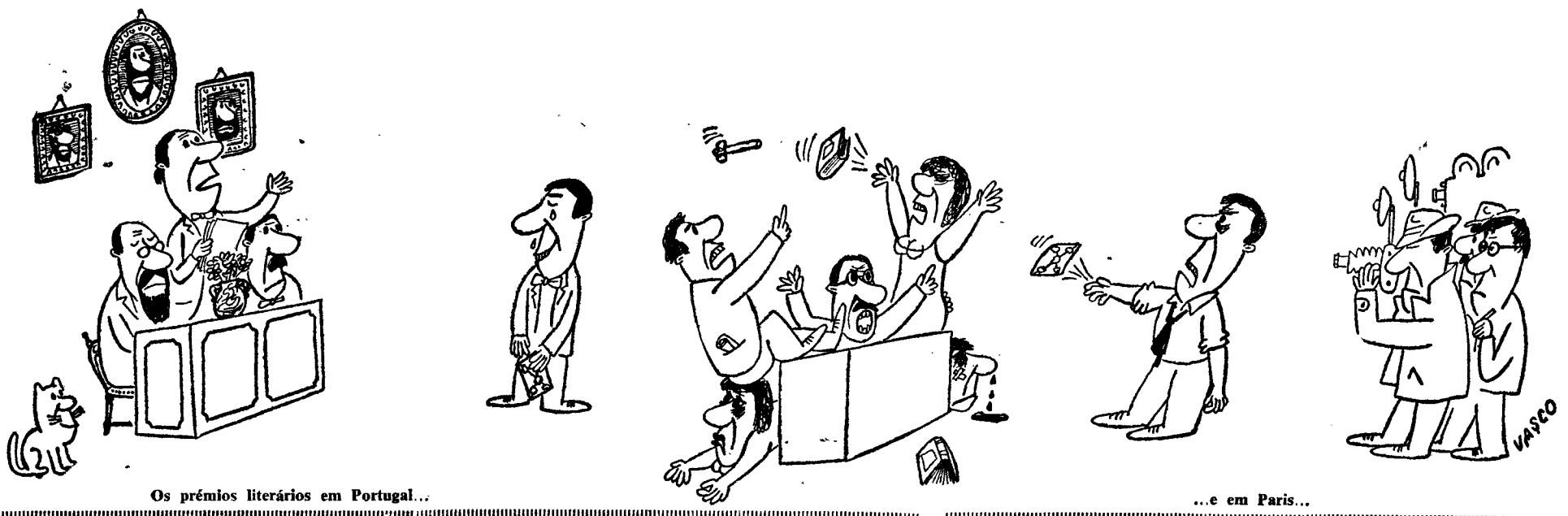
OS MAIS VARIADOS TEMAS NUMA COLECÇÃO MODERNA E ACESSÍVEL...

A SAIR BREVEMENTE

TEMAS PARA FLAUTA E ONDAS
Poesia, por
Francisco Arcos

CHARLES MAURRAS
Defesa do Ocidente,
Selecção e Prefácio de
Jacques Ploncard d'Assac

HISTÓRIA
FILOSOFIA
FICÇÃO



Os prémios literários em Portugal...

...e em Paris...

As afirmações de Domingo Manfredi

(Continuação da 17.ª página)

deparam-se amiude os queixumes e as lamentações de toda a classe de gente. Talvez insignificantes, perdidos alguns na vulgaridade da rotina policial, mas vibrantes e emotivos outros que são grito autêntico de humanismo a despertar o espírito do escritor, porventura desconhecido ou adormecido no agente da polícia.

— Não é portanto, estranha á actividade de agente da «polícia» a obra de «escritor»?

—Há mesmo muita dessa experiência na obra do «escritor». Aliás pinto as coisas que honestamente vejo no meu país. Este facto surpreendeu muitos daqueles que me julgavam adulador e não romancista. Sempre me preocuparam os problemas humanos. Não admira, pois, que romancista tenha alinhado nas «verdades e no humanismo» e não na «excessiva imaginação e na adulação».

Domingo Manfredi não engana ou melhor não ilude na aparência nem na realidade. Tem a sinceridade tão peculiar no andaluz como a franqueza do carácter.

— Qual foi a sua primeira obra literária?

— Um livro de versos intitulado «Flor de Marisma», datada de 1944. Naturalmente quando o escrevi procurei, vamos: «exceder-me», para realizar uma obra que satisfazendo o publico pudesse resistir ao tempo e permanecer sempre para mim como o melhor livro. O autor hoje, considera «Flor de Marisma» como um princípio, repleto de esperanças e muita vontade.

Nos contactos que temos mantido com escritores espanhóis — homens entre os trinta e quarenta anos — encontramos, predominando sobre a sua personalidade, uma formação intelectual obtida na mesma fonte: a Guerra Civil. Aqueles que conhecemos revelaram-se autores ainda no decorrer do rescaldo espiritual do conflito que abalou a Espanha.

Não vamos aqui analisar os problemas políticos e espirituais dessa guerra mas reconhecemos que do choque tremendo das ideologias políticas e espirituais correu muito sangue, a nação foi posta a «ferro e fogo» mas surgiu uma geração literária que, como diz Manfredi, não apresenta «uma literatura de falsos tipos, demasiado falantes e de vida cómoda».

Os escritores — alguns nunca tinham pensado na carreira literária — que intervieram na guerra encontraram-se frente á realidade de irmãos combatendo irmãos alguns nem sempre compenetrados na verdade do ideal que defendiam ou combatiam. O sangue inundou a Espanha e não foi absorvido facilmente pela terra. Espectáculo portentoso de emoção e de fratricídio. Esse mesmo espectáculo que ceifou milhares de vidas destruiu parte do pensamento e acção da Espanha — modelou e deu maturidade a uma geração que «feita no horror da luta veio a percorrer um caminho de verdade».

Domingo Manfredi não abandonou esse caminho de verdade. Os seus livros são aquilo a que podemos chamar um retrato da Espanha do seu tempo.

Ele mesmo diz:

—E' uma literatura de sinceridade para que, quando amanhã for preciso estudar a época se saiba quem fomos e o que fizemos.

Gostámos de ler o ultimo livro de Manfredi. O título é sugestivo e bastante significativo «A LOS PIES DE LOS CABALLOS». Repleto de estilo e autenticidade dá-nos o panorama humano de uma aldeia, lugar maldito, que tanto a chuva diluviana como o Sol abrasador, torna inculta e campo vasto para semear ódios. Os personagens têm um ponto de contacto no seu infortunio: estarem aos pés dos cavalos. «Em qualquer parte, sete pessoas estavam inquietas esperando a resposta a sete cartas, chave de sete destinos». E o Capitão Alamo, protagonista do romance, frente ao juiz — não justifica — apresenta, sim, o panorama das vidas de que ele é testemunha do infortunio.

O sabor humano e poético dessa declaração merece bem ser recordada.

«...Lo malo de don Quijote, señor juez es que lo ve todo lo alto del caballo, en la silla de Rocinante, a vista de jinete... Incluso Sancho, mira también desde lo alto del Rucio, en la albarda, cara al cielo cuando bebe de la bota, al chorro... Por eso, no quisiera que los sucesos que aqui nos han reunido fuesen juzgados con espiritu de quijote o de Sancho, porque ninguno de los dos entenderia, desde la altura del jaco o del pollino, la visión que del mundo tienen los que caídos en el suelo, la espalda sobre la tierra, ven horrorizados que se les viene encima la caballeria... Es decir, que un jinete, aunque no lo sea más que de borrico, no entenderá nunca los problemas de quienes estén materialmente a los pies de los caballos...».

— Quatro dos meus livros formam uma unidade de ambiente humano verdadeiro e colhido na experiência de juventude amadurecida na guerra.

Cada livro se ocupa de um problema: «Las Lombas tienen espinos» — a guerra com os meus inexperientes 17 anos; «A Los Pies de Los Caballos» — tema da rebeldia daqueles que abandonam a terra á procura de trabalho e «La Piedra» onde se encara a angustia actual da geração livre dos prejuízos da guerra.

Criou-se na Espanha do segundo quartel deste século um romance e um tipo de romancistas que ficará na literatura do país como índice de uma crise humana da nação e juiz, ao mesmo tempo, dessa crise. Ou seja, participante activo e posterior juiz dos actos a que assistiu.

Perguntar-se ao escritor qual o seu melhor livro é ir ao encontro de uma tremenda indecisão na resposta.

— O meu editor prefere «LA RASTRA». O publico acolheu bem este romance e encontra-se traduzido em diversos idiomas. Foi também galardoado com o Prémio Sevilha.

Para esta entrevista procurámos uma cervejaria da Calle Leganitos, que parecia calma e onde duas ou três pessoas conversavam a meia voz. Mas agora não há uma mesa vasia. Na maioria dos que aqui estão encontramos a juventude esperança de hoje para o futuro da Espanha. Ocorre-nos perguntar como que será o futuro literário do país.

—Encontro nos escritores de vinte e cinco anos uma completa formação intelectual mas falta-lhes, em contrapartida, a experiência e o contacto com os problemas humanos.

— Considera o romance uma arte difícil?

— Tanto quando considero atributo dos verdadeiros romancistas a conjugação do clima com o ambiente da narrativa, dentro de um tempo uniforme. Repare bem, o romancista deve procurar resistir ao chamamento do tempo mantendo-se alheio para atentar sim, á evolução natural do romance.

— E é possível seguir esse critério?

— Possível mas não fácil, nem tão pouco cómodo, para quem escreve muitos livros em pouco tempo. Atente que o leitor toma contacto em três horas com a obra que o autor demorou seis meses a escrever. O escritor tem portanto de manifestar a evolução do clima e do assunto e não deixar-se enlear nas faltas próprias da fácil alteração do seu espírito. Considero que o escritor enquanto não termina a sua obra deve fazer como o observador que não larga o telescópio sem encontrar tudo o que procura. Assim o escritor sem terminar a sua obra não deve perder o contacto com o clima e o ambiente do romance.

A experiência humana — de que tanto temos falado — continua sendo um «motivo de inspiração» na obra de Domingo Manfredi. Ela está presente na sua próxima obra.

— ...Prestes a ser terminada — diz-nos — A acção decorre nas Ilhas Canárias e é um estudo romanceado do povo e dos seus problemas que me parecem unicos, atendendo até ao quase isolamento de algumas ilhas.

— E tem mais algum livro em projecto?

— Sim, e desta vez o ambiente será a vida dos toureiros. A figura principal é o diestro, meio inculto, nascido algures na província, batalhador, valente e destemido. Vinga na arte de tourear e ganha milhões, uns bons milhões! Como o grande Ortega, sente depois uma necessidade de cultura que o dinheiro lhe pode facilitar com a compra de livros. E o «campesino» quase analfabeto torna-se depois um homem vivo de espírito, inteligente e culto.

ESCAPARATE

(De 1 a 8 de Dezembro)

Título — «Exodus».
Autor — Leon Uris.
Género — Romance.
Editora — Europa-América.
Numero de páginas — 800.

Título — «Do monte Sinai á ilha de Vénus».
Autor — Nikos Kazantzaki.
Género — Crónicas.
Editora — Prelo.

Publicação da obra do padre J. Alves Correia

O importante industrial sr. Lucio Tomé Feteira, que foi grande admirador e amigo do grande missionário e pensador religioso padre Joaquim Alves Correia, falecido, há anos, em Pittsburg, e que reeditou, no Brasil, «A largueza do reino de Deus», que tanta repercussão teve nos nossos meios intelectuais, quando da sua primeira edição, pensa publicar, também, alguns dos trabalhos inéditos, deixados pelo insigne sacerdote. Há semanas, o sr. Lucio Feteira adquiriu um busto do padre Alves Correia, obra notável do escultor Julio Vaz Junior, para o oferecer á Congregação do Espírito Santo, a que o saudoso missionário pertenceu. O busto será inaugurado brevemente no Instituto Missionário da Torre de Aguilha.

O Kwy expõe em Lisboa

O «KWY», constituido por Lurdes Castro, Jan Voss, Gonçalo Duarte, Christo, José Escada, João Vieira, René Bèrtholo e Costa Pinheiro expõem em Lisboa na Sociedade Nacional de Belas-Artes, de 11 a 25.

A exposição é subsidiada pela Fundação Gulbenkian.

capas de livros
ENVERNIZADAS
• DURAM MAIS
• SÃO MAIS ATRAENTES
• SUJAM-SE MENOS
• NÃO CUSTAM MAIS
LUXFLEX
RUA CONDE DAS ANTAS, 48-A — LISBOA-1
Telef. 65 08 25
ÚNICA CASA ESPECIALIZADA

A obra de Aquilino Ribeiro

(Continuação da 17.ª página)

tão mais absorvido na expressão das rusticas vozes e dos telúricos apelos. Ambas estão hoje tão vivas, para quem as ler ou as reler com o sentido do gosto literário bem desperto, como nos dias em que pela primeira vez vieram a lume. Tenham quarenta, tenham vinte anos — a «imensidade num tempo como o nosso, que inventou asas para ir mais depressa», dirá o glorioso mestre — a mesma vitalidade de assombro as anima e as actualiza perenemente. Pode-se gostar mais deste ou daquele livro de Aquilino, na diversidade dos ambientes em que se inspiraram ou que os alimentou; pode-se preferir as épocas rusticas, palpitantes de verdade beiroa e, como beiroa, universal, ás épocas do romance citadino; pode-se apreciar mais o romancista do que o contista, o historiógrafo, o ensaista, ou inversamente. O que não se pode, de inteligência aberta e coração isento, é deixar de admirar em todos os livros, de todas as «épocas» e de todos os géneros, essa força veemente, cintilante de cor e de perfume intemporais, armoriada em cada página num desenho impecável, que faz da prosa de Aquilino Ribeiro um tesouro sem paralelo na nossa língua. Em tudo pôs o gigante a marca da sua grandeza, para além do que é melhor ou do que é menos admirável na construção ficcionista. E ao reler as páginas juvenis de «A Via Sinuosa», como as de «O Arcanjo Negro», como ao descobrir nos novos livros que periódicamente enriquecem, pela mão fecunda do mestre, a nossa literatura — o mesmo sentimento de admiração agradecida e deslumbrada fica indelevelmente gravado em quantos comungam na devoção pela sua obra.

No final de lista dos volumes publicados por Aquilino Ribeiro, á data desta nova edição de «O Arcanjo Negro», anuncia-se que estão no prelo mais três obras originais do grande escritor: «De Meca a Freixo de Espada á Cinta», ensaios ocasionais; «Aboborões no Telhado», crítica e polémica; «O Bispo de Viseu», memórias e prefácio. Que elas não tardem. Os leitores e admiradores de Aquilino aguardam-nas com sempre insaciada gula literária.

FLASHES

- *Miroslav Krleza, o mais notável escritor jogoeslavo contemporaneo, vice-presidente da Academia de Ciências e Letras de Zagreb e director do Instituto de Lexicografia, será brevemente apresentado ao publico português através da publicação «O Grilo sob a Cascata» e «Enterro na Cidade de Maria Teresa», o primeiro dos quais é o próximo volume da colecção «Miniatura».*
- *G. Coutenau, assiriologo francês, é o autor de «A Vida Quotidiana na Babilónia e na Assiria» a sair durante este mês na colecção «Vida Quotidiana».*
- *«O Obelisco Preto», romance de Erich Maria Remarque, um dos maiores* best-sellers *na América, publicado em Portugal na colecção «Dois Mundos» foi considerado pelo «New Haven Register» «uma produção de tempestuosa alegria, de humor Rabelaisiano».*
- *«Les Gommes», um dos melhores romances de A. Robbe-Grillet, autor pertencente á «nouvelle vague», encontra-se publicado em português com o título «Entre Dois Tiros», na colecção «Dois Mundos».*
- *«Malditos Toscanos» do famoso escritor Curzio Malaparte, já se encontra publicado na colecção «Dois Mundos».*

POEMA

Talvez nunca mais ninguém me veja sorrir
mas há pouco ainda eu sorria
embora chorasse também.

Mas agora, sorrir porquê e para quem?

Foi nesta mesma praia
Encontro-me precisamente no meio deserto.
À minha direita está o princípio
À minha esquerda uma vida inteira
E aqui, no meio, donde não consigo saír,
o trágico fim — A morte!
Uma morte horrível e fria.

Vio-o descer estas escadas azuis
em direcção ao mar
e nunca mais o vi!
Perdeu-se na areia...
e nem sequer posso já descobrir
os seus passos que o vento apagou.

Agora sopra um vento frio
que me diz segredos terríveis.
Eu queria descer as escadas azuis
mas não posso!

Terei que ficar sempre aqui
a ver se descubro o seu caminho
para ir ter com ele.
Mas talvez nunca mais o encontre!

O vento continua
nos seus segredos terríveis...

MARIA AMÉLIA RIBEIRO

A BESTA HUMANA

Por BRUCE CASSIDAY

RESUMO DO CAPITULO ANTERIOR—Buckley, professor de literatura inglesa, casado com a bela Renee, aceita um repto do seu amigo Doyle, que afirma ser capaz de o transformar em assassino. No dia seguinte ao da aposta Buckley descobre que a mulher o engana com Doyle. Desorientado, deambula pelas ruas da cidade.

FOLHETIM SEMANAL
do Diario de Lisbôa

16

CAPITULO IV

Por quanto tempo percorreu ele as ruas escurecidas da vila? Reade Buckley provàvelmente não o saberia dizer. Devia ser pelo menos meia noite, quando ele subiu os degraus da entrada. Meteu a chave na fechadura, abriu a porta e depois de entrar, atirou-a com força. Com as mãos enterradas nos bolsos, atravessou a sala de estar e entrou no seu gabinete de trabalho.

Acendeu o candeeiro de mesa e deixou-se cair na cadeira. Ali ficou sentado até ouvir a voz de Renee.

— Reade — gritou ela lá de cima. — És tu?

O marido não respondeu.

Após um breve silêncio, ela tornou a chamar.

— Querido, és tu?

Ele continuou silencioso.

— Reade! — Ouviu a porta do quarto abrir-se e imaginou-a no limiar da porta, com a luz velada por detrás, desenhando-lhe a silhueta do corpo jovem e encantador.

Reade respirou fundo e com o olhar percorreu as paredes da saleta. Olhou curiosamente em volta. Como se fosse a primeira vez que se encontrava ali.

— Reade! — Ouviu-lhe os passos aproximando-se do patamar das escadas. — Respondes-me ou não?

17

Ele sorriu. Não, não responderia. Nunca mais.

Renee descia agora as escadas.

— És tu? — A voz soava mais perto, amedrontada. Já devia ter avistado a luz que brilhava no gabinete. Atravessava agora a sala de estar.

Ele olhou-a, com os olhos mergulhados na sombra do chapeu, vendo-a surgir no limiar do gabinete.

— Querido! — exclamou ela, com o rosto iluminado. — Eras tu! Por que não me respondias? Onde tens estado? Que aconteceu? Por que vens tão tarde? Que se passa?

Ele nada disse.

Renee calou-se de repente. Observou-lhe o rosto, o desenho duro dos lábios, geralmente tão ternos, e o olhar sombrio, geralmente tão claro.

Então arregalou os olhos. Pressentia o desastre. Era como se a culpa se espalhasse subitamente por si toda, destruindo-lhe o domínio, conquistando-a por completo, oferecendo-lhe apenas o medo.

— Reade! Que se passa?

Mas ela sabia. Ele viu que ela sabia.

E então, Reade sorriu. Com um piparote, atirou para trás o chapeu, num gesto que não lhe era familiar, e que sem duvida lhe fora inspirado nos filmes do cinema e da televisão. Só então ergueu o rosto para a mulher, para que ela lhe pudesse ver bem o sorriso sardónico que afivelara.

— Senta-te, Renee, senta-te.

— O teu casaco, querido. Não achas melhor tirar o casaco? E o chapeu?

— Senta-te, já te disse. Ali, Renee, á luz do candeeiro para que eu te possa ver bem.

Um sorriso trémulo perpassou pelo rosto de Renee, mas ela obedeceu á ordem. Sentou-se na cadeira que ele lhe indicava e repousou as mãos no regaço. Sentou-se na borda da cadeira, como um aluno que se prepara para ouvir uma reprimenda.

— Cheguei tarde, Renee, porque andei a reflectir.

18

A mulher franziu o sobrolho.

— Mas, querido.

— Deixa-me. acabar. Recordei uma porção de coisas. E uma delas foi um passeio de barco no Lago Bishop. Recordei a rapariga que estava no barco comigo, a rapariga que descansava a cabeça no meu ombro, para escutar os meus murmurios. A rapariga que me prometeu ser minha mulher.

Renee soltou um grito abafado, que bem poderia ser um solução de angustia. Ou de êxtase.

— Oh, Reade, pensei que tivesses esquecido esse passeio. Nunca mais me falaste dele, desde que casámos.

— Para que havia eu de te falar desse passeio, Renee? Para quê? Recordo-o constantemente. Para que havia de me referir a ele a todos os jantares?

— Mas, querido...

— Deixa-me continuar. Resolvi falar abertamente. Sim, preparo-me para uma prelecção. E esta prelecção está relacionada com os meus pensamentos enquanto passeava esta noite. Lembrei-me de outra noite, uma noite estival banhada pelo luar do Mediterraneo.

Renee tinha os olhos rasos de lágrimas.

— A nossa lua-de-mel — disse, com um suspiro. — A nossa lua-de-mel em Itália.

— Sim — concordou Reade secamente. — E mais do que a própria paisagem, lembro-me do que conversámos, Renee. Lembrei-me das promessas que trocámos.

O olhar de Renee iluminou-se. Ela sorriu e olhou com amor para o marido.

— Sim — sussurrou. — As conversas maravilhosas que tivemos.

— Disseste-me que eras muito tímida, que nunca falavas muito, no receio de não saber expressar as tuas ideias. Disseste-me que não acreditavas que o alicerce do casamento esteja num diálogo inteligente ou numa conversa brilhante. Disseste-me que, na tua opinião, o casamento assentava em muitos dos seus silêncios que se seguiam a longas conversas.

Ela sorriu.

19

— Sim, querido. E continuo a pensar o mesmo.

Reade esboçou um trejeito de ironia amarga.

— Estavas fascinada por mim, porque eu te citava poesia e cenas de amor de Christofer Marlowe e John Donne. Disseste-me que a nossa vida conjugal nunca seria ensombrada pelos habituais arrufos domésticos. Porque, dizias tu, os nossos espíritos estavam preocupados com coisas muito superiores.

— Sim — murmurou ela. — E era verdade.

— Acreditei em ti, querida. Juro-te que acreditei em ti. Procuraste-me porque eu sabia apreciar o que há de verdadeiramente belo na arte e na literatura, e eu procurei-te por te achar uma alma gémea da minha. Mas, agora, estou preocupado. Cometemos um erro. Não és da minha opinião?

Reade semicerrou os olhos e encarou a mulher, sentada sob a luz forte do candeeiro.

Ela abriu as mãos num gesto que quase implorava mercê.

— Não sei o que queres dizer, querido! De que queres falar? Temos um lar. Vivemos a vida que escolhemos. Que mais nos falta?

— A mim, nada — declarou Reade Buckley vagarosamente. — Mas quanto a ti... Não sei.

Renee franziu o cenho. Ficava com uma expressão encantadora quando se concentrava para seguir a cadeia de raciocínio do marido.

— Que queres dizer? Sentes-te infeliz? Encontraste... alguém? Foi por isso que não vieste jantar hoje? Reade...

Ele soltou uma risada breve e agreste.

— Eu? Não, Renee, não encontrei ninguém — Inclinou-se para a frente, sempre com as mãos metidas nos bolsos. — Mas tu sim, Renee. Tu, a minha mulher, o meu amor!

Renee arregalou os olhos numa subita revelação e abriu a boca. Descaiu na cadeira, olhando o marido com horror fascinado.

— Não fui eu, Renee! — gritou Reade Buckley. — Mas sim tu! Descobriste que a vida académica não é suficiente, que a vida do espírito e da alma não basta! Resolveste levar uma vida

20

de sangue e carne, de apetites e desejos! Tu sim, Renee! Tu! Foste tu que atraiçoaste as nossas promessas e juras! Transformaste-as numa macacada, Renee!

Esta, siderada pelo espanto, não conseguia articular palavra.

— E — prosseguiu Reade Buckley, em voz mais calma — existe uma maneira de pôr ponto final a tudo.

Dizendo isto, tirou a mão direita do bolso e o clarão do metal azulado da arma brilhou na luz. O olhar da Renee caiu na automática.

Reade desceu lentamente o braço até apontar directamente a pistola ao coração da mulher.

— Dolye tinha razão — disse com uma risada de mofa. — É um psicólogo de primeira. Sòmente identificou a falsa vítima. Talvez porque não é tão bom estudante da natureza humana como se considera. Não és da minha opinião?

A sua inesperada e explosiva casquinada era já a de um louco, a de um homem arrastado para além de um possível regresso.

(Continua)

PRÉDIO

Com 4 inq. em Lisboa c/ rendim. anual de 52.200$00 isento 6 a. preço c/esc. 850 contos. Trata: Laranjo, Alegre & Garcia, Lda., Praça da Alegria, 58, 2.º, Sala E. Telef. 26718.

LOJA

Com cave e g. sala podendo servir p. restaurante, ou outro negócio entrega-se devoluta. Estrada da Damaia a Benfica, n.º 4-4 A, ao lado dos Correios e Banco. Trata Laranjo, Alegre & Garcia, Ltd.ª. Praça da Alegria, 58-2.º, Sala E. Tel. 26718

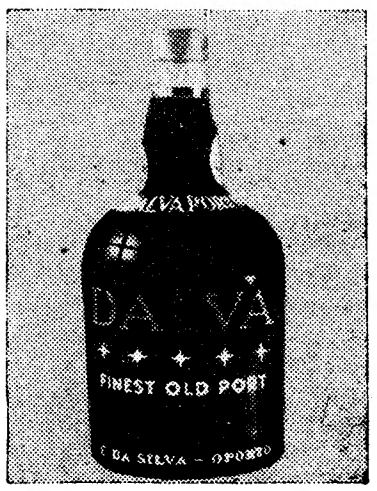
SRS. ARQUITECTOS E ENGENHEIROS:
FOTOCÓPIAS
E CÓPIAS DE DESENHO
Executamos em menos de uma hora
Rua da Palma, 159-1.º—Tel. 861956

OURO, PRATA, JÓIAS E RELÓGIOS
Grande sortido — Preços limitados
OURIVESARIA SANTOS CATITA, LDA.
Rua Eugénio dos Santos, 44

FIOS DE LÃ PARA TRICOT
NOVAS QUALIDADES
(AOS PREÇOS DE FÁBRICA)
ESCOCESA desde Esc. 150$00 cada quilo
ALEMÃ, Esc. 200$00, cada quilo
PEÇAM AMOSTRAS PARA
J. P. ALVARES FERREIRA, LDA.
Rua da Madalena, 78 — Tel. 27652
(Junto á Rua dos Retroseiros)
LISBOA
ENVIA-SE À COBRANÇA

CARTÃO DIPLOMATA
O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre de absoluta necessidade, em praxes protocolares, para pessoas de distinta condição social, bem como de bom gosto
ANIBAL - Gravador
Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA
A casa que melhor trabalha

HIPOTECAS
Sobre propriedades ou automóveis. Em todo o País. Rapidez e sigilo.
A FINANCIADORA
Companhia Nacional de Crédito S. A. R. L.
Av. da Liberdade, 3 — Telef. 24446
LISBOA



AGENTES EXCLUSIVOS:
GUILHERME ANTUNES PEREIRA, LDA.
Rua António Stromp, 10-A e 12-A
(ao Estádio do Sporting)
Telefones 790756 - 791006 — LISBOA

Vida musical

Banda de musica de G. N. R.

Depois de amanhã, ás 15 horas, a banda de musica da G. N. R. realiza o seu habitual concerto, no quartel do Carmo, sob a direcção do maestro Silva Dionísio.

Pró-Arte no Porto

Amanhã, dia 9, inaugurar-se-á a delegação da Pró-Arte no Porto, com um concerto no Centro Universitário, em que colaboram a pianista Maria Cristina Lino Pimentel e a declamadora Maria Germana Tanger.

PIANOS
Verticais e de Cauda
Alugam-se
CUSTÓDIO CARDOSO PEREIRA & C.ª
Rua do Carmo, 11

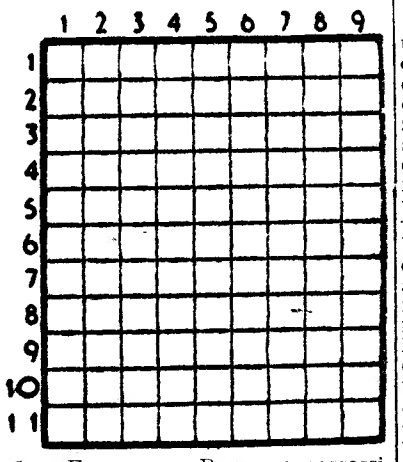
O «Diário de Lisboa» vende-se em Castelo de Vide no Salão Royal.

pequeno MAGAZINE

— O João esqueceu-se que amanhã é ele quem dá o «biberon» da manhã ao Luizinho...

★ ubmarino atómico ★

O primeiro submarino atómico, que foi lançado ao mar, em Groton, nos Estados Unidos, tem condições para lançar bombas nucleares, quer á superfície, quer em imersão.



5 — Fazer voar. Pronome possessivo (pl.). 6 — Símbolo químico da prata. Língua vernácula falada na India. 7 — Pátria. Rio de Moçambique. Interjeição. 8 — Prendam. Isolado. Cólera. 9 — Terreno coberto de vegetação no meio dum deserto. Adicionar.

Solução do problema n.º 4202

HORIZONTAIS: 1 — Barcarena. 2 — Ou. 3 — MD. Maca. 4 — Bi. Arão. 5 — An. 6 — Ró. Rum. 7 — Dr. Ira. 8 — Ea. Dar. 10 — Ranunculo. 11 — Os. A's.

VERTICAIS: 1 — Bombardeiro. 2 — Dinora. 3 — As. 4 — Cordiais. Um. 5 — Au. Rn. 6 — Madrid. Cá. 7 — Ar. Ura. 8 — Ca. Mar. Lá. 9 — Alão. Cós.

A resistência da teia de aranha

A teia de aranha não parece resistente. Na realidade, porém, é-o. Tanto que, se fosse possivel fazer com teia de aranha uma corda da grossura de 8 centímetros, tal corda suportaria o peso de 74 toneladas, ao passo que uma corda de canhamo não aguenta mais do que quatro toneladas.

Ao mesmo tempo, a teia de aranha é a matéria mais leve que se pode imaginar. Um fio de teia de aranha que desse a volta ao globo no Equador, não pesaria mais do que 250 gramas.

EFEMÉRIDES

No dia 8 de Dezembro de 1914 deu-se a batalha de Malvinas entre Ingleses e Alemães.

QUEM CANTA seu mal espanta...

Não anda sem companheira
O amor, a eterna criança...
Quando não é a Cegueira
É sempre a Desconfiança.

AUGUSTO GIL

DIZ QUEM SABE

NUNCA terá verdadeiros amigos quem tem medo de fazer inimigos.

HAZLITT

*** Evitai os três quartos do caminho ao amigo que vem ao vosso encontro.**

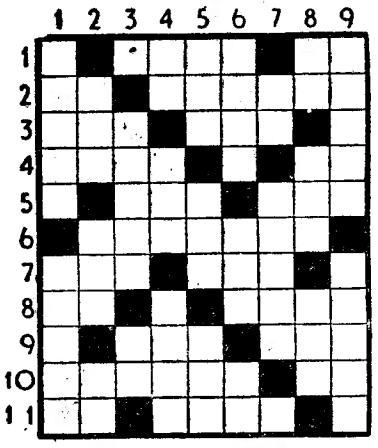
DESCARTES

*** Um homem sem um amigo é como a mão esquerda sem a direita.**

(PROVÉRBIO CHINÊS)

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVÉRBIO)



Problema n. 2157

HORIZONTAIS: 1 — Macia. Batráquio. 2 — Artigo definido. Virar. 3 — Caminho com casas. Ecoa. 4 — Régulo. Escarnece. 5 — Artigo definido. Rio de Portugal. Sobrenome de uma rainha de Portugal. 6 — Bradara. 7 — Elogio. Medida de superfície. 8 — Pertences. Ligeiro. 9 — Termo. Reza. 10 — Árvore ornamental. Nesse lugar. 11 — Saudável. Perfume.

VERTICAIS: 1 — Corcico. Feres. 2 — Transpiro. Ilha do mar Egeu, uma das Espórades. Aqui. 3 — Agita: Nota musical. 4 — Quarto. Antiga capital da Birmania. Aparo de escrever. 5 — Isolados. Ave pernalta. Numeral cardinal. 6 — Impulso. Livro de versos de António Correia de Oliveira. Contracção de preposição e artigo. 7 — Basta! Haste de metal, pontiaguda dum lado, com cabeça do outro, para se cravar num objecto. 8 — Símbolo químico do rádio. Esteiro. Cólera. 9 — Substancia mineral granulosa ou pulverulenta. Fazeis voar.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

Solução do problema n.º 2156

HORIZONTAIS: 1—Az. Porto. 2 — BECO. Iate. 3—Aia. Soba. 4—Tá. Cosera. 5 — Sal. Ris. 6 — Tal. Una. 7 — SEM. Ena. 8 — Bramis. Fá. 9 — Cria. Rás. 10 — Para. Vaia. 11 — SAÍDA. Al.

VERTICAIS: 1 — Abate. Sb. 2 — Zeia. Terças. 3 — Cá. Samarra. 4 — Pó. Cal. Miai. 5 — Sol. Eia. 6—Rios. Uns. Vã. 7 — Taberna. Rã. 8 — Otária. Faia. 9 — As. Casal.

(Provérbio: BECO SEM SAÍDA).

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 4203

HORIZONTAIS: 1 — Vila e concelho do distrito da Guarda. Grande cão de fila. 2 — Pedra de altar. Quartzo translucido e de cores variadas. 3 — Batráquio. O mais. Rente. 4 — Rezam. Nota musical. 5 — Severas. 6 — Camareiras. Chefe etíope. 7 — Farol da costa de Portugal. 8 — Pronome pessoal. Ajuste uma peça por meio de suta. 9 — Grande. Em partes iguais. Prefixo de negação. 10 — Em tempo anterior. Larva que se cria nas feridas dos animais. 11 — Brotam. Zelar.

VERTICAIS: 1 — Epoca. Célebre pintor francês. Vaso em que se guardam as cinzas dos mortos. 3— Oferece. Suco resinoso extraído das cápsulas da papoila. Preposição. 4 — Limpais com areia. Preposição.

Resposta a um censor da «História da República»

(Continuação da página central)

usada em relação com a politica ou as pretensões da dupla monarquia (Áustria-Hungria). O seu uso corrente e o seu conteudo real diziam respeito ás ambições alemãs sobre as terras da Russia. Antes da primeira e da segunda guerra mundiais foi esse um dos objectivos da sua diplomacia. O espaço vital e a geopolítica do general Haushofer não tiveram outro fundamento. As pretensões do império austro-hungaro nos Balcãs nada tinham com essa concepção predominante nos meios militares e políticos da Alemanha antes de invadir a Russia em 1914 e 1941. Ratzel, Neumann, Haushofer formam a cadeia dos doutrinadores que encontraram em Rosenberg o seu intérprete exasperado e em Hitler o seu executor delirante. O conceito da luta inevitável e exterminadora entre o germanismo e o eslavismo, cujas raízes mergulham no misticismo da Ordem Teutónica, tornava inevitável a expansão para Leste emprestando-lhe o espírito de cruzada. Esse conceito, essencialmente dinamico, nada tinha com a política estática do império austro-hungaro antes da primeira guerra. O objectivo dos dirigentes de Viena resumia-se em evitar que o centrifuguismo das minorias étnicas apressasse a dissolução do edifício precário que a tradição e a autoridade dos Habsburgos mantinham.

Falar de «Drang nach Osten» no sentido em que o fez o sr. Gomes da Silva é disparate sem explicação ou atenuante. Não se embaraça ele porém e com uma das suas habituais sortes afasta-o, escrevendo: «A expressão «Drang nach Osten» (impulso, ímpeto para Oriente) traduz na parte relativa ao império austro-hungaro um dos objectivos do pangermanismo que visava afastar a Russia para a Ásia permitindo á dupla monarquia (Austro-Hungria) ser nos Balcãs, com a perda do predomínio eslavo, uma potência hegemónica. O sentido expresso pelo ponto cardeal não contém erro». Como se trata do Leste tanto lhe faz que a expressão seja especificamente aplicada á expansão alemã como á política austro-hungara que nada teve com ela e nunca pode ser-lhe referida.

Ao falar das negociações que levaram á assinatura, em 1904, do acordo franco-britanico (Entente Cordiale) o sr. Gomes da Silva afirmou (Voz de 10-X) que Teófilo Delcassé, ministro da Republica Francesa foi para a sua realização «um simples agente». Depois divaga sobre a acção do rei Eduardo VII nessa conjuntura para dar a entender que foi ele o seu verdadeiro inspirador fazendo Delcasse figura de personagem secundária. O sr. Gomes da Silva pode ler em autores da sua preferência que foi o contrário. Maurras e Bainville, o primeiro no «Kiel et Tanger», o segundo na colectanea dos seus artigos sobre a França («La France» vol. I) são categóricos, referindo-se o segundo á influência do Conde Chaudordy no pensamento diplomático do ministro francês que teceu a teia das alianças que impediram o esmagamento da sua Pátria em 1914. Para o sr. Gomes da Silva sem Eduardo VII não haveria Entente Cordiale. «Se não fora a interferência pessoal directa de Eduardo VII, escreveu na «Voz», tudo se haveria transformado em malogro», querendo dizer que a política que levou á Entente Cordiale não era a do Governo da Grã-Bretanha mas a do seu soberano, o que é falso. Na biografia de Lord Lansdowne, que por parte da Grã-Bretanha negociou aquele acordo, escreveu Lord Newton: «Acontece, frequentemente, que, quando uma questão é resolvida favorávelmente com êxito, o mérito se atribui a quem nada teve que ver com ela. Foi o que aconteceu com o acordo anglo-francês de 1904. Uma parte do publico convenceu-se de que ele resultou da viagem a Paris de Eduardo VII quando não foi assim». Lord Esher, amigo íntimo e conselheiro militar do monarca inglês, deixou o seguinte depoimento: «Eduardo VII reconheceu sempre que era aos seus ministros que competia o encargo de fixarem a política externa da Grã-Bretanha. Quanto a si, restava-lhe apenas o papel de aprovar, ou não, essa política. E' ridículo afirmar, como fazem alguns, que foi o rei que iniciou a política de aproximação com a França ou que lhe deve mesmo ser atribuida a ideia da sua realização» (Jacques Bardoux, «Victória I, Edouard VII, Georges V»).

O papel de Eduardo VII na celebração da Entente Cordiale consistiu em aprovar a política do gabinete conservador que se encontrava no poder, e, durante a viagem a Paris que a precedeu, se conservar insensível ás manifestações hostis da parte da população parisiense que se opunha á política de aproximação com a Grã-Bretanha. O resto é produto da imaginação do sr. Gomes da Silva e não resulta do conhecimento dos factos. A honra de iniciar essa política cabe a Delcassé que tarde viu correspondidas as suas sugestões pelo gabinete de Londres.

A versão por ele dada das condições em que surgiu a Tríplice Entente nada tem com as razões que determinaram o aparecimento e o uso corrente dessa expressão, em seguida á assinatura do acordo anglo-russo para a delimitação das esferas de influência dos dois países na Pérsia, ficando intactas as causas de hostilidade que os separavam noutras regiões (Ásia, Extremo Oriente, Estreitos).

«A guerra de Manchuria (1904-1905), escreveu o sr. Gomes da Silva, enfraquecendo as potências da Dupla Aliança (franco-russa) quase destruiu a favor da Alemanha o equilíbrio europeu. Para restabelecê-lo, a Inglaterra abandonando a política tradicional de esplêndio isolamento, aproximou-se da França (1904) e da Russia (1907) mas sem querer ligar-se por obrigações taxativas, opostas á sua maneira de sempre. Notemos que a iniciativa partiu de Londres que não de Paris ou S. Petersburgo». Assim, segundo o sr. Gomes da Silva, a Inglaterra nada teve com a guerra da Manchuria (guerra russo-japonesa) e correu a salvar a Russia depois da derrota para restabelecer o equilíbrio europeu abalado por ela. Foi a Inglaterra que, celebrando em 1902 contra a linha tradicional da sua política, uma aliança militar, com o Japão, lançou este na guerra com a Russia tornando-a inevitável. Supondo que o Tríplice Entendimento, expressão córrente para definir a oposição de três potências á expansão alemã no nosso continente, correspondia a uma aliança tríplice, o sr. Gomes da Silva omite a rivalidade anglo-russa que era uma constante da diplomacia britanica (luta do urso e da baleia segundo a fórmula corrente nessa época).

Dados as natureza e objectivos destes artigos não nos alongaremos em referências a outros erros do sr. Gomes da Silva sobre a «problemática das alianças» que, em condições diferentes, seriam objecto da crítica severa que merecem. Mas é de D. Carlos e da sua obra que nos propusemos tratar e disso nos ocuparemos nos artigos seguintes. — *C. F.*

Lisboa conta com um novo "stand" de automóveis enorme e modernissimo

Ao serem descerrados, ontem ao anoitecer, os tapumes que cobriam a fachada do prédio n. 12 da Avenida da Liberdade, surgiu, ante o olhar surpreso dos transeuntes, o novo salão de exposições da Sociedade Comercial Guérin, que é em Portugal a representante dos automóveis «Volkswagen». Para além das portas envidraçadas, aparecia um vasto «stand», alvez mais espaçoso de toda a Península Ibérica (1000 metros quadrados de área), profusamente iluminada e decorado de modo a favorecer a apreciação daqueles carros, tão populares entre nós.

Importou em cerca de 7000 contos esta construção, que alia a modernidade a beleza ao sentido funcional. O arquitecto Alexandre Teixeira Bastos resolveu o problema do espaço mediante o lançamento de pilares, que mergulham fundo no solo e sustentam o antigo edifício, ora totalmente transformado. São de notaro o quadro de comando eléctrico de todo o salão e o elevador especial que permite expor destacadamente três automóveis. Em resumo, uma montra de luxo e de bom gosto, digna em todos os pontos da Sociedade Guérin e da marca «Volkswagen».

Teve a sua nota de elegancia a cerimónia da inauguração, a que assistiram os srs. conselheiro e adido comercial da Embaixada da Alemanha, delegado da «Volkswagen» em Portugal e numerosas individualidades do ramo automóvel, da alta finança e da industria. Da Alemanha deslocaram-se expressamente a Portugal os srs. Manuel Hinke, director da Exportação da fábrica «Volkswagen», e dr. Joachim Schieferdecker, do respectivo departamento de propaganda.

Os convidados foram recebidos pelos administradores srs. Heinz Eblert, José Duarte Ramos Jorge e César Silveira Machado e pelo grande obreiro desta notável realização, o presidente do conselho de administração da Sociedade Comercial Guérin, sr. José da Silveira Machado, que recebeu muitas felicitações.

Um aspecto da cerimónia inaugural

Serviço do Correio na quadra de Natal

Para tornar mais rápido e eficiente o serviço de expedição de correio na próxima quadra do Natal, a administração-geral dos CTT solicita ao publico que sejam observadas as seguintes regras:

1) As correspondências relativas a votos de boas-festas (circulares, cartões, impressos, calendários, agendas, etc.) devem ser expedidas o mais cedo possível. Caso contrário, correm o risco da entrega demorada.

2) A expedição de grandes quantidades de correspondência deve fazer-se em maços separados, consoante os seguintes destinos principais: Lisboa, Porto, Provincia, Ilhas, Ultramar e Estrangeiro.

3) Não devem usar-se grandes sobrescritos, geralmente caros, que chegarão ao destino amarrotados e com os conteúdos inutilizados. As revistas ilustradas, calendários, gravuras, desenhos artísticos, etc., devem ser embalados em forma de rolo, em canudos de cartão, com os endereços colados.

4) A partir de 12 de Dezembro a aceitação de correspondência de taxa reduzida, quando apresentadas por junto, só poderá fazer-se normalmente entre as 10 e 18 horas. Esta medida destina-se a não prejudicar a expedição das correspondências de taxa inteira (cartas e bilhetes-postais), que têm sempre prioridade nos casos de aglomeração de tráfego.

PIANOS

Verticais e de Cauda

ALUGAM-SE

Est. Valentim de Carvalho, Lda

96, Rua Nova do Almada, 99

LISBOA

BOLETIM DO DIA

PROGRAMAS DE RÁDIO

EMISSORA — *Programa A* — 451 m. — 655 kc./s. — A's 17: A casa e o Mundo; 17 e 30: Cançonetas; 17 e 45: Orquestras ligeiras; 18: Noticiário; 18 e 10: Musica de dança; 19: Crónica etnográfica; 19 e 10: Programa, pelo sexteto de artistas cegos; 19 e 30: Rádio Mocidade; 20: Jornal sonoro; 20 e 15: Melodias, por Dick Haymes; 20 e 30: Cançonetas portuguesas; 20 e 45: A orquestra de George Malachrino; 21: Noticiário — Varanda da Europa, comentário do correspondente especial da E. N., em Paris; 21 e 20: Melodias de Cole Porter; 21 e 30: Vinte minutos com João Rosa e a Orquestra Ligeira da Emissora Nacional; 21 e 50: Instrumentistas; 22: Concerto ligeiro; 22 e 30: Os Grandes Momentos da História do Mundo; 23: Musica de dança; 23 e 45: Noticiário; 0: Encerramento.

Programa B — 397 m.—755 kc./s. — A's 17: Musica sinfónica: «Sinfonia em si bemol maior», de Haydn, pela Orquestra da Sociedade Orquestral de Viena, dirigida pelo maestro Charles Adler; «O Pássaro de Fogo», bailado de Strawinsky, pela Orquestra da Suíça Francesa, dirigida pelo maestro Ansermet; 18 e 40: Musica de Bach: «Concerto em ré menor», pela Orquestra I Musici, com os violinistas Roberto Michaelucci e Félix Ayo; 19: Intérpretes musicais; 19 e 50: Noticiário regional; 20: Festival Rencontres Internacionales de Chimay de 1960, gravações cedidas pelo Instituto Nacional Belga de Radiodifusão: Recital de canto pelo barítono Gérard Souzay, acompanhado ao piano por Dalton Baldwin: Três canções, de Henri Purcell; «Quatro Lieder», sobre poemas de Goethe, de Beethoven; Três canções, de Henri Duparc; 20 e 30: Trechos de óperas: obras de Vicent d'Indy, de Ricardo Strauss e de Mussorgsky; 21: Noticiário — Comentário; 21 e 20: Separador; 21 e 30: Recital, pela pianista Maria João Alexandre Pires: «Variações sobre um tema de Haendel, op. 24», de Brahms; 22: Horizonte, semanário de letras e artes; 22 e 30: Musica contemporanea: «Suite Delphique», de André Jolivet, pelo conjunto instrumental, dirigido pelo autor; «Sarabanda», para cravo e orquestra, de Maurice Ohana, pelo cravista Denyse Gouarne e orquestra, dirigida por Ataulfo Argenta: «Pranto», por Ignacio Sanchez Mejias, de Maurice Ohana (poema de Garcia Lorca), por Maurício Molho, recitante Bernard Cottret, barítono solo, coro e Orquestra Cento Soli, sob a direcção de Ataulfo Argenta; 23 e 45: Noticiário; 0: Encerramento.

RADIO CLUBE — A's 17 e 46: Solistas; 19: Variedades; 20 e 20: Solistas; 21 e 45: Curso de língua inglesa; 22: Hot Club; 22 e 15: Cançonetas; 22 e 30: Conjuntos; 22 e 45: Imagens por musica; 23 e 30: Ritmos de baile; 23 e 45: Noticiário; 2: Noticiário; 3: Fecho.

Estação Miramar — A's 17 e 55: Reabertura; 18 e 15: Musica regional portuguesa; 18 e 30: Ritmos de baile; 19 e 15: Intermédio musical; 20: Boletim informativo; 20 e 30: Curso de língua inglesa; 21: Noticiário; 21 e 15: Cançonetas; 21 e 30: Motivos portugueses; 21 e 45: Programa «jazz»; 22 e 15: Programa leitura; 22 e 45: Melodias; 23: Rua Larga; 23 e 30: Trechos recreativos; 1 e 7: Sumário; 1 e 10: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA — A's 18: Encontro ás seis; 18 e 15: Noticiário e boletim religioso; 18 e 30: Terço, bênção e missa vespertina; 19 e 50: Boletim do S. C. R.; 20: França, Horizonte do Mundo; 20 e 15: Separador musical; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Programa das nove; 22 e 35: Encontro com a noite; 23: A 23.ª hora; 23 e 55: Noticiário; 0: Fecho.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 19 e 30 ás 22: Voz de Lisboa; 22 á 1: Club Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

Hoje, ás 18 e 30, abertura; 18 e 32, transmisão da missa do dia da Imaculada Conceição; 20 e 30, reabertura; 20 e 32, telejornal; (1.ª edição); 20 e 50, culinária; 21 e 15, uma prenda «Philips» para sua mãe; 21 e 30, Dia da Mãe; 22, programa Mabor; 22 e 35, transmissão dos Estudios do Porto; 23, telejornal (2.ª edição).

Casa da Imprensa

Reune-se no próximo dia 15, ás 17 horas, na sua sede social, na Rua da Horta Seca, 20, em primeira convocação, a assembleia geral ordinária da Caixa de Previdência de Profissionais da Imprensa de Lisboa (Casa da Imprensa), para eleição dos corpos gerentes para o exercício de 1961 e apreciação do orçamento do próximo ano. Não havendo numero legal, a assembleia reune-se, com qualquer numero, no dia 22, á mesma hora.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

Concessão da distribuição de impressos na área da cidade e do exclusivo de publicidade por afixação de anuncios ou reclamos em papel ou tela colocados em caixilhos especiais de madeira ou em cunhais e pilastras dos prédios confinantes com a via publica, no período de tempo que decorre de 1 de Janeiro de 1961 a 31 de Dezembro de 1965

Em 27 de Dezembro de 1960, ás 11 horas, realiza-se na 2.ª Repartição da D. S. F. — Edifício dos Paços do Concelho, 3.º andar, o concurso em epígrafe sendo a base de licitação de 15 000$00, mensais.

O depósito provisório, de 7.500$00, é efectuado na C. G. D. C. P., suas filiais, agências ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo 1, anexo ao «Programa de concurso-tipo» publicado no «Diário Municipal» n.º 7186, de 17/3/959.

O concorrente deve enviar a proposta pelo correio em carta registada ou pelo Serviço de Correios «exprès», para a 2.ª Repartição da D. S. F. da C. M. L. (Edifício dos Paços do Concelho, 3.º andar), de modo a ser recebida até á hora marcada para a realização do concurso e o envelope deverá indicar claramente o concurso a que se refere.

As condições estão patentes na 2.ª Repartição da D. S. F. (Edifício dos Paços do Concelho, 3.º andar), das 9 ás 12 e das 14 ás 17 horas.

Lisboa, 6 de Dezembro de 1960.

O Presidente

António Vitorino França Borges

O «DIARIO DE LISBOA» vende-se em Leiria-Gare no Café Carvalho.

HORAS DAS MARÉS

BAIXA-MAR

Dia 8 — 11 e 58 (1,31 m.).
Dia 9 — 0 e 6 (1,42 m.); 12 e 40 (1,42 m.).
Dia 10 — 0 e 52 (1,55 m.); 13 e 38 (1,51 m.).

PREIA-MAR

Dia 8 — 18 e 40 (3,41 m.).
Dia 9 — 6 e 50 (3,58 m.); 19 e 21 (3,32 m.).
Dia 10 — 7 e 48 (3,48 m.); 20 e 18 (3,26 m.).

CARTAZ DO DIA

NACIONAL — A's 21 e 30 — «Uma mulher extraordinária».
TEATRO MONUMENTAL — Ás 20 e 30 e 23 horas — «Boa noite, Betina!»
CAPITOLIO — A's 20 e 30 e 23 horas — «A vida é bela!».
AVENIDA — A's 21 e 45 — «Flausino (homem de letras)».
VARIEDADES — «Cucurucucu».
ABC — A's 20 e 30 e ás 22 e 45 — «Espero-te á saída».
COLISEU — Ás 21 e 30 — Circo.
TIVOLI — «Sonho de amor».
S. LUÍS — «Psico».
IMPÉRIO — «Sob dez bandeiras».
S. JORGE — «Corações em festa».
EDEN — «Garota apimentada».
POLITEAMA—«A estrada da montanha».
ODEON — «Meus amores no Rio».
CONDES — «Ele, ela... e os espiões».
MONUMENTAL—«Ben-Hur».
ALVALADE — «Psico».
OLIMPIA — «Frankenstein 1970».
AVIS — «A tirana».
ROMA — «Arquímedes, o vagabundo».
ROYAL — «A noite e a madrugada».
RESTELO — «Um americano em Paris».
JARDIM CINEMA — «O capitão sem barco».
PROMOTORA — «Há lodo no cais».
ARCO-IRIS—«Cantinflas aviador».
CAMPOLIDE — «As serenata dos canhões».

FARMACIAS DE SERVIÇO

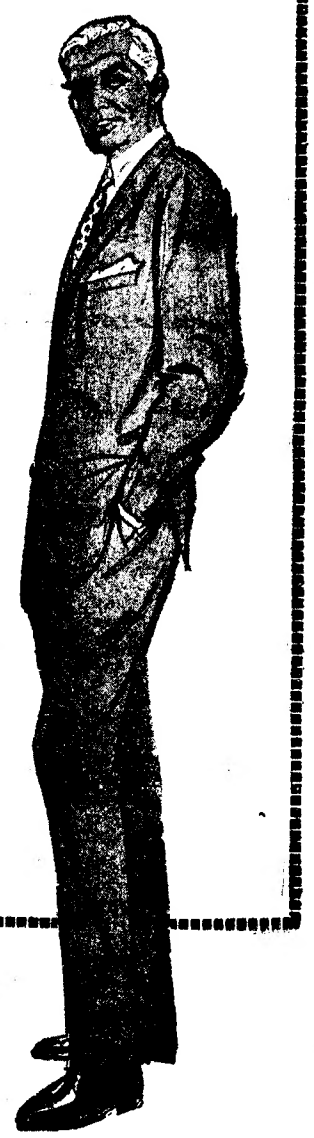
TURNO C — União — Estrada de Benfica, 592-594. Tel. 780092; Vitex — Estrada de Benfica, 373-B. Tel. 780548; Curie — Avenida Madame Curie, 15-A. Tel. 778439; Leal de Matos — Rua Neves Costa, 33-35, Carnide. Tel. 780181; Laranjeiras (Das) — Rua Filipe da Mata, 160-162. Tel. 761035; Central — Rua do Lumiar, 77. Tel. 790480; Douro — Alameda das Linhas de Torres, 93-A-B. Tel. 791131; Brasília — Avenida Rio de Janeiro, 66-66-A. Tel. 722368; Aeroporto (Do) — Avenida do Aeroporto, lote 318, loja D, (á Avenida D. Rodrigo da Cunha). Tel. 722384; Sanex — Avenida da Igreja, 31-C. Tel. 776905; São João de Deus — Rua Pedro Ivo, 1-A-B. Tel 725140; Algarve — Avenida de Roma, 7-B Tel. 777478; Campo Pequeno (Do) — Avenida da Republica, 58-D-E. Tel. 771661; Avenidas (Das) — Avenida da Republica 27-A. Tel. 733688; Império, Ld.ª — Rua Filipe Folque, 40-A-B Tel. 48002; Palma — Avenida Duque de Ávila, 25-31. Tel. 47089; Universal — Rua Actor Taborda, 5-7. Tel. 44158—A—; Ascenso — R. 27, 41 (Bairro da Encarnação). Tel 389216; Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia, 19 Tel. 389237; Conceição — Calçada D. Gastão. 30-32 Tel. 381279; Pereira, Suc. — Rua do Paraíso, 98-100 Tel 863224; Silva — Calçada de Santo André, 16. Tel. 862074; Branquinho — Rua dos Sapadores, 87. Tel 842725; Luzmar — Rua 2, 16-A, Bairro de Santa Engrácia á Picheleira). Tel P. P. C. 728395-720703; Ibéria — Rua Barão de Sabrosa, 235-A (á Alameda). Tel 728277; Bastos — Rua Morais Soares, 91-D Tel 844350; Castro — Avenida Almirante Reis, 76-A-B. Tel. 44373; Vicente de Jesus — Largo do Rato, 3-C-D. Tel. 681947; Salutar — Rua B, 75-A-B (Bairro da Liberdade). Tel. 683694; Judice de Oliveira — Rua de Campolide, 54-A Tel 684424; Pinheiro — Rua de Campo de Ourique, 131-133. Tel. 686640; Urbano de Freitas — R. Silva Carvalho, 1-9. Tel. 662838; Tagus — Praceta Possidónio da Silva, lote 3. Tel 669485; Bom Sucesso — R. Bartolomeu Dias, 63 Tel. 611454; Caramão da Ajuda (Do) — Estrada da Cruz. 20-C-D; Gomes, Cuc (Gonçalves) — Rua da Junqueira, 326 Tel 638193; Dilena — Rua Aliança Operária 49-A-B. Tel 636620; Costa — Rua dos Lusíadas, 32. Tel 636704; A. César — Rua Prior do Crato, 74. Tel 660187; Guerreiro da Costa — Rua das Janelas Verdes, 90. Tel 662327. Mota Capitão — Rua de S. Félix 45-A-B Tel 660720; Fénix — Rua da Cruz dos Poiais, 52 Tel 21031; Sanitas — Praça Luís de Camões, 24 Tel. 22798—A—; Liberal — Avenida da Liberdade, 219 (próximo da Praça Marquês de Pombal) Tel 43641; Silmar — Rua de São Lázaro, 128 Tel 42829; Portugal — Rua Augusta, 216-218 Tel 22073—A—

agora em Portugal

BODYGRAPH

PAT.

um fato à sua medida sem provas



VENDÔME

RUA DA VITÓRIA - 57

RUA DOS SAPATEIROS, 88 - 90

TEL. 22197

apresenta:

- **Livre escolha de tecido numa das maiores colecções de fabricos nacionais e estrangeiros — seleccionados, controlados e garantidos**
- **Corte individual pelo sistema MODYGRAPH**
- **Não carece de provas, economia de tempo e comodidade**
- **Fabrico e acabamentos extra sob contrôle e garantia MAWALCO**
- **Sem dúvida economia de dinheiro**

AGRADECE A SUA VISITA PARA COMPROVAÇÃO

O FAMOSO CHAMPAGNE

POL ROGER

E ALGUNS DOS SEUS MUITOS TRIUNFOS:

Abril 1957 — Ao jantar de gala do LOUVRE em honra da visita da Rainha Isabel de Inglaterra foi servido o Champagne POL ROGER.

No mesmo mês — Numa grande recepção de duas mil personalidades mundiais, em Versailles, foi servido o POL ROGER.

Maio 1957 — Na Vila Bonaparte, em Roma, o Presidente Coty retribui o jantar ao Presidente Gronchi, no qual a Embaixada Francesa escolhe, para champagne, a marca POL ROGER.

— A bordo do transatlantico «Queen Elizabeth», Mr. Churchill e Eisenhower fazem os brindes com o POL ROGER.

A CASA «POL ROGER» é autorizada a fazer uso do Brasão da Casa Real de Inglaterra como fornecedora do seu Champagne

14 de Setembro de 1958 — No almoço CHAUMONT o General DE GAULLE, no fim do banquete, brinda Von Brentano com o POL ROGER.

3 de Outubro de 1958 — Na Prefeitura de Ajaccio, numa reunião de todas as personalidades francesas, tendo como chefe o General DE GAULLE, triunfa o POL ROGER.

25 de Agosto de 1959 — No jantar dos esponsais de Ana Maria RASMUSSEN, da Noruega, com Stephen ROCKFELLER, foi pedido o Champagne POL ROGER Bruto de 1952.

30 de Agosto de 1959 — No jantar EISENHOWER e MACMILLAN, em Oxford, é o POL ROGER Bruto de 1952 que estreita a Irmandade entre as potências dos povos livres.

26 de Setembro de 1959 — Na sobremesa final do encontro EISENHOWER-KRUCHTCHEV o Champagne POL ROGER Bruto de 1952, alegrando os espíritos das duas grandes nações, coloca as bases para o melhor entendimento e para a Paz do Mundo.

20 de Dezembro de 1959 — No jantar oferecido pela Embaixada dos E. U. A., em Paris, em honra do Presidente Eisenhower, a quando da sua ultima visita, foi servido POL ROGER Bruto de 1952.

— No Banquete do Século, em Londres, foi servido POL ROGER, o Champagne favorito de Sir Winston Churchill, como poderá verificar-se pelas notícias publicadas nos jornais, entre os quais «O Século» e «Jornal de Notícias» de 26 de Março p. p.

*

Em todas as maiores recepções de carácter mundial é sempre o Champagne POL ROGER que marca os maiores triunfos

*

AGENTE EM PORTUGAL:

J. CÂNDIDO DA SILVA

LISBOA: Av. Almirante Reis, n.º 238-A — Telefone 727643
PORTO: R. de S. Luís, 12 a 18 — Telef. 22602 - 27202 - 34585

"Elektrim" fornece para as necessidades de laboratório, a aparelhagem polaca de medição e de regulação, electrónica e eléctrica, de altas características técnicas, construção moderna e elevada precisão de execução, exploração cómoda.

Oferecemos:

APARELHAGEM AUXILIAR DE LABORATORIO, COMO:

● Autotransformadores reguláveis ● Estabilizadores magnéticos ● Alimentações estabilizadas ● Divisores de tensão ● Compensadores de laboratório ● Atenuadores reguláveis ● Resistências de décadas ● Etc. ● Pontes de medição ● Geradores de medição ● Aparelhos de medição de resistência e de isolamento ● Voltímetros de lâmpadas e galvanómetros ● Osciloscópios catódicos ● Amplificadores de medição ● Estalões eléctricos

DIVERSOS APARELHOS ELECTRÓNICOS DE MEDIÇAO, COMO:

● Aparelhos medidores das distorções não lineares ● Aparelhos medidores da potência de saída ● Marcadores de tempo ● Comutadores electrónicos ● Q-metros ● Ondâmetros ● Aparelhos de medição para transitors ● e outros

"Elektrim"

SOC. POLACA RESP. LIM. PARA O COMÉRCIO EXTERNO DE EQUIPAMENTO ELECTROTÉCNICO
Teleg.: Elektrim-Varsóvia
C. P. 254 VARSÓVIA

Documentação técnica circunstanciada e ofertas especiais serão enviadas por intermédio dos n/ Representantes: **SONAFOR Sociedade Nacional de Fornecimentos Industriais, Lda.**
Rua dos Fanqueiros, 15 — LISBOA — Tel. 30587/8/9/0

O BÉBÉ DORME TRANQUILO NUM DUNLOPILLO

O sono tranquilo e repousante do bébe é resultado do conforto de um bom Colchão. O Colchão Dunlopillo é o indicado.
O Dunlopillo é completamente higiénico e não precisa de ser ventilado, o ar circula através da espuma do Dunlopillo mantendo-o fresco. Não acumula pó ou cotão.

Sono tranquilo só com **Dunlopillo**

Representante em Portugal: **G.ME GRAHAM JR. & C.ª**
Rua da Alfândega, 160 — LISBOA / Rua dos Clérigos, 6 — PORTO

MÁQUINAS DE LAVAR
FRIGORÍFICOS
ENCERADORAS
ASPIRADORES
MOÍNHOS DE CAFÉ
MÁQUINAS DE COZINHA
ESQUENTADORES
FERROS ELÉCTRICOS
TORRADEIRAS
SECADORES DE MÃOS
AQUECEDORES - VENTILADORES
VENTOINHAS,
ETC.

Standard Electrica S.A.R.L.

RUA AUGUSTA, 19

Mala Real Inglesa

Para:
RIO DE JANEIRO, SANTOS, MONTEVIDEO e BUENOS AIRES

ARLANZA — Dezembro 19
AMAZON — Janeiro 16 *
* Escala também **SALVADOR**

Para: **LONDRES**
AMAZON — Dezembro 28
ARAGON — Janeiro 23
RECEBEM PASSAGEIROS E CARGA

AGENTES EM LISBOA
Para Paquetes da Classe «A» e Passagens de 1.ª e 2.ª Classes
JAMES RAWES & CO., LTD.
Rua Bernardino Costa, 47 Tels. 23232 e 35331 (5 linhas)
Para Passagens de 3.ª Classe
E. PINTO BASTO & CA., LDA.
Av. 24 de Julho, 1 - 1.º Tel. 31581 (7 linhas)

OBTENHA DAS SUAS ECONOMIAS O MELHOR RENDIMENTO APLICANDO-AS EM OPERAÇÕES DE CRÉDITO COM

GARANTIA REAL
NA

A FINANCIADORA
COMPANHIA NACIONAL DE CRÉDITO
S. A. R. L.

Sede: Av. da Liberdade, 3-2.º — LISBOA e Sucursais no Porto e Coimbra

---

Pérola de S. Domingos
Rua Dom Antão Almada, 5-D

Vende-se os melhores cafés e chás, também o maior sortido em plantas da Flora Nacional e tropical que são a nossa saude. E a natureza ao nosso serviço. Procure ser saudável, sentir mais energias e melhor disposição.

(DEFRONTE DA IGREJA)

Mandamos á cobrança as nossas especialidades.

POLICLÍNICA DA RUA DO OURO ENTRADA RUA DO CARMO, 98-2.

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina, coração e pulmões — As 18 horas.
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia, ossos e articulações — As 18 horas.
Dr. Nelson de Figueiredo — Rins e vias urinárias — As 16 horas.
Dr. António Ferrão — Doenças nos olhos — As 14 horas.
Dr. Romão Loti — Doenças nervosas, electroterapia — As 14 horas.
Dr. Fernando Vasconcelos Dias — Estomago, fígado, intestinos e doenças ano-rectais — As 18 horas
Dr. Mário Jacques — Fisioterapia — As 16 horas.
Dr. Casimiro Affonso — Doenças das senhoras e operações — As 15 horas.
Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — As 18 horas.
Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes, prótese — As 10 horas.
Dr. Luis Malheiro — Pele e sífilis — As 3.ªs, 5.ªs e sábados, das 14 ás 16 e 30 h.
Prof. Dr. Alen Saldanha — Raios X — As 16 horas.
Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos — As 16 horas.